

CLAUDIA BETTINA IRENE RÖMMELT JAHNEL

## **O ARQUIVAMENTO DO EU: O DIÁRIO DE HUGO DELITSCH E AS LEMBRANÇAS DE EMMA ANTON (1844 - 1859)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marionilde Dias  
Brepohl de Magalhães

CURITIBA

2002

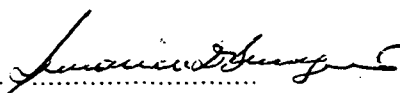


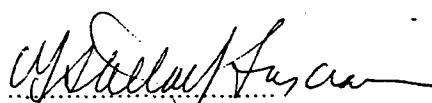
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791


### PARECER

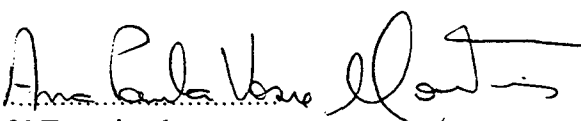
Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Tese da candidata **Claudia Bettina Römmelt Jahnel**, sob o título **O arquivamento do eu: o diário de Hugo Delitsch e as lembranças de Emma Anton (1844-1859)** para obtenção do grau de **Doutor em História**, após haver realizado a atribuição de notas são de Parecer pela ~~aprovacao~~ com conceito “...A...” sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Doutor**.

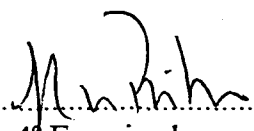
Curitiba, 29 de maio de 2002

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>   
Presidente

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>   
1º Examinador

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>   
2º Examinador

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>   
3º Examinador

Prof. Dr.   
4º Examinador

## AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Marionilde Dias Brepohl de Magalhães pelo apoio e o acompanhamento, o constante incentivo e a paciência com que leu os meus escritos.

À Universidade Federal do Paraná pela possibilidade de um lugar no Departamento de História.

À Maria Thereza Böbel do Arquivo Histórico de Joinville pela recepção calorosa ao me mostrar e abrir o caminho ao material de pesquisa do presente trabalho.

Aos colegas do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná pela amizade e boa vontade que sempre me demonstraram.

À CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - pelo financiamento da pesquisa durante o curso de Pós-Graduação na Universidade Federal do Paraná.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>v</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>vi</b>
<b>ZUSAMMENFASSUNG.....</b>	<b>vii</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2 O DIÁRIO: QUE GÊNERO É ESSE?.....</b>	<b>12</b>
2.1 O DIÁRIO VERSUS A MEMÓRIA - PEQUENAS DIFERENÇAS FAZEM GRANDES GÊNEROS.....	15
2.2 DIÁRIOS FAMOSOS: RESULTADOS DA PUBLICAÇÃO DO FORO ÍNTIMO.....	20
2.3 O GOSTO PELO SENSACIONAL: O USO DO DIÁRIO NA IMPRENSA.....	26
2.4 OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO - OS NOVOS DIÁRIOS. CONFISSÕES PESSOAIS NA INTERNET.....	30
2.5 FONTES PARA A <i>HISTORY FROM BELOW</i> : DAS VANTAGENS E DAS PRECAUÇÕES.....	36
2.6 NOVAS LINGUAGENS: A MEMÓRIA E O DISCURSO DA HISTÓRIA.....	41
<b>3 CONDIÇÕES DA VIDA PRIVADA NO SÉCULO XIX.....</b>	<b>46</b>
3.1 O DESENVOLVIMENTO DO SER: O AUMENTO DO AUTO-CONTROLE...	47
3.2 DO SURGIMENTO DO ROMANCE AO DIÁRIO COMO ROMANCE SECRETO INDIVIDUAL.....	54
3.3 A FUNÇÃO DO DIÁRIO NO CONTEXTO RELIGIOSO: PURITANISMO, PIETISMO, AUTO-EXAME E A GENERALIZAÇÃO DA ESCRITA DE SI.....	65
<b>4 O ARQUIVAMENTO DO EU.....</b>	<b>68</b>
4.1 A COLÔNIA DONA FRANCISCA.....	70
4.2 O DIÁRIO DE UM EMIGRANTE ALEMÃO PROTESTANTE.....	77
4.3 A ESCRITA DO DIÁRIO COMO MODO DE CIVILIDADE.....	82
4.4 UM RETRATO DA EMIGRAÇÃO: DESPEDIDA E NOVA ESPERANÇA.....	96
4.5 O DIÁLOGO OCULTO: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA PARA O PROTESTANTE HUGO DELITSCH.....	105

4.6 O RELATO DE VIAGEM PARA O BRASIL: "... FINALMENTE ESTAMOS NA LINHA DO EQUADOR".....	118
<b>5 A ACUMULAÇÃO DO ARQUIVAMENTO DO EU: AS STAMMBUCHBLÄTTER DE HUGO DELITSCH E EMMA ANTON.....</b>	<b>128</b>
5.1 MEMÓRIA FEMININA: A ARTE DE LEMBRAR.....	136
<b>6 O ARQUIVAMENTO DO EU - UMA TENTATIVA DE INTERPRETAR O NÃO DITO.....</b>	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>162</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Casas de colonos em Dona Francisca - 1865.....	72
MAPA 1	Local de destino de Hugo Delitsch e Emma Anton.....	76
MAPA 2	Região de origem de Hugo Delitsch (I).....	78
MAPA 3	Região de origem de Hugo Delitsch (II).....	79
FIGURA 2	Zur Essenszeit im Zwischendeck - 1882.....	120
FIGURA 3	Im Zwischendeck des Auswandererschiffes.....	121
FIGURA 4	Auswanderer im Zwischendeck eines Dampfers - 1886..	122
FOTOGRAFIA 1	Caixa para as folhas do <i>Stammbuch</i> de E. Anton.....	138
FOTOGRAFIA 2	<i>Stammbuchblatt</i> 'Flor'.....	139
FOTOGRAFIA 3	<i>Stammbuchblatt</i> 'Cabelo'.....	141
FOTOGRAFIA 4	<i>Stammbuchblatt</i> 'Despedida'.....	143
FOTOGRAFIA 5	<i>Stammbuchblatt</i> 'Guarda-chuva'.....	152
FOTOGRAFIA 6	<i>Stammbuchblatt</i> 'Cruz'.....	153

## RESUMO

O presente trabalho analisa aspectos de um gênero literário que emergiu na modernidade, o 'diário'. Apoiando-se principalmente nas idéias de Norbert Elias a respeito de psicologização e racionalização a partir do processo civilizador, procura-se refletir sobre a decisão de um determinado indivíduo no sentido de escrever e manter um diário. Para este propósito, em primeiro lugar será realizada uma incursão sobre o gênero diário e suas variantes. Depois será apresentado o diário de um emigrante alemão, Hugo Delitsch, que migrou para o Brasil junto à sua esposa em 1859. Trouxeram em sua bagagem não somente os vários volumes de diários, cobrindo os anos de 1844 a 1859, mas também uma espécie de álbum de poesia, especialmente cultivado pela esposa do emigrante. Será analisada a questão da memória feminina, baseando-se nas idéias de Michelle Perrot. Entende-se que o diário é uma expressão da cultura burguesa do século XIX que propicia um espaço onde se cria uma auto-invenção, onde é possível a criação da sua vida privada. Finalmente, refletir-se-á sobre o fato do emigrante ter parado de escrever no momento de sua chegada ao Brasil, após ter relatado sua vida durante anos, inclusive, sobre a longa viagem que realizou para chegar ao Brasil.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Arbeit beschäftigt sich mit der literarischen Gattung "Tagebuch" in seinen vielfältigsten Erscheinungsformen. Anhand verschiedenster Beispiele für den Einsatz des Tagebuches in unterschiedlichen Zusammenhängen wird zunächst der Frage nachgegangen, unter welchen Voraussetzungen und Umständen ein einzelner Mensch sich für das Tagebuchschreiben entscheidet. Als Hauptquelle und Beispiel für die Glanzzeit des Tagebuchschreibens dienen schließlich die Tagebücher (die Jahre 1844 bis 1859 umfassend) eines deutschen Brasilieneinwanderers, Hugo Delitsch, der 1859 zusammen mit seiner Frau in der Kolonie Dona Francisca eintrifft. Daneben wird eine andere Erinnerungsform untersucht, die besonders von der Frau des Auswanderers, Emma Anton, kultiviert wurde: das Poesialbum. Während letzteres sich als eine weibliche Art zu erinnern, herauskristallisiert, wird das Tagebuch als Ausdruck der bürgerlichen Kultur des 19. Jahrhunderts verständlich. Schließlich wird der Frage nachgegangen, warum das untersuchte Tagebuch gerade mit der Ankunft in Brasilien einen abrupten Abbruch findet und ob dieser in Zusammenhang mit den Auswanderungsgründen gesehen werden kann.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o gênero literário do 'diário' e suas condições de existência, ou seja, as condições individuais de um autor que se dedica a escrever diariamente, como também as condições sociais que possibilitam e favorecem tais atividades, sendo essas as condições da vida privada no século XIX. Dentro deste panorama, procura-se responder à pergunta de como e por que um indivíduo decide e se torna fielmente dedicado à idéia de manter um diário.

Não se trata no entanto de um diário que contenha informações úteis, como por exemplo, para a profissão de seu autor ou outros conteúdos dignos de serem divulgados, e sim dados de sua vida íntima e de acontecimentos que em princípio não interessam a ninguém a não ser a ele mesmo. Trata-se então do ato de guardar a memória - uma memória sobretudo de sentimentos - por meio da escritura.

A fonte que serviu para esta pesquisa é o diário de um imigrante alemão, Hugo Delitsch, que junto a sua esposa Emma, veio para o Brasil em 1859, quando tinha 32 anos, acompanhado do irmão Herrmann e sua esposa Ottilie. Em janeiro de 1859, chegaram na então Colônia Dona Francisca, mais tarde, denominada Joinville, onde Hugo Delitsch logo se estabeleceu exercendo sua profissão de farmacêutico. Hugo Delitsch e seus acompanhantes fazem parte de um grupo de extrema importância do século XIX; o grupo dos migrantes.

Os movimentos migratórios são de grande interesse e importância nas ciências históricas. Na vida social, migrações sempre representaram um fator decisivo: mesmo sendo o homem um ser sedentário desde o neolítico, os movimentos bélicos e migratórios sempre fizeram parte da história social e política. Assim, a migração também faz parte da história de todos os povos, de todas as culturas e das mais variadas constelações históricas. Especialmente na história dos

povos europeus, o século XIX é conhecido como o século da migração em massa<sup>1</sup>. De vários países da Europa vieram pessoas com esperanças de uma vida melhor e melhores chances para os seus filhos. O elevado número de migrantes já no século XIX fez com que os políticos da época falassem de febre de emigração ou até de epidemias (HANSEN, 1976).

No tocante à população de origem germânica, as estatísticas sobre sua entrada no Brasil a situam somente em quarto lugar. Dificuldades para obter a naturalização, a desorganização do sistema da colonização e a divulgação na Europa sobre revoltas de colonos, são, entre outros, fatos responsáveis pelo menor número de imigrantes no Brasil, se comparado com outros países da América (SEYFERTH, 1988).

Uma vez que o número dos imigrantes era pequeno, o que justifica o estudo de aspectos específicos em torno da imigração alemã no Brasil? Dois elementos são constitutivos: o que parece sociológica e historicamente interessante é, num primeiro momento, o fato de que nenhuma outra etnia se concentrou tanto em áreas homogêneas como os alemães. Em segundo lugar, a imigração alemã se constituiu como colonização em áreas pioneiras e comunidades fechadas: "O isolamento inicial -inclusive étnico- dessa colonização alemã foi um fenômeno característico que não tem equivalente na história da imigração no Brasil." (SEYFERTH, 1988, p. 4-5)

Quanto à imigração, em especial a imigração alemã - processo que se iniciou em 1824, temos uma ampla literatura, quer acadêmica, ficcional ou de cronistas. Existem trabalhos na área da história que ilustram aspectos da colonização, como por exemplo, a industrialização regional no Vale do Itajaí (RENAUX HERING, 1987)<sup>2</sup>. Trabalhos da Antropologia e da Sociologia dão enfoque aos mecanismos de

---

<sup>1</sup> Para um panorama detalhado quanto aos números de emigrantes nos anos 1820 até 1935, ver também Schneider, 1983, p. 213.

<sup>2</sup> A autora parte da tese de que o desenvolvimento econômico da região não foi condicionado pela expansão da indústria paulista e sim partiu de recursos auto-gerados e do mercado interno, tendo como condição fundamental o isolamento regional.

migração e estudam fenômenos relacionados à integração e marginalidade<sup>3</sup>. Pesquisas de psicologia investigam as condições psíquicas para uma migração bem sucedida e tematizam a biografia do migrante, a identidade no novo lugar e aspectos especiais de adaptação, como o idioma<sup>4</sup>. Estudos de literatura pesquisam e expressam a literatura em língua alemã no Brasil, apontando os dualismos 'aculturação' e 'marginalidade' expressos nessa literatura<sup>5</sup>. Estudos sobre o papel político dos imigrantes são apresentados por autores como SEYFERTH (1982), MAGALHÃES (1998) e GERTZ (1987).

Em paralelo ao processo migratório em massa do século XIX, documentado por vários livros e fontes oficiais, foi possível traçar partes do caminho de um migrante individual através de seus escritos: um diário de vários volumes e o seu e de sua esposa álbum de poesia.

Nenhum outro documento, como o diário e os álbuns de poesia poderiam transmitir tão claramente o espírito particular que movimentava o século XIX. Distante das datas oficiais de imigração, de visões que abrangem todo um século, avaliando a contribuição e o papel dos imigrantes no Brasil, o diário vive do desejo de preservar do esquecimento as experiências vividas individualmente e de preservar aqueles dias na memória que a história oficial não mencionaria. A observação dos acontecimentos, o olhar para aquilo que se passava, estava livre do esquema de previsão que tinha dominado o período anterior à Revolução Francesa, a qual se revelara como um ponto de partida para reflexões inovativas a respeito dos mecanismos entre passado, presente e futuro. A história como ciência começava a assumir um papel importante também na universidade, transformando-se sua tarefa de mera descrição do passado para uma formulação de perguntas ao presente. A questão da origem de um povo, de uma cidade, de um indivíduo, torna-se uma

---

<sup>3</sup> Dois clássicos com trabalhos fundamentais para o estudos desses aspectos são os trabalhos de Emílio WILLEMS (1980) e de Robert PARK (1928).

<sup>4</sup> Compare por exemplo Leon GRINBERG (1990).

<sup>5</sup> Um belo exemplo é o trabalho de Valburga HUBER (1993).

obsessão. O passado começa a adquirir uma função: ele é a razão do presente, é através dele que devemos e podemos entender quem somos e para onde vamos.

Segundo Alain CORBIN (2000), todo o século XIX procura a si mesmo e a suas origens. O que certamente muda é a percepção do ambiente, devido a uma mudança de percepção do tempo: o desenvolvimento dos meios de transporte, sobretudo do trem, representa uma mudança importante neste processo, não só porque possibilita viagens mais rápidas e economia de tempo, mas porque muda até a mecânica do olhar, o que habitua o homem ao olhar e à vista lateral.

Se, por um lado, o século XIX se apresenta a nós como o século de conquistas, tanto na área técnica - o exemplo do trem já foi mencionado - ele também é o século das grandes conquistas nas questões culturais: trata-se de uma época de sensibilidades refinadas, do sujeito que formula os questionamentos, do ato de perguntar pelo lema que deve orientar a vida espiritual do novo homem moderno: "Die Rückholung der Frage ins Subjekt führte nicht nur zu besonderer Empfindsamkeit für das religiöse Gefühl, sondern ging auch einher mit anderen Umbrüchen in der Ordnung der Sensibilitäten."<sup>6</sup> (CORBIN, 2000, p. 16) A invenção do sujeito provoca um dualismo entre corpo e alma, o que, por sua vez, dá origem ao anseio de reconciliação e harmonia. Assim, por um lado, o século XIX se apresenta com todo o seu *Mal de siècle*, nervosismo e doenças; por outro, percebe-se um grande esforço para unir essas forças tão contraditórias, de conquista e perda, através de um refinamento das sensibilidades de um olhar mais detalhado para si mesmo e para o outro. É nesse contexto que deve ser visto o desenvolvimento da prática de escritura do diário, pois ele é uma das várias possibilidades de se expressar essa sensibilidade e de poder conviver com essa época turbulenta.

---

<sup>6</sup> A retomada da pergunta em direção ao sujeito não só leva a uma sensibilidade especial para os sentimentos religiosos, mas também a outras mudanças na ordem das sensibilidades. Salvo outra indicação, as traduções são da autora do presente trabalho.

O ato de escrever um diário revela a consciência do autor de estar vivendo uma época histórica e indica uma visão ampla sobre a vida. O autor pensa para além dos seus dias atuais, querendo deixar um relato sobre o que está vivendo. Ao mesmo tempo, o diário revela a necessidade de uma auto-proteção, abrindo um espaço para as próprias fantasias e sonhos sem que alguém possa interferir, sublinhando o significado do ato de escrever para se manter um resto de dignidade humana em situações que levam o homem à margem de sua existência. Segundo ZUR NIEDEN, a "Literarisierung"<sup>7</sup> de situações difíceis ajuda a suportá-las: a situação está sendo submetida ao poder do autor que, na sua criação literária, pode mudá-la, recriá-la ou até reinventá-la. Por isso, fontes tais como o diário não podem ser usadas sem uma crítica severa, tampouco, o leitor deste gênero deve se entregar a "Aura authentischer Zeugenschaft"<sup>8</sup> (ZUR NIEDEN, 1997, p.113) a que está ligado o diário.

Por este motivo, faz-se necessário uma reflexão sobre a inserção do trabalho com um diário na historiografia contemporânea.

A partir dos trabalhos de Marc BLOCH e Lucien FEBVRE nos anos '30 do século XX, o homem comum, o cotidiano e os pormenores do dia-a-dia se tornaram objeto de investigação:

Animava o espírito da Escola dos Anais, o desejo de promover uma 'nova história' que levasse em conta temas até então considerados menores ou destituídos da marca de nobreza teórica, como a alimentação, os folguedos e ritos populares, os padrões de mentalidade coletiva. (ARAÚJO CAPELO, 1988, p. 34)

Essa nova orientação teórico-metodológica, admitindo o informal, o inconsciente e o cotidiano, permite-nos investigar através de documentos que nos levam a uma visão mais nítida e profunda de um certo período ou evento histórico.

---

<sup>7</sup> o ato de transformar uma experiência em literatura

<sup>8</sup> aura de um testemunho autêntico

O diário constitui uma documentação de um tempo histórico que nos permite essa visão. Ele oferece uma descrição do outro lado da história, tendo como característica a iluminação posterior de "tudo o que é interno, calado, se realiza à sombra e se solidifica no aconchego." (RENAUX, 1995, p. 7) Para o historiador, constitui-se a tarefa de recompor as histórias desses imigrantes, motivos pessoais de imigração, seus medos e seus sucessos no processo migratório, de ilustrar o espaço em que viveram e atuaram através desse microcosmos que os diários oferecem. Ao mesmo tempo, essa tarefa tem que levar em consideração de que a prática de escrever e o estatuto do texto em forma de diário tem uma história própria que se desenvolveu ao longo do tempo e em contextos diversos.

O presente trabalho visa mostrar como a cultura e as mentalidades do século XIX se manifestam no uso da linguagem, no uso de um certo código que revela mudanças na civilidade, tais como, por exemplo, no-las mostrou Norbert ELIAS.

Em primeiro lugar, vale a pena chamar a atenção para dois aspectos, enfatizando a ligação entre uma certa cultura da linguagem que seria aquela do século XIX, e a burguesia desta época, que fazia uso desta linguagem. Mais detalhadamente, são as relações entre burguesia e cultura por um lado, e burguesia e mentalidade, por outro lado. Um dos elementos centrais da cultura burguesa do século XIX é a divisão entre o trabalho regular e a família, constituindo-se esta na esfera privada e um abrigo emocional para o indivíduo, onde as normas e os valores do mundo do trabalho não têm validade: virtudes tais como tolerância, liberdade, naturalidade, honestidade, a importância de saber se comportar bem (o jeito de conversar, de se vestir, de se movimentar) e a importância dada à formação geral do ser humano, o interesse por literatura, artes e música ganham significado nesta esfera.

Fica claro que aquilo que faz de uma pessoa um burguês é a cultura que ela apresenta e possui: Estar de posse de bons livros, roupas, jóias, de um certo tipo de

mobiliário dentro de casa, apresentar um certo tipo de comportamento cultural tal como visitas ao teatro, ser membro de uma sociedade qualquer, a leitura regular de jornais, o gosto, os gestos e a manutenção de um diário.

Portanto, cultura aqui é entendida como sistema de conhecimento, de significados e de sentidos, revelando-se em formas comuns de vida e de comportamentos, ligando diferentes grupos da sociedade burguesa (o burguês urbano, o burguês comercial, o burguês intelectual) e formando aquilo que nós chamamos de civilidade.

Qual seria agora a diferenciação necessária para ampliar e completar o conceito 'cultura'? Enquanto falamos de cultura, consideramos em primeiro lugar as disposições cognitivas. O conceito de 'mentalidade' vai um passo além: considera as disposições afetivas de uma formação social. Mentalidade se refere principalmente ao fator inconsciente daqueles valores morais e estéticos que mencionamos quando falamos em cultura. Outrossim, mentalidade supõe a pressão coletiva à qual são submetidas as pessoas de um certo grupo social. A mentalidade cria as pré-condições para certos tipos de comportamento e ações.

É nesse sentido que o 'saber escrever bem' fazia parte das boas maneiras numa casa burguesa do século XIX o que era ensinado já na idade jovem, como por exemplo, a partir do hábito de escrever a 'Carta de ano novo'<sup>9</sup>, redigida pelas crianças para os seus pais e entregue sempre no dia 1º de janeiro. O ato de escrever, sejam diários, sejam cartas ou mesmo em álbuns de poesia, representava um exercício e treinamento para o exercício de um futuro papel social e emocional na sociedade burguesa. Era a codificação verbal de um espírito de vida burguês. Era portanto necessário interiorizar um certo tipo de cultura da escrita, um modo de lidar com diferentes tipos de textos, um universo de padrões e rotinas da linguagem escrita, de normas e estilos e seus respectivos valores - enfim, era muito mais do que uma simples técnica de escrever.

---

<sup>9</sup> Compare LINKE, 1996, p. 294.

A partir daí, podemos perguntar: o que diz o comportamento linguístico sobre a mentalidade de uma época? O que diz o uso do diário e a importância que a ele é dada em uma sociedade?

O diário tem que ser visto como uma prática educativa, uma forma verbal de auto-interpretação de experiências burguesas no século XIX. Ao mesmo tempo, é um mecanismo de distanciamento da classe burguesa, principalmente da aristocracia, mas também das camadas inferiores. Saber escrever bem, nesse sentido, era a marca de pertença a um grupo social. É tanto uma prática educativa como também uma forma verbal de se auto-interpretar.

Os documentos que restam dessa época e que nos dão uma visão desta experiência burguesa a partir de pessoas individuais são bastante peculiares: diários, cartas, álbuns de poesia. Por serem tão especiais, existe, muitas vezes, uma relação de encantamento entre estes documentos pessoais recentemente descobertos e reconhecidos como tais e o historiador. Por essa razão, o historiador Christophe PROCHASSON (1998), remete aos cuidados com as 'verdades' das fontes privadas: Em acreditar que o arquivo privado deve desvendar uma espécie de verdade, a pesquisa histórica desde o início toma um caminho errante. O autor, neste contexto, menciona o termo armadilhas:

"A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são às vezes bastante enganadores." (PROCHASSON, 1998, p. 112)

O trabalho com esse tipo de fonte leva também a uma reflexão sobre a situação atual da história como disciplina científica. Muito se fala hoje em dia de uma crise da história e essa discussão também é relevante para o presente trabalho. Em 1963, Edward THOMPSON publica seu livro "The Making of the English Working



Class"<sup>10</sup>, mostrando, entre outros, que 'a consciência de' tem sua origem sobretudo na experiência e não, como se declarava antes, nas condições de produção. Essa publicação mostrou que o objeto de pesquisa dos historiadores estava se transformando: o historiador se interessava menos pelas estruturas e muito mais para as experiências e a percepção dos atores da história. Todavia, experiência e percepção, por sua parte, também são elementos estruturantes, isto é, eles criam estruturas. Portanto, a realidade agora se constituía em dupla face: por um lado, existem as condições sociais, políticas e culturais, por outro lado, existe a interpretação e a construção dessa realidade pelos atores históricos<sup>11</sup>.

Roger CHARTIER (1988), no contexto de seus estudos em torno da leitura, mostrou que os atores se apropriam de seu mundo num processo ativo e não somente passivo-receptivo. Conseqüentemente, eles possuem forças criativas, não sendo meros produtos das estruturas nas quais estão inseridos. Com essas novas idéas a respeito do ator histórico, abriram-se inúmeras possibilidades de trabalho para o historiador.

Nunca houve tantos historiadores trabalhando nos mais diversos campos de pesquisa. A crise da história, a questão sobre a preferência pela história social ou cultural<sup>12</sup>, sobre o caráter literário dos trabalhos historiográficos são provocações aos atuais historiadores, reflexo do repensar seus objetos e do afinar a argumentação. Especialmente a meta-história de Hayden WHITE e suas teses a respeito do *linguistic turn*<sup>13</sup> deram nova ênfase na sensibilidade referente ao ato de escrever e à linguagem das fontes.

O desenvolvimento do presente trabalho tem como objetivo entender melhor o homem do século XIX e seus atos, trazendo mais para perto sua percepção da realidade. Também é fruto de vivências da própria autora: sendo uma emigrante

---

<sup>10</sup> Posteriormente foi traduzido para o português: 'A formação da classe operária' (1987).

<sup>11</sup> Compare HABERMAS, 2000.

<sup>12</sup> Compare WEHLER, 1998.

<sup>13</sup> Compare WHITE, 1991.

alemã do século XX para o Brasil, descubro, através dos diários, o verdadeiro significado da palavra emigração, encontrando naqueles pensamentos, minhas próprias alegrias e angústias, afinal... "The diary writers are eternal travelers of the ages, whose words reach out to us over the centuries and make them our intimates."<sup>14</sup> (KEENE, 1989, p. 396)

Como encaminhamento teórico do trabalho, optei por entender o diário como uma linguagem que forma e conforma a vida privada do século XIX. Constitui uma vida e cria uma auto-invenção. Para validar esta hipótese, realizarei, no primeiro capítulo, uma incursão sobre o gênero diário e suas variantes, selecionando alguns exemplos de diários tal como o de Anne FRANK e contrastando alguns tipos de diários, tais como o íntimo e o sensacional.

No segundo capítulo, partindo principalmente das reflexões de Norbert ELIAS, discutirei a emergência de uma linguagem voltada *ao* e construída *para* o foro íntimo. Demonstrarei que esta linguagem é algo que já estava presente entre as classes abastadas do século XVIII, mas que se difunde entre os mais afortunados das classes inferiores, entre eles, a pequena burguesia, e que tem no diário, nos álbuns de poesia (*Stammbuchblätter*) e nos objetos de lembrança sua mais forte expressão durante o século XIX.

Nos demais capítulos apresentarei o diário de Hugo Delitsch, emigrante alemão do século XIX, e que constitui o objeto principal desta tese. Este documento é analisado com a finalidade de discorrer sobre o gênero de uma escrita - de um diário, criando e formando a vida privada. Do mesmo modo são lidos e entendidos os objetos de lembranças do casal Delitsch, dando ênfase à lembrança e à memória feminina.

---

<sup>14</sup> Os escritores de diários são eternos viajantes pelo tempo, cujas palavras nos atingem através dos séculos e nos fazem seus íntimos.

Quando de sua chegada ao Brasil, Hugo Delitsch abandona o costume de fazer anotações no diário. Nada mais de cunho pessoal pode-se ler dele a partir do momento em que põe os pés em terras brasileiras. Final surpreendente do último volume dos diários, procurarei analisar o porquê do rompimento com o ato de escrever, além de reconstruir brevemente sua história e a dos seus descendentes no Brasil.

## 2 O DIÁRIO: QUE GÊNERO É ESSE?

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é  
o tempo homogêneo e vazio, mas aquele preenchido  
pelo tempo-agora [Jetztzeit]  
Walter Benjamin

O hábito de escrever um diário está em processo de ressurgimento. Jornais, revistas, a Internet e também a televisão se interessam por este material; descobrem-se, publicam-se e discutem-se diários. O que refletem essa vontade e esse interesse de se ver publicado ou em público as coisas mais banais do dia-a-dia de uma pessoa?

De todas as possibilidades de se preservar o presente, o diário parece ser a forma mais simples. É necessário somente um pedaço de papel e uma caneta. É muito simples e talvez por isso a forma mais utilizada e conhecida, tanto no espaço como no tempo.

Ademais, o diário constitui um gênero que se manteve ao longo dos séculos. Por isso, serão apresentados vários exemplos de épocas diferentes para mostrar que o diário cria e recria momentos vividos, a vida privada. Afinal, isto reflete a vontade humana de ser relevante no mundo. Porém, não existem regras ou formas fixas para se escrever um diário. É uma disciplina 'livre'. Existem portanto várias modalidades de como escrever o seu diário. Segundo REICHARDT (1998), podem ser distinguidos três tipos de autores de diários: o cronista, o escritor do momento e o comentarista. Isso corresponde a uma distinção em diários históricos, documentários e íntimos, divisão essa que nem sempre é aplicada tão distintamente.

O cronista basicamente documenta a sua vida, anotando fatos e dados, sem esquecer um único momento e trabalhando com muita precisão. É um diário deste tipo que herdou o curitibano Hary JUNGHANS e que ele denomina 'caderno de

anotações'. São informações sobre a chegada das famílias alemãs no interior do Paraná, escritas pelo pai. Ele começou a escrever em 1911, alguns meses depois de chegar ao Brasil e escreveu até 1982, quando a idade o obrigou a parar.

Ciente da importância e da tipologia do documento, o filho quer transformar as anotações do pai em livro: "É uma raridade, um pedaço da história do nosso Estado está aqui, nessas páginas." (JUNGHANS, apud LIMA, 1999, p. 6) Devido ao conteúdo, Junghans considera as anotações do pai mais um documento de interesse público do que um documento pessoal que teria que ser mantido em segredo. Não contendo grande quantidade de informações íntimas, esse diário remete muito mais a uma crônica e um relato do que aquilo que se espera geralmente de um diário - confissões íntimas. Constitui esse exemplo de uma autobiografia que visa um retrato literário da própria vida, enquanto o diário se caracteriza por uma linguagem muitas vezes coloquial e de caráter monológico, não literária, servindo como ajuda na memória para uma autobiografia posterior.

Como exemplo podem ser mencionados os escritos autobiográficos de Alfred DÖBLIN<sup>1</sup>, que nos apresenta sua vida fixada em acontecimentos importantes, tais como nascimento, formação escolar e universitária, mudanças de uma cidade para outra, desenvolvimento profissional e outros. Sobre tudo isso, DÖBLIN não o relata imediatamente, senão depois de ter concluído uma dessas etapas na vida. Ele não consegue se descrever a partir de si mesmo, mas tem que adotar o papel de um outro Eu para se aproximar de si mesmo: Assim, por exemplo, o médico descreve o poeta, e o poeta, mais tarde, por sua vez, descreve o médico - é somente através dessa adoção do outro Eu que DÖBLIN consegue descrever sua vida. Nos seus escritos, ironia e escárnio - também com referência a si mesmo - é uma presença constante e as suas descrições, na maior parte das vezes, são de natureza

---

<sup>1</sup> Escritor judeo-alemão, nascido em 1878 e falecido em 1957; exerceu a profissão de médico em Berlim, até emigrar da Alemanha devido à perseguição nazista contra os judeus e os indivíduos identificados com os partidos de esquerda. Sua principal obra é o livro "Berlin Alexanderplatz. Die Geschichte vom Franz Biberkopf", de 1929.

fisionômica: descreve a cor da pele ou a análise da sua letra e de suas mãos por um médico. DÖBLIN mesmo nos dá uma idéia exata de como ele vê sua relação com o passado e suas tentativas de se auto-aproximar através da escrita:

Von meiner seelischen Entwicklung kann ich nichts sagen; da ich selbst Psychoanalyse treibe, weiß ich, wie falsch jede Selbstäußerung ist. Bin mir außerdem psychisch ein Rühr-mich-nicht-an und nähere mich mir nur in der Entfernung der epischen Erzählung. Also in China und Heiliges Römisches Reich 1630.<sup>2</sup> (DÖBLIN, 1980, p. 21)

Parece então que para DÖBLIN a realidade da sua vida somente é suportável quando visto pelos olhos de um outro, mesmo sendo este outro uma criação do próprio DÖBLIN. As confissões íntimas a partir de uma vivência direta, imediata, não lhe constituem qualquer tipo de espaço de expressão.

Porém, são as confissões íntimas que podem ser encontradas nas escrituras do segundo tipo classificado, o escritor do momento. Somente anota o especial, o inesperado e o surpreendente, ou seja, aquilo que está fora do normal, do dia-a-dia. Para alguns desses autores, o momento de escrever é de importância fundamental, pois refletem sobre o significado desse momento e sobre a sua interligação com o vivido e o pensado.

O comentarista articula então a sua voz interna, a qual não encontra espaço para se expressar em outro lugar a não ser na escritura íntima. Ele estabelece um tipo de monólogo. O diário, para ele, desempenha a função de acolher com segurança os pensamentos mais íntimos e abre um espaço próprio para o desenvolvimento da pessoa no qual ninguém pode interferir: "Oft ist das Tagebuch der einzige Ort, an dem sich einer mit seinen Gedanken und Gelüsten sicher wähnt,

---

<sup>2</sup> Não posso dizer nada sobre o meu desenvolvimento íntimo; como eu mesmo trabalho com a psicanálise, tenho consciência da falsidade de cada auto-declaração. Sou um Não-me-toque para mim mesmo e somente me aproximo de mim mesmo através de escritos épicos. Ou seja, via China e o Santo Império Romano em 1630 [Título de dois livros de DÖBLIN].

dem er seine Geheimnisse anvertraut und Geständnisse ablegt - das Tagebuch als Zuflucht."<sup>3</sup> (REICHARDT, 1998, p. 9)

Porém, é importante lembrar que existe sempre um grau maior ou menor de autocensura que impede uma abertura total da vida íntima. As características dos escritos de DÖBLIN revelam essa autocensura, a qual o autor tenta superar através do uso de uma outra forma literária. Resta ao possível leitor de escritos íntimos identificar e considerar a autocensura como parte integrante de qualquer escrita íntima.

A literatura classifica o ato de escrever um diário como pré-forma, de caráter experimental, principalmente pelo fato de que muitos autores de livros usam seus diários como um tipo de laboratório para experimentar o som e o ritmo das palavras que posteriormente comporão sua obra.

## 2.1 O DIÁRIO VERSUS A MEMÓRIA – PEQUENAS DIFERENÇAS FAZEM GRANDES GÊNEROS

Ao olhar para os dois gêneros, 'diário' e 'memória', o que primeiramente se destaca é a diferença no próprio ato de escrever. Enquanto o diário constitui-se de registros feitos em poucas horas, ou em casos extremos, poucos dias depois de ter vivido uma situação, já a memória geralmente é um registro feito anos ou até décadas depois de um acontecimento. Geralmente, memórias são produto de um balanço no final de uma época, muitas vezes, no final da própria vida do autor. Um belo exemplo é o recém-lançado livro do historiador cultural Peter GAY (1998), que contém as recordações de sua infância em Berlim, na Alemanha, dos primeiros anos

---

<sup>3</sup> Muitas vezes, o diário constitui o único lugar no qual alguém se sente seguro com seus pensamentos e desejos, um lugar no qual ele confia seus segredos e faz confissões - o diário como refúgio.

do nazismo, narrados pelo pesquisador, agora maduro e sábio, e de claras convicções teóricas.

O diário, pelo contrário, registra momentos. É por isso que poderíamos chamar o diário de 'fotografia literária'. As observações levam às características do autor naquele momento, impregnam a obra e lhe dão seu ar de naturalidade. Exploram por dentro fatos que talvez até já fossem conhecidos, mas somente de uma forma oficial. Os diários de Viktor KLEMPERER<sup>4</sup> (1999) são uma prova disso.

Pela primeira vez, todo o tempo do nacional-socialismo está sendo avaliado pelo olhar de uma vítima. Os detalhes que esta vítima enxerga e que ela conta - o dia-a-dia da tirania - tem "die Genauigkeit eines Alptraumes"<sup>5</sup> (HEER, 1997, p.7). Vale a pena mostrar e discutir a singularidade desse olhar e perceber o valor daquilo que ele procurou fixar. A grande contribuição para a pesquisa da época é vista por HEER sobretudo no ato de KLEMPERER "zu zeigen, was Deutschland damals war - ein Ort des Schreckens für die Anderen, für die Juden - und wer die Deutschen waren - eine Gemeinschaft, die sich über die Ausmerzung dieser Anderen definiert hatte"<sup>6</sup> (HEER, 1997, p. 9).

Ao escutar, na véspera da eleição o discurso de Hitler, explorado amplamente por compêndios de história e em filmes, KLEMPERER anota no seu diário: "Mas o tom! A gritaria patética - realmente gritaria - de um fanático religioso. (...) Por quanto tempo ainda mantereis meu cargo?" (KLEMPERER, 1999, p. 13-14)

Os diários do alemão Victor KLEMPERER revelam seu pedantismo, sua teimosia e seu egocentrismo, o que se revela nas ocasiões mais diversas em que escreve. Depois de ter sido preso durante oito dias por ter esquecido de vedar uma janela à noite, ele comemora escrevendo: "Mas continuo escrevendo. Este é *meu*

---

<sup>4</sup> Foram escolhidos como exemplo os diários de Viktor Klemperer por terem sido escritos durante o Terceiro Reich, época à qual se referem as memórias de Peter Gay mencionadas nesse capítulo.

<sup>5</sup> a exatidão de um pesadelo

<sup>6</sup> mostrar o que era a Alemanha na época - um lugar de horror para os outros, os judeus - e quem eram os alemães da época - uma comunidade que estava se definindo pela extinção desses outros



heroísmo. Quero prestar testemunho, e testemunho exato!" (KLEMPERER, 1999, p. 466) O pedantismo, característica de sua pessoa, levou a uma obra-prima contendo detalhes até então desconhecidos e que compõem um nítido e novo retrato da falsidade e brutalidade do regime nazista. Tudo é importante e anotado, nada se perde dos olhos do detalhista.

A este respeito, é importante mencionar que os diários entre '33 e '45 mudaram decisivamente a discussão sobre o passado nacional-socialista da nação alemã - o que pode ser percebido claramente durante a discussão a respeito do livro de Daniel GOLDHAGEN (1996). Nessa, os diários servem como fonte e prova contra a tese de GOLDHAGEN, que foi acusado de negligenciar uma imagem diferenciada de terror do Estado e do comportamento individual - imagem que pode ser achada nos diários de Victor KLEMPERER:

*Tatsächlich läßt sich nicht leugnen, daß Klemperers Tagebuch 1933 bis 1945 manch überraschendes Licht auf widerständiges Verhalten im Nazi-Imperium wirft: die Antisemiten, denen er in jener Zeit der Rechtlosigkeit jüdischer Bürger begegnet, tragen entweder Gestapo-Uniform oder sind dumme Hitler-Jungen, bilden auf jeden Fall eine Minderheit gegenüber denen, die Klemperer Zeichen von Solidarität geben oder gar konkret helfen.<sup>7</sup> (NERLICH, 1997, p. 35)*

Porém, ao mesmo tempo, o autor chama a atenção para o fato de que nos anos de '33 a '45, KLEMPERER já estava afastado da profissão - deste 1935 - e tinha pouco contato com o meio burguês intelectual, e muito mais contato com as camadas inferiores da sociedade. Nos diários de 1918 a 1933, fica bem clara a "Durchdringung des bürgerlichen Milieus und speziell der deutschen Universität mit einem Antisemitismus, der nichts mehr mit früheren religiösen Distanzierungen und

---

<sup>7</sup> De fato não dá para negar que os diários entre '33 e '45 trazem fatos surpreendentes sobre o comportamento anticonformista no Império nacional-socialista: os antisemitas que ele [Victor Klemperer] encontra nesta época de ausência de direito dos cidadãos judeus, ou são de GESTAPO ou são meninos estúpidos dos grupos de jovens de Hitler, formando sobretudo uma minoria contra aqueles que dão a Klemperer sinais de solidariedade ou o ajudam concretamente.

immer mehr mit dumpfen, biologistisch-rassistischen Vorurteilen zu tun hatte"<sup>8</sup> (NERLICH, 1997, p. 36).

Não se pretende entrar mais profundamente na discussão sobre o comportamento e a atitude em geral do povo alemão frente ao nacional-socialismo, mas chamar a atenção para o fato sobre qual maneira estes diários conseguiram mudar a discussão a respeito, criando uma outra visão do período nacional-socialista. Victor KLEMPERER, mantendo o olhar do professor de romanística, de um erudito e sábio que escreve, simplesmente tenta entender o mundo em sua volta:

*Klemperers Tagebuch ist kein Kompendium der staatlichen Willkür, aber es birgt eine andere, ebenso wertvolle Perspektive. Seine Beobachtungen erschließen die 'Innenseite' der Verfolgung, das Erleben und die Erfahrung der Diskriminierung, der steten Einschnürung des Bewegungsraumes, der Enteignung und der Demütigung.*<sup>9</sup> (WILDT, 1997, p. 50)

O grande intervalo de tempo existente entre o acontecimento e o registro, no caso do gênero "memória", em muitos casos, leva a um embelezamento ou até a uma certa nostalgia na hora de lembrar o passado. Um trecho da resenha feita do livro de memórias de Peter GAY mostra isso: "O que estranha no livro, dado seu tema, é a persistente afabilidade do texto de Gay. 'Interesse' tende a ser um 'interesse absorvente', e é difícil ser feliz sem ser 'imensamente feliz.'" (KERMODE, 1998, p. 5) Outra parte da resenha chama a atenção para o tom suave com que foram feitos os registros, apesar de relatarem anos de angústia e medo da própria infância:

Gay registra suas memórias do cotidiano na cidade e da vida familiar, em apartamentos que encolhiam na medida em que desciam na escala social. A mudança mais terrível aconteceu em 1933, quando eles subitamente se tornaram judeus, como diz Gay. Mas até

---

<sup>8</sup> infiltração no meio burguês e especialmente na universidade alemã de um antisemitismo que mais nada tem a ver com o antigo distanciamento religioso e muito mais com preconceitos raciais-biológicos

<sup>9</sup> O diário de Klemperer não é nenhum compêndio do despotismo estatal da época, mas traz uma outra, valiosa perspectiva. Suas observações decifram o 'interior' da perseguição, a vivência e a experiência da discriminação, da redução do espaço físico, da expropriação e da humilhação.

essa transformação, que em última instância, era catastrófica, no princípio, não pareceu fazer grande diferença. (KERMODE, 1998, p. 5)

Mais tarde, ao concluir a análise do registro de GAY, o resenhista conclui: “A prosa é de uma rara suavidade, sem um ânimo consistente, provavelmente um reflexo do temperamento do autor.” (KERMODE, 1998, p. 5) Revela-se aqui a influência do amadurecimento do autor no seu olhar para a sua própria infância. Os sustos e angústias da época passada se tornam amenizadas pelas vivências e experiências de muitos anos de vida que se passaram, apesar de serem indeléveis para a memória, como afirma GAY. O que muda portanto, é o olhar do escritor da memória que se torna mais sombrio e abrangente, querendo explicar comportamentos e estabelecendo relações que somente agora consegue enxergar.

O diário certamente também contém omissões ou até embelezamento no ato de registro, mas dado a sua característica de anotações diárias, nele se exprimem eventuais medos e angústias de uma maneira direta, fresca, sem terem sido misturados com outras vivências ou reflexões que pudessem modificar em demasia o sentimento atual. Além disso, ele elege as banalidades e miudezas do dia-a-dia ao seu tema principal. Tudo isso lhe dá mais naturalidade e complexidade.

Resumindo, pode ser constatado que os dois gêneros têm objetivos diferentes: enquanto o diário quer estruturar e entender, sendo portanto, auto-suficiente, no sentido de que está sendo escrito pelo autor e para ele mesmo, a memória tem como objetivo a explicação de histórias ou comportamentos depois de passados, com a idéia de deixá-los inteligíveis para os outros. Portanto, enquanto o diário íntimo é constituído basicamente de vivências pessoais – no caso dos diários de Victor KLEMPERER, a brutalidade dos nazistas -, a memória se constitui de acontecimentos – como nos mostra o autor Peter GAY ao relatar a vida em família na Berlim dos anos trinta.

## 2.2 DIÁRIOS FAMOSOS: RESULTADOS DA PUBLICAÇÃO DO FORO ÍNTIMO

Um exemplo interessante de um diário, tanto de sua origem como de seu desenvolvimento, ao longo de muitos anos, é o diário da menina judaica Anne FRANK. Anne FRANK escreveu seu diário do dia 12 de Junho de 1942 até o dia 1º de Agosto de 1944. Essa menina, que futuramente queria se tornar uma jornalista, descreve sua vida no esconderijo na rua Prinsengracht em Amsterdã, tratando-se alguns trechos da sua infância como também das crescentes medidas coercivas contra os judeus a partir de 1938.

Observando o diário mais de perto, logo surgem várias perguntas interessantes: O que oferece o diário em si e quais são as suposições a partir das quais é ele aceito como documento? A palavra-chave aqui é novamente a idéia da autenticidade de um diário, que ofereceria um olhar sobre os fatos como realmente aconteceram. Outra pergunta trata daquilo que foi feito desse diário, que obteve, aliás, repercussão mundial. Aqui podem ser mencionados tanto a produção científica a respeito como também os inúmeros filmes e produções teatrais que foram feitos.

Muito rapidamente, fica claro que não somente existe uma única Anne FRANK, não uma única autora de diário, mas que as inúmeras adaptações, transcrições, cu seja, cada transformação do diário num outro meio de comunicação deturpou a imagem da autora e de seu livro original, admitindo-se que ela aparecesse e fosse interpretada sob um outro ponto de vista.

Uma razão pela recepção positiva do diário nos anos pós-guerra foi certamente a 'mania de documentação' da época. O diário, diferentemente de literatura de guerra ou de jornais guardados da época, valia como *document humain*, tendo portanto um valor extraordinário.

Numa das primeiras edições do diário em forma de livro, em 1947, Annie ROMEIN-VERSCHOOR escreve no prefácio:

Es ist ein Kriegsdokument, ein Dokument der Grausamkeit und des traurigen Endes der Judenverfolgung, der menschlichen Hilfsbereitschaft und des Verrats, der menschlichen Anpassung und Nichtanpassung. Die kleinen Freuden und die großen und kleinen Misereen des Lebens im Untergrund sind in einer direkten, unliterarischen und dadurch oft vorzüglichen Art beschrieben worden von diesem Kind, das auf jeden Fall diese eine Qualifikation einer großen Schriftstellerin besaß (...)."<sup>10</sup> (ROMEIN-VERSCHOOR, apud BARNOUW, 1999, p. 23).

Na resenha publicada sobre este livro logo depois dessa edição do diário, o historiador Jaques PRESSER escreve que desde a libertação, ele nunca leu "etwas so Reines und Ergreifendes"<sup>11</sup> (PRESSER, apud BARNOUW, 1999, p. 23).

Num prefácio a uma edição em alemão em 1950, Albrecht GOES escreve: "Geblichen ist uns nun dieses Tagebuch und mit ihm eines der merkwürdigsten Dokumente erwachenden Menschentums, so völlig absichtslos notiert und gerade durch diese Absichtslosigkeit so völlig lauter."<sup>12</sup> (GOES, apud BARNOUW, 1999, p. 25)

Se foram pelas características atribuídas de pureza, sinceridade e veracidade que o diário obteve muito sucesso durante bastante tempo, foram igualmente estas características pelas quais ele foi criticado. Sua autenticidade foi questionada, justamente por seu nível literário. Assim podia se ler num artigo crítico ao diário no ano 1967: "Jede gründliche literarische Prüfung dieses Buches hätte zutage gefördert, daß es unmöglich das Werk eines Teenagers sein kann."<sup>13</sup> (HENDRY, apud BARNOUW, 1999, p. 88)

Nos anos setenta, neonazistas tentaram mostrar que os fatos nele descritos não eram verdadeiros e apresentaram o livro como produto de propaganda anti-alemã. Outros críticos alegaram que o livro seria a obra de um produtor de teatro e

---

<sup>10</sup> É um documento de guerra, um documento da crueldade e da triste miséria da perseguição dos judeus, da caridade humana e da traição, da adaptação e não adaptação humana. As pequenas alegrias e as pequenas e grandes tristezas da vida clandestina são descritas de uma maneira direta, não literária e por isso tão primorosa, por uma criança que certamente tinha um grande talento como escritora.

<sup>11</sup> algo tão puro e comovente

<sup>12</sup> Aqui agora está este diário e com ele um dos documentos mais notáveis da humanidade se despertando, anotado tão sem intenção, e justamente por esse 'sem intenção', tão sincero.

<sup>13</sup> Qualquer revisão literária séria desse livro poderia ter mostrado que ele jamais poderia ser a obra de uma adolescente.

filme de Nova Iorque, em colaboração com o pai da menina (BARNOUW, 1999, p. 94).

Após a morte do pai de Anne FRANK, e para acabar de uma vez por todas com as dúvidas quanto à autenticidade do diário, o Instituto de Documentação de Guerra na Holanda decidiu publicar os diários completos de Anne FRANK depois de receber todas as suas anotações. Assim se realizou uma das publicações mais importantes da época do pós-guerra. Em 1986, foi publicada a edição completa do diário, com mais de 700 páginas. Essa edição foi usada com êxito num processo contra neonazistas, provando a verdade dos acontecimentos da Segunda Guerra. Mesmo que as discussões a respeito da autenticidade do diário nunca tenham cessado totalmente, a partir da publicação de 1986 as críticas têm diminuído consideravelmente.

Nos primeiros dez anos após a primeira publicação do diário, a imagem da diarista Anne FRANK foi basicamente construída a partir do conteúdo do diário. A maior parte dos leitores partia – em parte ainda parte – da hipótese de que o diário como documento pessoal da menina Anne FRANK relatava todos os fatos assim como realmente tinham acontecido, e, ao mesmo tempo refletia também todos os pensamentos e raciocínios da autora, de forma a mais completa. A autora foi idealizada, como tivesse relatado somente a verdade, sempre raciocinando da forma mais inteligente e autêntica. É verdade que já durante o tempo da guerra, quando Anne ainda estava viva e escondida na Holanda, ela escutou uma reportagem no rádio que sublinhava a importância dos documentos escritos para no futuro poder provar o que se passou nesses anos. Certamente isso influenciou na escritura do diário, tanto que algumas semanas depois ela anota: "Nach dem Krieg will ich auf jeden Fall ein Buch mit dem Titel 'Das Hinterhaus' herausgeben. Ob mir das gelingt,

ist die große Frage, aber das Tagebuch wird mir als Grundlage dienen können."<sup>14</sup>  
(FRANK, apud BARNOUW, 1999, p. 15)

Mesmo assim sendo, a maior parte dos leitores do diário se esqueceram de que um documento pessoal não é um mero reflexo daquilo que aconteceu. Um documento pessoal pode conter mentiras, pode conter estetizações, acréscimos, e o diário de Anne FRANK não era exceção: No seu estudo da recepção do diário de Anne FRANK, BARNOUW mostra isso, citando, entre outros, a descrição de uma cena no diário de Anne, que essa jamais podia ter feito, devido à localização de seu esconderijo na Prinsengracht:

Beispielsweise schreibt Anne am 19. November 1942: 'Abends im Dunkeln, sehe ich oft die Reihen unschuldiger Menschen mit weinenden Kindern! Immer nur laufen, von ein paar Kerlen herumkommandiert, geschlagen und gequält bis zum Umfallen. (...) ' Leser gehen davon aus, daß Anne das tatsächlich gesehen hat, deshalb wird es auch so oft zitiert. (...) Daß diese Szene sich offenkundig in der Staalstraat abspielt und damit von der Prinsengracht aus auf keinen Fall zu sehen ist, fällt natürlich nur dem niederländischen Publikum auf. Aber die Prinsengracht ist auch nie Schauplatz von Razzien gewesen. Anne hat es nicht gesehen, kann es nicht gesehen haben.<sup>15</sup> (BARNOUW, 1999, p. 113)

A segunda grande pergunta que exige ser abordada neste capítulo é daquilo tudo que foi feito do diário que aqui serve como exemplo e que mostra a abrangência do efeito do diário.

No começo, Otto FRANK, o pai de Anne, começou a datilografar parágrafos inteiros dos diários que Anne tinha deixado, traduzindo-os para a língua alemã, para que a sua mãe, a avó de Anne, que morava em Basel, na Suíça, pudesse lê-los e entendê-los. Já os parágrafos que falavam sobre pessoas ainda vivas, Otto FRANK omitia nesse primeiro trabalho com o diário.

---

<sup>14</sup> Depois da guerra vou querer publicar um livro com o título 'Os fundos da casa'. A grande questão é se eu vou conseguir isto, mas o meu diário vai me servir como fundamento.

<sup>15</sup> Por exemplo, Anne escreve no dia 19 de novembro de 1942: 'À noite, no escuro, muitas vezes, vejo os grupos de homens e mulheres inocentes com crianças chorando! Sempre ter que correr, ser comandado por uns caras, ser batido, ser torturado até cair. (...) ' Os leitores partem da idéia que Anne realmente viu tudo isso, por isso essa cena é citada com tanta frequência. (...) O fato de que essa cena só pode ter acontecido na rua Staalstraat e que por isso jamais poderia ser vista da rua Prinsengracht, somente é percebido pelo público holandês. Mas a rua Prinsengracht nunca foi lugar de rusgas. Anne não viu isso, não pode ter visto isso.

O trabalho mais abrangente, porém, só começou depois. Na verdade, Anne tinha deixado dois diários, uma primeira e uma segunda versão reescrita, mas que só abrangia os anos até março de 1944. Assim, Otto FRANK começou a datilografar essa segunda versão, mas, depois de 1944, ele voltou a usar a primeira versão. Assim ele criou o manuscrito que, posteriormente, para muitas versões e encenações da história de Anne FRANK, seria a base literária.

Destaque-se dessas versões uma encenação na *Broadway*, com mais de 1000 apresentações, inúmeros prêmios de teatro e sucesso de crítica. Porém, foi criticado especialmente na Holanda o “sucesso insuportável do diário de Anne Frank”, porque na versão teatral, os acontecimentos seriam deformados pelo exagero da dramaturgia:

Anne Frank wird also mit Hilfe enger Pullover und dergleichen so 'sexy' ausstaffiert, wie sie in Wirklichkeit nicht gewesen sein kann. Ihr Vater ist allzusehr der verträumte, warme, kluge, noble Jude, und die Widerstandskämpferin Miep ist ein wenig zu frisch, lustig, arisch und optimistisch, in der Art von 'Wir werden euch armen Juden schon helfen.' Es gibt Dinge, die heilig sind, und dann muß der Broadway eben die Finger davon lassen.<sup>16</sup> (BARNOUW, 1999, p.37)

Em outras palavras, na transformação do livro para o teatro, os fatos relacionados ao anti-semitismo, da caça dos judeus e do império de Hitler já tinham sido deixado para o segundo plano, o que resulta em uma trivialização dos fatos.

Além das adaptações do livro para outros meios artísticos, houve alguns estudos científicos. Entre estes, destacam-se aqueles que têm a intenção de criar um outro ponto de vista para entender a menina Anne FRANK, do ponto de vista feminino.

---

<sup>16</sup> Com a ajuda de malhas justas e outras coisas parecidas, Anne é transformada numa moça tão 'sexy' como ela jamais poderia ter sido na realidade. Seu pai é um judeu demasiadamente sonhador, gentil, esperto e nobre, e a revolucionária Miep é viva, alegre, ariana e otimista demais, do tipo de 'nós vamos ajudar-lhes, seus coitados judeus'. Existem coisas que são sagradas, e nem a *Broadway* deveria tocá-las.



Algumas autoras atribuem ao ato de escrever um sentido especial, que seria o de constituir um espaço de resistência privada contra os opressores<sup>17</sup>. Outros estudos enfatizam o talento de Anne FRANK como escritora e mostram a influência da literatura infantil feminina na escrita de Anne<sup>18</sup>. Assim, pode ser observado que muitos dos nomes que Anne FRANK usa no seu diário, emprestou desses livros infantis. Especialmente para as anotações no diário em final de setembro de 1942, isso pode ser comprovado pelo uso de nomes tais como Pop, Kees, Emilie, Connie, Bobbel e outros.

Ultimamente, realizaram-se muitas críticas ao pai de Anne FRANK, Otto FRANK. Seria dele a culpa da imagem distorcida que se tem hoje da diarista, bem como de edições diferentes daquilo que poderia ser o original. A autora norte-americana Cynthia OZICK, citada por BARNOUW, afirma que talvez tivesse sido melhor se o diário nunca tivesse aparecido, pois foi tão transformado que a Anne original neles não mais se encontra – por culpa do seu pai (BARNOUW, 1999, p. 108).

Justamente pelo fato de que não se pode mais ouvir a voz pessoal de Anne FRANK, um estudo de seu diário é tão interessante e atraente. O documento fascina por seu caráter sincrônico aos acontecimentos, transmitindo o mundo de vivências de Anne FRANK do passado para o presente.

---

<sup>17</sup> No seu livro "Writing as resistance. Four women confronting the Holocaust" (1997), Rachel FELDHAJ BRENNER caracteriza o espaço aberto pelo ato de escrever como ponto principal para entender documentos privados da guerra.

<sup>18</sup> Além da educação escolar e dos livros para adultos que Anne lia no seu esconderijo, houve forte influência da autora Cissy van Marxveldts (1893 – 1948). Autora de literatura infantil feminina, ela escreveu séries de livros com as mesmas personagens.

### 2.3 O GOSTO PELO SENSACIONAL: O USO DO DIÁRIO NA IMPRENSA

Recentemente, pode ser observado na imprensa um grande número de reportagens que ou usa o diário como fonte principal de referência, ou que são escritas em forma de diário, relatando diariamente acontecimentos e vivências pessoais de um autor em uma situação de grande interesse público, como por exemplo, uma guerra. Enquanto o primeiro tipo de reportagem tem o diário como um objeto de estudo e fonte de informações preciosas, criando uma distância entre leitor e conteúdo da matéria, o segundo tipo de reportagem se insere numa das inúmeras possibilidades de se fazer jornalismo, ou seja, a de adotar a forma de diário para fazer uma reportagem aparentemente mais verdadeira. É desse estilo de reportagem que tratam as seguintes reflexões. Quais seriam as razões que fazem com que a redação de uma revista ou de um jornal opte por este gênero de jornalismo?

Como exemplo, cite-se um diário de guerra, escrito na primavera de 1999 por uma correspondente da revista alemã *Der Spiegel*. Durante os meses da guerra na Sérvia, essa correspondente registrou diariamente suas vivências na cidade em que vivia, Belgrado. As respectivas anotações no diário de segunda a sexta-feira podiam ser lidas sempre na edição da semana seguinte. Nesse sentido, completavam as notícias oficiais tanto da mesma revista como de outros jornais ou reportagens: enquanto estes falavam de pontes caídas por bombas ou das movimentações das forças armadas, a diarista descrevia o outro lado. Falava sobre a falta de água no prédio em que morava porque uma bomba tinha destruído o sistema de rede de distribuição, falava sobre o medo de andar numa rua cheia de soldados ou mesmo sobre o que se discutia no rádio depois de mais uma noite mal dormida devido às bombas.

Porém, apesar dessa descrição das vivências da guerra, confissões mais íntimas somente são encontradas quando se trata de enfatizar o lado absurdo de uma situação de guerra ou para articular opiniões políticas. Esse fato evidencia uma

primeira vantagem e razão do uso de um diário no jornalismo: Como o diário equivale a um documento pessoal, a redação da revista se livra em boa parte da responsabilidade de certas afirmações do correspondente. Nenhuma outra forma de escrever deixa tanta liberdade para exprimir opiniões – de tornar possível um jornalismo sem censura. Especialmente em casos sensíveis, onde há dois lados claros e contraditórios, como nessa segunda guerra da Iugoslávia, é uma forma particular de fazer jornalismo sem correr o risco de aborrecer ou perder leitores que eventualmente sejam de outra opinião. No dia 24 de maio, depois de mais um bombardeamento da OTAN, a correspondente anota:

Es war richtig, mein Schlaflager auf den Boden zu verlegen. In der Nacht zum vergangenen Donnerstag war mein Bett im Schlafzimmer mit Glasscherben übersät. Genau um 0.55 Uhr schlug eine Nato-Bombe ein und traf statt der Kaserne ein Krankenhaus in der Nachbarschaft. Drei Patienten starben. Sorry, sagte Nato-Sprecher Shea. Allerdings, es kamen auch über hundert Soldaten um. Niemand wagte sich unmittelbar nach dem höllischen Einschlag auf die Straße, um den Schaden zu besichtigen. Immer wieder waren in den vergangenen Wochen Schaulustige bei einem Zweitschlag auf dasselbe Objekt verwundet worden. Die ganze Straße ist jetzt ohne Fensterscheiben, auch das gegenüberliegende Gymnasium. (...) In meiner Straße werde ich nachts zusehends zur Einsiedlerin. Kurz vor Einbruch der Dunkelheit packen die meisten Bewohner ihre Nottaschen und verschwinden entweder in Schutzkellern oder am anderen Ende der Stadt, wo sie sich sicher glauben.<sup>19</sup> (Segunda-feira, 24 de maio).

No dia seguinte, depois de mais um bombardeamento, anota já bastante irritada: "Heute nacht um drei Uhr hat die Nato erneut das serbische Innenministerium im Zentrum der Stadt bombadiert. Warum eigentlich? Es ist doch ohnehin zerstört. Wie platt wollen die das eigentlich noch machen?"<sup>20</sup> (Terça-feira, 25 de maio)

---

<sup>19</sup> Estive certa em mudar a minha cama para o chão do corredor. Na noite da Quinta-feira passada, minha cama no quarto de dormir estava cheia de cacos de vidro. Exatamente às 0.55 horas uma bomba acertou um hospital aqui na vizinhança em vez de acertar o quartel. Morreram três pacientes. *Sorry*, disse o porta-voz da OTAN, Shea. Porém, também morreram mais de cem soldados. Ninguém se arriscou a ir à rua depois deste bombardeamento infernal para verificar os danos. Nas semanas passadas, mais de uma vez morreram curiosos num pós-bombardeamento com o mesmo alvo. A rua inteira agora está sem janelas, inclusive a escola em frente. (...) Na minha rua, durante a noite, estou me tornando um eremita. Um pouco antes de anoitecer, a maior parte dos moradores arrumam suas sacolas de emergência e somem ou num abrigo ou no outro lado da cidade onde se achem seguros.

<sup>20</sup> Hoje à noite a OTAN atacou novamente o prédio do Ministério das Relações Internas da Sérvia. Mas por que? Já está destruído mesmo assim. Até que ponto eles ainda estão querendo aplaná-lo?

Como ficou claro, é possível relatar também um lado da guerra que não tem espaço nas notícias oficiais - o que já seria uma segunda vantagem desse tipo de jornalismo, cobrindo assim uma lacuna na reportagem sobre a guerra.

A jornalista mora em Belgrado, capital da Sérvia, e, é, portanto, testemunha da propaganda anti-européia e anti-americana. Porém, pela forma da reportagem em diário, ela tem a liberdade de concordar ou de contrariar livremente em relação àquilo que escuta ou vê, sobretudo, em conversas com seus conhecidos e amigos da cidade:

In der Bircaninova-Straße 20 a besuche ich die Professorin Srbijanka Turajlic. Zusammen mit 140 Kollegen hatte sie im Herbst 1998 gegen die Eingriffe des Regimes in die Hochschulautonomie protestiert. Sie wurde in die Bibliothek strafversetzt. Ihre einstigen Studenten fragen sie seit den Nato-Bombardierungen: Hat das Regime nicht recht, sind die Werte westlicher Demokratien nicht Utopie? Gibt es überhaupt wahre Demokratie irgendwo auf der Welt? Es ist schwer, sagt die Professorin, die eigene Regierung anzuklagen, wenn so viele hochentwickelte Länder ihre eigene Verfassung verletzen.<sup>21</sup> (Sexta-feira, 14 de maio).

Como terceira vantagem, pode-se mencionar o poder das imagens que as palavras de um diário são capazes de criar. O leitor, especialmente aquele que nunca vivenciou uma guerra, pode ter uma idéia do que ela significa. A reportagem feita praticamente ao vivo sobre uma ataque de bomba na noite do dia 14 para o dia 15 de abril de 1999, coloca o leitor no cenário da guerra, mostrando a loucura da situação, acompanhado de um tom irônico, apontando para os bombardeamentos errôneos da OTAN:

Das Radio meldet, daß die Nato im Südwesten Kosovos eine Flüchtlingskolonne bombardiert habe. Ich kann es kaum fassen. Kurz nach zwei Uhr zittern unter den erneut anfliegenden Nato-Geschwadern auch bei mir Wände und Fenster. Es ist der bisher stärkste Angriff, offenbar auf Ziele in unmittelbarer Nähe. Ich verziehe mich vorsichtshalber

---

<sup>21</sup> Na rua Bircaninova número 20a faço uma visita à professora Srbijanka Turajlic. Ela tinha protestado junto a 140 colegas contra a intervenção do regime na autonomia universitária em outono de 1998. Como punição, foi transferida para a biblioteca. Desde que começaram os bombardeamentos da OTAN, seus antigos estudantes lhe perguntam: O regime não tem razão? Os valores das democracias ocidentais não são utópicos? Existe uma verdadeira democracia em algum lugar do mundo? É difícil, diz a professora, acusar o próprio governo quando tantos países altamente desenvolvidos violentam a própria legislação.

unter den Türrahmen am Eingang, um bei einem Einschlag nicht unter den Mauern begraben zu werden. Man sollte die Treffsicherheit der Nato nicht überschätzen.<sup>22</sup> (Quarta-feira, 14 de abril)

Sendo o gênero de jornalismo sob forma de diário uma categoria anunciada como informal de transmitir informações, a jornalista pode usar e se basear em fontes diversas daquelas que o jornalista comum usaria para escrever um artigo para um jornal. Várias vezes, ela cita amigos, conhecidos ou simplesmente pessoas com quem conversou na rua, não se cansando de enfatizar as diferenças entre as informações recebidas por estas pessoas e pelos meios de comunicação oficial. Assim, depois do bombardeamento mais violento da OTAN, ela anota:

Stumm stehen die Belgrader vor dem Desaster. Im Umkreis von fast einem Kilometer laufe ich nur über Scherben, ganze Blocks sind ohne Fensterscheiben. Mit Wasserschläuchen versucht die Feuerwehr, die von Steinen und Splittern übersäte Hauptstraße wieder für den Verkehr freizuspitzen. Augenzeugen berichten von zahlreichen Toten. Offiziell wird bisher nur die Zahl von neun Verletzten bestätigt.<sup>23</sup> (Sexta-feira, 30 de abril)

O estilo de diário no jornalismo abre também espaço para aspectos geralmente não explorados, como por exemplo, no caso deste diário da guerra, a doença do cachorro da autora, que é descrita várias vezes:

Max, mein schwarzer Labrador, leidet seit einiger Zeit an Herzrasen und Muskelzittern. 'Kriegspsychose', diagnostiziert der Tierarzt. Gott sei Dank ein leichter Fall von Kriegsschädigung. Zahlreiche Hunde in Belgrad mußten eingeschláfert werden, weil sie auf die Bombardierungen mit unkontrollierter Aggressivität reagierten oder mit nicht mehr zu stoppendem Bellen.<sup>24</sup> (Domingo, 16 de maio)

---

<sup>22</sup> O radio anuncia que a OTAN bombardeou um grupo de refugiados no sudoeste do Kosovo. Mal consigo acreditar. Um pouco depois de duas horas da madrugada, minhas janelas e paredes começam a tremer com mais um vôo de uma esquadra da OTAN. É o ataque mais forte até agora, aparentemente com alvos bem perto daqui. Por precaução, retiro-me para baixo do caixilho, para não ser enterrada nos muros no caso de um tiro certo. Não se pode sobrestimar a precisão da OTAN.

<sup>23</sup> Calados, os moradores de Belgrado estão frente ao desastre. Numa área de um quilômetro, só piso em caco de vidro, condomínios inteiros estão sem vidros nas janelas. Os bombeiros tentam limpar a rua principal cheia de pedras e vidros com mangueiras para possibilitar um tráfego normal. Testemunhas oculares falam de inúmeros mortos. Porém, do lado oficial só se confirma o número de 9 feridos.

<sup>24</sup> Já faz algum tempo que Max, meu labrador preto, sofre de problemas cardíacos e vibração muscular. 'Psicose de guerra' o veterinário diagnosticou. Graças a Deus, um caso leve de

O efeito de uma notícia como essa é sutil. Por um lado, parece uma banalidade, por outro, o leitor é tocado profundamente. Ele chega um pouco mais perto daquilo que significa o dia-a-dia de uma guerra. Enquanto o jornalismo mais tradicional se restringe aos fatos de interesse público, a jornalista que trabalha em forma de diário abre uma porta invisível e deixa o leitor entrar na sua vida num país em guerra. Para o leitor, isto produz o efeito de uma possibilidade de vivenciar a guerra, de enxergar outros aspectos e consequentemente de formar uma opinião diferenciada – o que finalmente vai diferenciá-lo de leitores de outros jornais e revistas. Em última instância, esse tipo de jornalismo visa oferecer um relato diferenciado da guerra, na expectativa de vencer sua guerra particular pelo leitor no mercado jornalístico e conquistar mais consumidores.

## 2.4 OS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO – OS NOVOS DIÁRIOS. CONFISSÕES PESSOAIS NA INTERNET

Antigamente, somente o próprio autor tinha acesso ao seu diário, muitos dormiam com ele embaixo do travesseiro. Às vezes, eram publicadas anotações íntimas depois da morte do autor, como aconteceu, por exemplo, com Albert Camus ou Thomas Mann. Hoje, porém, muitas pessoas, principalmente jovens, divertem-se documentando a sua vida, dando-lhe acesso para milhares de pessoas através de um meio que em poucos segundos manda informações de todos os tipos pelo mundo: a Internet. No final do ano 1998 foram contados aproximadamente 19.000 contribuições a respeito das palavras chaves em alemão e inglês, *Tagebuch* e *diary*. Nessas páginas, encontra-se tudo o que se possa imaginar. Tudo é anotado, tudo é enviado pelo mundo, até as coisas aparentemente mais banais. Manifesta-se uma

---

lesão de guerra. Inúmeros cachorros de Belgrado tiveram que ser sacrificados, porque reagiam com agressividade incontrolável ou latidas incessáveis aos bombardeios.

obsessão pela publicação da própria pessoa, uma obsessão de se auto-encenar e uma grande necessidade de se abrir com alguém e de ser escutado, mesmo que seja por alguém que o autor desconhece.

A descrição da situação de Arnim, de 22 anos, da cidade de Offenburg, Alemanha, confirma essas tendências: "Zwar sei sein Tagesablauf gar nicht so aufregend, sagt er, doch das Aufschreiben zwingt ihn dazu, sich mit seinem Leben auseinander zu setzen, selbst wenn er nur über den Regen schreibt, der nachts gegen sein Fenster prasselt."<sup>25</sup> (FISCHER, 1998, p. 38)

Arnim conta com paixão as pessoas que entram na sua página na Internet. Sem que ele tenha que se mostrar de verdade para as pessoas que o conhecem através dos seus escritos diários, ele se tornou famoso, tornou-se um objeto de interesse de muitas pessoas. E o tipo de fama que leva só lhe traz vantagens: sem ter que se mostrar, falar ou responder a perguntas publicamente como as pessoas famosas tradicionalmente costumam fazer e tolerar, ele tornou pública a sua pessoa, conseguindo manter no entanto o controle sobre a quantidade desse 'público'. Enfim, tornou-se uma estrela, seguindo, não as regras do mercado, mas as suas próprias regras.

Quais são os mecanismos que levam a que o diário na Internet seja um objeto tão atraente e fascinante? Segundo uma pesquisa com leitores desses diários, eles se auto reconhecem nas descrições de sentimentos, vivências e acontecimentos. O normal, o dia a dia de qualquer pessoa se torna algo especial e único, "weil es in einer Welt, die immer nur das Extreme oder Groteske hören will, lange nicht mehr ausgesprochen wurde."<sup>26</sup> (FISCHER, 1998, p. 38)

Um exemplo mais extremo de diário na Internet é o caso de Jennifer Ringley. Desde de 1996, além de escrever um diário íntimo na Internet, no seu apartamento,

---

<sup>25</sup> Mesmo que o percorrer do seu dia não seja tão interessante, diz ele, o ato de escrever me obriga a pensar sobre a minha vida, mesmo que eu só escreva sobre a chuva que bate à noite na minha janela.

<sup>26</sup> porque há muito tempo, o normal, num mundo que somente quer ver o extremo ou o grotesco, não foi pronunciado

ela instalou uma câmera, que durante 24 horas por dia manda imagens na rede a cada dois minutos. Acessando [www.jennicam.org](http://www.jennicam.org), todas as pessoas do mundo que entram na Internet podem ver antigas e novas fotos de Jenni, podem ler o seu diário e podem conhecer seus amigos e conhecidos.

As formas aqui apresentadas de se tornar público e famoso são novas, mas o sentimento que estas revelam é muito antigo: com suas imagens instantâneas, Jennifer Ringley encontrou uma forma de conservar a vida, o presente, e de cativar o efêmero. Mesmo que Jennifer não possa explicar o mundo, no seu diário público pode explicar os seus momentos pessoais de tal maneira que para aquele momento, a sua explicação promete a verdade. É o fenômeno da ritualização do banal, o que se reflete na resposta dada por Jennifer quando perguntada sobre a idéia e finalidade de seu projeto com a câmera: "Mir geht es darum, zu zeigen, was geschieht, das ganz gewöhnliche Leben."<sup>27</sup> (REICHARDT, 1998, p. 7)

Já nos anos '80, o estudioso de cultura de massas e de narcisismo das sociedades contemporâneas, Christopher LASCH (1983), chamou a atenção para o fato de que esse tipo de comportamento não constitui simplesmente um culto excessivo do privatismo mas que as razões para tais comportamentos têm que ser vistas numa desintegração geral da vida pública moderna. O narcisismo<sup>28</sup> tem suas origens em mudanças bem específicas na nossa cultura, tais como a burocracia, a racionalização da vida interior, o culto do consumismo e, especialmente interessante para o presente caso apresentado, a reprodução mecânica da cultura numa "sociedade dos espectáculos" (LASCH, 1983, p. 73). A crescente proliferação de imagens visuais e auditivas faz com que a vida se constitua para o indivíduo como uma "sucessão de imagens ou de sinais eletrônicos, de impressões registradas e

---

<sup>27</sup> O que importa para mim é mostrar o que acontece, a vida totalmente normal.

<sup>28</sup> Referindo-se a Freud, LASCH diferencia o narcisismo primário (desenvolvido pelo recém-nascido), o narcisismo secundário (encontrado nas crianças que mostram raiva contra aqueles que não atendem imediatamente às suas necessidades e provocam na criança a sensação de abandono) e o narcisismo patológico cuja personagem ele caracteriza como sendo "cronicamente entediado, incansável na procura de instantânea intimidade – de excitação emocional sem envolvimento e sem dependência." (LASCH, 1983, p. 65).



reproduzidas por meio da fotografia, filmes animados, televisão e sofisticados aparelhos registradores.” (LASCH, 1983, p. 73) É através das imagens que são produzidas por estes aparelhos que o indivíduo procura uma prova para sua existência única e singular, já que num ambiente impessoal, desencorajando a formação de ligações pessoais mais profundas, fica cada vez mais difícil de reconstruir um história pessoal. Assim, sem que LASCH pudesse saber, já nos anos '80 nos deu uma descrição exata do uso narcisista de uma câmara, assim como a usou a própria Jennifer Ringley no final do século XX. É a auto-vigilância, transmitindo todas as suas ações a uma audiência invisível, tornando seu senso de identidade e individualidade dependente do “consumo de imagens do eu, ao mesmo tempo colocando em questão a realidade do mundo exterior.” (LASCH, 1983, p. 74) Portanto, não se pode equacionar o narcisismo com egoísmo ou um culto em torno da própria pessoa, mas há que se considerar a dimensão psicológica, ligando o fenômeno do narcisismo aos padrões característicos da nossa cultura contemporânea.

Navegar pela Internet, escondido atrás de um simples número, uma senha ou uma palavra qualquer, provoca a ilusão ao internauta da sensação de anonimato. Aparentemente, pode se ver, ler e falar com quem se quiser, sem ter que se identificar. Mas, pensar que uma viagem pela Internet é algo anônimo, é um equívoco bastante grande. Quem percebe isso, muitas vezes se assusta vendo a sua pessoa subitamente tornar-se acessível para milhares de outros internautas e *web-designer*. E tenta a todo custo se retirar do mundo virtual: há vários casos na justiça. Em início de fevereiro de 1999, a Intel foi obrigada a fazer uma mudança no seu novo processador Pentium III, porque esse iria mandar automaticamente uma informação de identificação cada vez que o computador entrasse em um *site*. Após ameaças de boicote, a Intel recuou. Os dados só podem ser mandados se o dono do computador quiser (TEIXEIRA JR., 1999, p. 68). Enquanto neste caso há uma forte exigência de respeito à privacidade, ao mesmo tempo, no mesmo meio de

comunicação, podem ser observadas tendências contrárias, que em última instância, levam a um culto em torno da pessoa e a um exibicionismo e narcisismo nunca visto. Trata-se da publicação de escritos íntimos e da abertura a um público desconhecido do espaço privado.

A mesma intenção teve o chefe de produção Paul Roemer da série 'Big Brother', que está fazendo um sucesso gigantesco na Holanda desde final de setembro de 1999<sup>29</sup>. Durante 100 dias, um grupo de jovens, escolhido pelo chefe de produção entre mais de 2.500 interessados, tem que conviver sem a possibilidade de sair ou de receber visita numa casa especialmente montada e equipada para tanto: estes jovens estão sendo observados por 24 câmeras escondidas que colocam suas vidas no ar, compactado num programa de meia hora de duração todos os dias. Com apenas 5 semanas, a série já se inclui no grupo das mais assistidas na televisão européia. O sucesso da produção 'Big Brother' parece estranho, já que na casa especialmente montada para a série não acontece muito mais do que nas casas dos próprios telespectadores: "Die Helden von 'Big Brother' sind 'ganz normale Menschen', darunter eine Kellnerin, eine Hausfrau, ein Masseur, ein ehemaliger Zeitsoldat und ein Autoverkäufer."<sup>30</sup> (MALZAHN, 1999, p. 137). Além da série de televisão, o projeto 'Big Brother' já se tornou também um sucesso na Internet. Até começo de novembro de 1999, mais de 17 milhões de visitantes acessaram o [site www.Big-Brother.nl](http://www.Big-Brother.nl). Nesse, pode-se acompanhar a vida dos moradores através de 4 janelas, durante 24 horas por dia. O chefe da produção tem uma explicação clara para o seu sucesso. Para ele, o interesse em observar pessoas é tão normal quanto o interesse por uma boa comida quando se sente fome. É a verdade e a naturalidade das coisas que acontecem que envolvem os espectadores da série. A este respeito afirma:

---

<sup>29</sup> A versão brasileira da série teve sua estreia no Brasil em final de 2001 no canal da rede Globo.

<sup>30</sup> Os heróis de 'Big Brother' são 'pessoas totalmente normais', entre eles, uma garçonete, uma dona de casa, um massagista, um ex-soldado e um vendedor de carros.

Behauptungen, die Reality-Show sei eine kalkulierte Fälschung, widerspricht Roemer energisch: 'Barts Tränen beim Abschied von Sabine waren echt. In dieser Authentizitätsgarantie liegt offenbar das Geheimnis des Erfolges. 'Schauspieler machen den Leuten was vor', sagt Roemer, 'meine Bewohner aber spielen nicht, sondern sind, was sie sind.' Fernsehunterhaltung soll Emotionen in die Wohnstube bringen, und echtere Gefühle als bei 'Big Brother' gibt es nirgendwo: 'Das spürt der Zuschauer'.<sup>31</sup> (MALZAHN, 1999, p. 137)

E parece que o chefe de produção da série encontrou o ponto sensível dos telespectadores. Em começo de novembro de 1999, vendeu o formato da série para a Alemanha, para os EUA, a França, a Austrália e a venda para mais 6 outros países estão sendo negociadas.

Esses exemplo extremos – extrema proteção contra a invasão do espaço privado – no caso do processo contra a Intel – e a exposição extrema das pessoas que colocam uma câmera até no banheiro, podem revelar algumas tendências sobre esse desejo de se apresentar ou de se proteger. São desejos humanos antigos, fazem parte da sua natureza. Por um lado, existem as tendências narcisistas na sociedade: O 'eu' está sendo encenado, a vida normal se torna algo especial e única, porque se transforma em objeto de interesse, a forma de alguém tomar café de manhã, a escolha de um produto, por exemplo, um sabonete, bem como a forma de alguém levar a sua vida. Com toda a sua normalidade, a vida que está sendo observada já não se revela mais tão normal como a própria. Há milhares de pessoas acessando *sites* que mostram acontecimentos possíveis de serem observados perfeitamente na própria casa. Mostra-se aqui uma boa parcela de voyerismo, de mãos dadas com a curiosidade pelo outro, a eterna busca do homem por aquilo que lhe torna único e pessoal.

---

<sup>31</sup> Alegações segundo as quais o *reality-show* seria uma falsificação calculada, Roemer contradiz veementemente: 'As lágrimas de Bart na despedida de Sabine foram verdadeiras.' Aparentemente, é essa garantia de autenticidade que contém o segredo do sucesso da série. 'Atores enganam as pessoas', diz Roemer, 'mas os meus moradores em vez de fazerem teatro representam o que eles realmente são.' Séries na televisão querem trazer emoção para a sala do telespectador e emoções mais autênticas do que na série 'Big Brother' não se acha em lugar nenhum: 'O telespectador sente isso.'

Por outro lado, há tendências a um isolamento total, a retirada para um lugar que ninguém tenha acesso, de proteção ao que se pode chamar de privacidade, seu jeito próprio, sua individualidade. E é muito provável que a mesma pessoa que vive com uma câmera instalada em baixo do teto do quarto, esteja, ao mesmo tempo, com um processo na justiça, exigindo dinheiro por danos morais causados por uma empresa virtual que distribuiu o endereço do internauta para várias empresas.

Este fato coloca em evidência que a necessidade de mostrar e exibir é muito grande, mas não sem limites. As pessoas querem ser seu autor e diretor artístico do seu próprio filme, querem controlar a qualidade e a quantidade da encenação do 'eu'. E querem possuir a liberdade de se retirar e abaixar a cortina quando quiserem. Toda encenação, por mais verdadeira e autêntica que pareça, não deixa de ser uma fotografia do momento, uma constelação preparada e pensada de elementos que pareciam adequados.

## 2.5 FONTES PARA A *HISTORY FROM BELOW*: DAS VANTAGENS E DAS PRECAUÇÕES

Qualquer pessoa que mantém um diário, mais cedo ou mais tarde, incorre o risco de ser suspeito de confiar mais detalhes às páginas ou ao disco rígido do que o faz publicamente. O diário marca e estabelece o limite de uma zona íntima, privada. Por isso é tão atraente ler as confissões dos outros – não foram diretamente formulados para um leitor, e por isso, aparentemente, contêm a chave à verdade das pessoas e dos acontecimentos. E é também por essa razão que ultimamente não só os diários, mas a documentação privada de uma pessoa, têm sido, em geral, usados para a reconstrução de épocas e acontecimentos remotos. Esses documentos têm a aparência de veracidade e autenticidade. Porém, não existe espaço mais adequado e menos censurado para inventar e criar do que a escritura íntima: "(...), nirgendwo

lässt sich leichter etwas dazudichten, weglassen und stilisieren, Gedachtes in Getanes verwandeln, Wunsch und Wirklichkeit vermischen"<sup>32</sup> (REICHARDT, 1998, p. 10).

Trabalhando com a *history from below*, Jim SHARPE (1992) enxerga duas dificuldades: Segundo esse autor, o material é escasso para certos períodos, principalmente para o período anterior ao final do século XVIII. Além disso, o autor enxerga um problema de conceituação: Onde o baixo deve ser alocado? Porém, as dificuldades vão além do mero problema de natureza qualitativa ou de definição.

Podem ser mencionadas três dificuldades básicas que se referem às idéias acima expostas. Um primeiro problema seria a contextualização pessoal diante da fonte. Antes de aprofundar a sua leitura, deve haver uma reflexão sobre a própria condição de produção da fonte. Trata-se da maneira como a fonte pode ser lida, considerando que existem “para cada época e para cada meio, as modalidades partilhadas do ler (...) e que coloca no centro da sua interrogação os processos pelos quais face a um texto, é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação.” (CHARTIER, 1988, p. 121)

Não se pretende aqui entrar na discussão de um trabalho da história das práticas da leitura, mas apenas chamar a atenção para o fato de que é necessário ter-se consciência sobre a relação com os objetos impressos e com textos que servem de suporte na pesquisa. Trata-se da idéia da periodização da fonte, o que remete a uma dupla dificuldade: a apropriação da fonte e a reconstrução de uma época ou de um acontecimento passado para o mundo de hoje.

Um segundo aspecto seria a preocupação de não se perder de vista o objeto específico da pesquisa, já que os diários mostram uma riqueza de detalhes e informações que exigem clareza por parte do pesquisador sobre o objeto de

---

<sup>32</sup> em nenhum lugar é mais fácil acrescentar, omitir e estilizar, trocar algo pensado por algo realmente feito, misturar realidade e desejo

pesquisa, para não se perder em estórias<sup>33</sup>, mas sim fazer história. Segundo CERTEAU (1982), a representação da fonte – *mise en scène* literária – tem que se ligar à idéia de mostrar diferenças e de se criar relações com modelos culturais e teóricos contemporâneos, para assim criar um lugar próprio para a fonte: "A operação histórica consiste em recortar o dado segundo uma lei presente, que se distingue do seu outro (passado), distanciando-se com relação a uma situação adquirida e marcando assim, por um discurso, a mudança efetiva que permitiu esse distanciamento." (CERTEAU, 1982, p. 93) Trata-se então de relatar não aquilo que aconteceu, mas de usar o passado para representar uma diferença e mostrar limites, ou seja, possibilitar a "encenação do outro" (CERTEAU, 1982, p. 92).

Um terceiro aspecto é a distância necessária em relação à fonte. Por mais autêntico que pareça um diário, é necessário ter a clareza que também essa fonte, e com ela, a história de baixo, não são reflexos da realidade, mas representações. Ilustre-se, ainda que rapidamente, as artes, especialmente a fotografia. A câmera não fornece um registro objetivo da realidade, e sim uma seleção segundo seus interesses, crenças, valores, preconceitos e às condições pitorescas. Nesse sentido, o diário é uma espécie de fotografia das vivências, ou seja, como já foi mencionado acima, um tipo de fotografia literária.

Nos últimos 20 anos houve uma 'rotinização' dos arquivos pessoais, ou seja, um *boom* dos arquivos pessoais. Com isso, mudou-se a arte de fazer história, como enfatiza GOMES (1998) no seu trabalho que aborda o recente rearranjo do campo historiográfico:

A descoberta dos arquivos privados pelos historiadores em geral está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, a qual, por sua vez, tem que renovar sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica,

---

<sup>33</sup> Um belo exemplo desse gênero de literatura é a coleção 'Memórias' de SCHNEIDER (s.d.) em que o autor conta episódios da infância em Joinville: "Já fazem tantos anos. Mas assim mesmo, me lembro de muitos detalhes. (...)penso que vale apenas guardar esses detalhes, anotados ou impressos sobre papel. Está aí. Preto no branco."(SCHNEIDER, s.d., p. 7)

marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas. (GOMES, 1998, p. 122)

O resultado disto é uma nova proposta para a história cultural, recusando a expulsão do indivíduo da história. As oposições entre o coletivo e o individual, o quantitativo e qualitativo são igualmente recusadas. A grande inovação é o postulado da experiência e teoria do individual e ao mesmo tempo, a riqueza da metodologia do qualitativo. Esse procedimento, de um modo geral, é associado à micro-história.

Portanto, o *boom* dos arquivos privados trouxe uma revalorização do indivíduo na história, que por sua vez, trouxe uma revalorização da lógica das ações individuais; porém, é recomendável que se tenha cuidado com a autenticidade dos arquivos pessoais, considerando sempre o assim chamado 'feitiço' do arquivo privado:

Por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma 'verdadeira': aí ele se mostraria 'de fato', o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros. (GOMES, 1998, p. 125)

Portanto, muitas vezes existe uma relação de encantamento entre estes documentos pessoais recentemente descobertos e reconhecidos como tais e o historiador. Coloca-se aqui a seguinte pergunta: podem os diários dar uma visão válida de expectativas, esperanças e decepções de indivíduos? Surge novamente o problema de confundir representações da realidade com reflexos da realidade. Diários ou outros documentos pessoais não constituem uma realidade em si, mas são vivências da realidade. É justamente por isso que eles são sedutores como fonte: aparentemente, ao ler esta fonte, evidencia-se todo um panorama do mundo como ele 'realmente foi'. Porém, em uma análise mais profunda, essas fontes são muito contraditórias. Por um lado, elas têm uma marca de personalidade, por outro lado, revelam a transformação do mundo interior e exterior da pessoa que escreve. Esta contradição somente pode ser resolvida pela preocupação metódica de não se

perder ou omitir outras referências disponíveis, ou seja, situar o acontecimento em seu contexto cultural. Somente dessa maneira o documento pode revelar todo o seu potencial. Porque apesar das dúvidas sobre verdades e mentiras, um diário sempre conta algo sobre aquele que o escreve e sobre o tempo no qual escreve.

Os autores SCHELBERT & RAPPOLT (1977, p. 22) atribuem esse caráter contraditório a vários fatores: Em primeiro lugar, essas fontes são fortemente influenciadas pelo gosto pessoal do escritor. Para o caso que nos interessa, um emigrante pode se maravilhar com o tamanho do novo país, com o infinito e o vazio de um país ainda não povoado, um outro emigrante se assusta, se sente intimidado e com medo do futuro. Em segundo lugar, cada emigrante tem uma capacidade diferente de adaptação. Migração significará mudança, fato novo. Em cada segundo se encontrará uma novidade inesperada. Para alguns, isso é um desafio estimulante, um enriquecimento de vida. Para outros, significa um perigo, ameaça e insegurança. Em terceiro lugar, esses autores observaram um otimismo do tipo 'lá é melhor' nas cartas dos emigrantes da América. O que está longe é sempre melhor do que é vivido aqui. Como quarto fator, os autores mencionam o elemento coincidência que, segundo eles, no ato da migração, tem um significado maior do que em outras ocasiões. Acontecimentos durante a viagem relatados por amigos ou parentes que já tinham emigrado - por exemplo, fome, doença, a pessoa do capitão do navio- podiam mudar muito a atitude face à emigração.

Entusiasmado com a idéia de emigrar ainda na Alemanha, muitos dos relatos mudam de tom durante a viagem para o Brasil. A saudade de casa, doenças, a morte e o futuro inseguro levam a um arrependimento e, muitas vezes, ao desejo de ainda poder voltar. Através desses exemplos que influenciam escritos pessoais, parece importante a idéia de que a *history from below* não deve ser considerada isoladamente, mas necessita de referências e de contextualização. Se é verdade que a revolução vem de baixo, é igualmente verdade que ela se refere a alguma coisa acima dela. Portanto, situar um acontecimento social em seu contexto cultural é a



grande tarefa. Dessa maneira, o acontecimento isolado pode servir para compreender a sociedade e aquilo que podemos ler nos livros escolares como história, como por exemplo, a emigração da Europa para a América. Através dessa junção, a *history from below* pode ser levada do seu gueto, da sua posição isolada e por isso nem sempre reconhecida, para o centro das atenções.

## 2.6 NOVAS LINGUAGENS: A MEMÓRIA E O DISCURSO DA HISTÓRIA

Os estudos em torno da memória sofrem transformações historiográficas devido ao surgimento de documentação privada usada como fonte. Como muda o discurso da história quando um documento privado constitui-se em fonte? Uma hipótese geral: os estudos de memória respondem a uma necessidade de busca de identidades ameaçadas. Ameaça que deve ser entendida não só como ameaça de extinção, mas também como ameaça de esquecimento, de desvalorização ou deformação de conteúdos culturais diversos. Esse fenômeno se deve muitas vezes a um encontro de duas vertentes opostas na biografia individual: em termos gerais, seria o conflito entre tradição e modernidade, em termos específicos, poderia ser descrita como a saída de um indivíduo de sua sociedade e no caminho para uma sociedade desconhecida com outros valores, crenças e raízes. Pode-se concluir que a necessidade de manter ativa a memória, de preservar momentos passados se dá na esfera de transição de um sistema organizado de valores para outro, transição essa marcada por tensão, ruptura e uma desorganização aparente. Um exemplo muito usado é a transição do mundo medieval para o mundo capitalista, individualista, que traz consigo o romance, uma forma de exposição do indivíduo isolado.

Referindo-se ao crescimento de trabalhos usando a documentação privada como fonte, vários autores buscam explicações para aceleração da história pela

desterritorialização do tempo atual, que provocaria uma perda de referências. Pode ser observada aqui a eterna busca desses referenciais para estabelecer uma biografia, para estruturar, simbolizar e dar sentido à vida individual.

Nesse contexto, é importante o conceito do espaço. É neste que se localiza o tempo. A identidade é formada pelo espaço que lhe fornece as referências; sem essas, o sujeito fica num vazio, sem vínculos. Ao mesmo tempo, o indivíduo só se pode reconhecer num lugar familiar que o protege, não só de perigos físicos, como tempestades ou doenças, mas também do isolamento, do abandono e da perda do eu. Nesse contexto, a casa simboliza essa proteção, como foi muito bem ilustrada por Gaston BACHELARD (1974).

Nessas reflexões, temos indícios para um aumento de uma busca de referenciais identitários no passado, pois somos testemunhas de um momento histórico que tenta congelar o presente e fabricar um presente eterno - que ao mesmo tempo provoca as condições para o uso da memória como fonte para a história: ao contrário do presente homogêneo e eterno, há um desejo de subjetividade na investigação histórica, de captar emoções e intimidades. Existe então um pouco de 'voyerismo' na atitude do pesquisador que recolhe memórias e sempre busca captar cenas mais íntimas daqueles que já está observando. Introduzindo a subjetividade no conhecimento, colocam-se as sensibilidades, as privacidades e o cotidiano no centro da trama histórica - o que ao mesmo tempo destrói a ilusão da história objetiva, correta e verdadeira. Vale a pena deixar a palavra com BACHELARD que sobre isso soube expressar de forma magnífica: "Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais do que a poesia perdida." (BACHELARD, 1974, p. 26)

Lembrando da relação acima entre memória e identidade ameaçada, vale a pena mencionar a relação história – poder, e como ela se transforma pelos estudos da memória.

O uso de documentação privada para os estudos da memória provocou uma fragmentação: surgem várias memórias em vez de uma só memória preferida pelo poder estabelecido, o que enfraquece aquele: "(...) a compulsão por lembranças e seu registro expressam o temor do desaparecimento do passado que atormenta um tempo cada vez mais desconstrutor e desperta nas pessoas, grupos e povos o desejo de reencontrar ou reinventar referenciais esquecidos ou silenciados." (GAGNEBIN, 1998, p. 213) A história de hoje traz memórias subterrâneas que, por sua vez, trazem consigo reivindicações identitárias. A memória única e uniformizada é questionada cada vez mais e isso desafia um debate sobre a legitimidade de poderes estabelecidos.

Portanto, a verdade visada pela história remete a uma vontade de verdade que é ao mesmo tempo ética e política. Verdade tem que ser entendida menos como uma adequação entre palavras e fatos, mas muito mais como uma ética da ação presente, ou seja, a relação entre presente e passado é profundamente histórica: "Pode-se escrever uma história da relação à memória e ao passado (...)" (GAGNEBIN, 1998, p. 214)

Essa tentativa deixa claro: o ideal positivista da ciência histórica que pretende fornecer uma descrição exata e exausta do passado tem que ser recusado, pois é impossível, do ponto de vista epistemológico, encontrar tal correspondência, entre discurso científico e fatos históricos,

já que estes últimos adquirem seu *status* de 'fatos' apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico 'que na falta de algo melhor, chamamos de real', como diz o grande historiador Pierre Vidal-Naquet. (GAGNEBIN, 1998, p. 215)

Trata-se aqui da questão da escrita da história, de um lado, e da memória do historiador, do outro (sua origem, sua nação). O próprio Tucídides desconfiava da memória, instável, subjetiva e da narração. Será que o historiador que toma consciência do caráter literário da história corre o risco de apagar a fronteira que

separa o discurso científico da ficção ou a verdade da mentira? E aquele que insiste sobre o caráter necessariamente retrospectivo e subjetivo da memória em relação ao objeto de lembrança corre risco de cair num relativismo apático, já que todas as versões se valem, se não há mais ancoragem possível numa certeza objetiva (GAGNEBIN, 1998, p. 216).

O conceito de verdade não se esgota nos procedimentos de adequação e verificação. Segundo GAGNEBIN, esforça-se em vão quem desloca a questão e reivindica uma outra dimensão da linguagem e da verdade (por exemplo a distinção, em alemão, entre *verstehen* und *erklären* -compreender e explicar). Baseada em RICOEUR<sup>34</sup>, a autora propõe o conceito de rastro,

que inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente. (...) Por que a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem - o conceito - de rastro? Porque a memória vive dessa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. (GAGNEBIN, 1998, p. 218)

Trabalhar contra o esquecimento parece ser uma constante que todos os diários observados e analisados nesse capítulo têm em comum. Como fontes, não são verazes, porém autênticos. Os diários muito mais revelam e criam a vida privada do que a reproduzem. A escrita e seu arquivamento constituem o sujeito contra o anonimato e o esquecimento, isto desde os tempos de Heródoto até os nossos dias com seus diários na Internet.

Esse percurso, por nós realizado, torna possível estabelecer conexões entre memória - diário - vida privada. Com ele, poderemos aproximar a escrita do

---

<sup>34</sup> Segundo o pensamento de Paul RICOEUR, a história é sempre ao mesmo tempo narrativa (*Erzählung* em alemão) e processo real, sequência de ações humanas em particular (*Geschichte*). A especificidade do discurso histórico não se resolve simplesmente por uma espécie de limpeza da linguagem histórica contra a dimensão literária. A narrativa histórica e a narrativa de ficção são, segundo RICOEUR, duas vertentes do mesmo processo: o da arte de compor. Desta maneira, o campo narrativo inteiro está aberto à reflexão: "(...) historiografia e crítica literária são convocadas juntas e convidadas a reconstituir juntas uma grande narratologia (...)" (RICOEUR, 1995, p. 280).

emigrante Hugo Delitsch e seu micro-cosmos ao contexto em que foi produzido: O século XIX, *século das migrações*, mas também, século do surgimento de uma linguagem voltada a definir e construir a esfera privada.

Para entender Hugo Delitsch e sua escrita, serão traçadas as reflexões de Norbert ELIAS, realizando, para tanto, um cotejamento das mesmas que servirão de análise para a análise do diário.

### 3 CONDIÇÕES DA VIDA PRIVADA NO SÉCULO XIX

"Writing a diary, like writing a poem, is often a kind of confession, and no confession can be effective unless another person hears it."<sup>1</sup>

Donald Keene

Observando as condições da vida privada do século XIX, remete-se à questão da teoria da evolução social ou à teoria da sociedade em geral. Por que aquilo que podemos observar se formou justamente desta maneira e desta forma?

De uma forma bastante geral, pode-se dizer que mudanças de longo prazo no comportamento dos indivíduos estão interligadas com mudanças na sociedade – e vice-versa. Um dos cientistas que estudou extensamente este tema foi o sociólogo alemão Norbert ELIAS. A imagem das figurações que desenvolveu ajuda a compreender o estabelecimento das condições da vida privada do século XIX nas quais se insere também a proliferação do diário.

No seu livro 'O processo civilizador', ELIAS aponta para vários aspectos, como por exemplo, a crescente ocultação de sentimentos e a racionalização das relações interpessoais e sociais, que fazem com que o homem busque outros espaços para viver paixões e sentimentos. Nesse espaço se insere o surgimento do romance, entendido aqui como substituto de emoções ausentes na vida diária. Sentimentos, paixões e tensões foram transportados para serem batalhados dentro do homem. Este, no entanto, procurava cada vez mais espaço para se expressar e lidar com a pressão interna. Pretende-se mostrar, neste capítulo, de que maneira o diário se integrou e funcionou como espaço de expressão dessas tensões.

---

<sup>1</sup> Escrever um diário, assim como escrever um poema, muitas vezes constitui um tipo de confissão, e nenhuma confissão faz sentido sem que ela seja ouvida por uma outra pessoa.

Todo e qualquer gesto ou texto merece atenção, porque neles se revela um sentido especial. A civilização é entendida como processo, ou seja, aqui podemos encontrar o “civilizar dos costumes” (RIBEIRO, 1993, p. 10). Ao mesmo tempo, este processo remete a uma dimensão ética. Trata-se da convicção de que o homem se civiliza e de que isso constitui um valor positivo.

### 3.1 O DESENVOLVIMENTO DO SER: O AUMENTO DO AUTO-CONTROLE

Esse desenvolvimento do Ser, que ELIAS compreende como processo civilizador, tem vários aspectos, mas dois deles são de interesse especial: o primeiro diz respeito ao passo do controle social para o autocontrole. Em segundo lugar, é o aspecto de difusão da pressão social por uma previsibilidade e um autocontrole mais desenvolvido. Nisso se inclui o aspecto da gênese da consciência do homem e da internalização da regulação de seu comportamento.

O autocontrole tornou, por exemplo, o trabalho regulado em um hábito tão forte que o equilíbrio da personalidade do homem está ameaçado se deixar de trabalhar. Assim, a pessoa rica continua trabalhando, não só para obter recursos, mas como justificação da sua vida e do seu *status*. A conversão de restrições sociais impostas de fora em auto-restrições, numa auto-regulação individual, torna-se um hábito no tocante às paixões e sentimentos.

Essa modelação das pulsões, dos sentimentos e das formas de conduta são parte importante daquilo que ELIAS chama de “processo civilizador” (ELIAS, 1993, p. 211).

Como pretende ser mostrado, trata-se de um processo de distanciamento da natureza, de uma pessoa da outra e de de si mesmo. O que ocorre é uma diferenciação do 'Eu'. O emprego da violência física se reduz no convívio humano, mas as pessoas exercem pressão e força umas sobre as outras sob uma grande

variedade de maneiras. A espada foi substituída pela intriga e por conflitos de palavras; é nesse sentido que ELIAS discorre sobre a psicologização e racionalização da vida e das relações humanas. Uma série de capacidades tornaram-se pré-condições indispensáveis para o sucesso social: a reflexão contínua, a capacidade de precisão, o cálculo, o autocontrole e a regulação precisam das emoções.

O grau de distanciamento e de familiaridade tem que ser cuidadosamente medido: Cada conversa significa mais do que a mera palavra. Ela indica ao mesmo tempo situações e posições de pessoas, contribuindo ainda para a formação da opinião (ELIAS, 1993).

As pessoas estão ficando mais complexas e internamente divididas. A propósito deste processo, ELIAS identifica um processo de racionalização em que qualquer erro ou descuido reduz o valor do indivíduo perante a corte na Europa a partir do século XVI. Todo homem enfrenta a si mesmo. Ele disfarça as paixões, rejeita o que quer o coração, age contra seus sentimentos: “O prazer ou a inclinação do momento são contidos pela precisão de conseqüências desagradáveis, se forem atendidos.” (ELIAS, 1993, p. 227)

Com esta transformação na sociedade, as relações interpessoais são reconstruídas. À medida em que aumenta a série de ações e o número de pessoas de quem dependem o indivíduo e seus atos, torna-se mais firme o hábito de prever conseqüências a longo prazo.

Essa grande tese de Norbert ELIAS, de que o nível de autocontrole da afetividade numa sociedade é elemento determinante do processo civilizador é amplamente discutida por Claudine HAROCHE no seu estudo sobre a reserva nos costumes e controle da violência política (1998). A razão pela qual o homem medieval vai se transformar em homem da corte é a monopolização da violência pelo Estado:



O corpo a corpo que exprimiu a violência física da sociedade medieval ao Renascimento cede agora lugar ao face a face: o processo de monopolização da força em proveito do Estado acompanha-se de uma interiorização das coerções, de uma autocoerção e de um controle de si que contribuem para a pacificação dos espaços sociais. (HAROCHE, 1998, p. 131)

Enquanto na Idade Média o prazer que os homens sentiam com a crueldade física não era julgado e sim considerado perfeitamente legítimo, devido à monopolização da violência pelo Estado, surge uma reserva maior nos vínculos sociais, que produz efeitos sobre os costumes: O 'ver' agora é privilegiado em detrimento do contato físico. "Os preceitos em matéria de educação, que pretendem incitar a não mais tocar, mas a se contentar em olhar" (HAROCHE, 1998, p. 132), ou seja, a tocar apenas com os olhos.

Conseqüentemente, a imagem que a pessoa cria do outro se torna psicologizada, ou seja, mais rica em nuances, mais isenta de emoções espontâneas. Porém, a pessoa só desenvolve uma visão de longo prazo da natureza e dos outros indivíduos, na medida em que a crescente divisão de funções e seu envolvimento diário em longas cadeias humanas o acostuma a essa visão e a um maior controle da afetividade.

A imagem do mundo não é mais diretamente determinada pelos desejos e receios humanos mas se orienta para o que pode ser chamado de 'experiência' ou o 'empírico'. Desenvolve-se uma visão psicológica do homem: a observação mais exata dos demais e de si mesmo em termos de uma série longa de motivos e conexões causais. O homem passa a ser sempre observado como ser humano em relação aos outros, como indivíduo numa situação social (ELIAS, 1993). Essa observação do ser humano, exigida pela vida no círculo da corte, encontrou sua expressão literária na arte do retrato.

As pessoas passam a se observar mais, as sensibilidades e as proibições tornaram-se mais diferenciadas. Muda também a forma de se olhar, a visão daquilo que o homem enxerga: As pessoas tornam-se mais sensíveis e começam a ver o

campo na natureza de forma diferenciada. Conseguem sentir prazer na harmonia de cores, tornam-se sensíveis às belezas da natureza, têm os sentimentos afetados pelos matizes e formas das nuvens ou ao ver o jogo de luz na folha de uma árvore. Também muda a sensibilidade à conduta social. Medos internos crescem, medos externos diminuem. Antes era a luta entre dois homens, agora é a luta consigo mesmo (ELIAS, 1993).

Uma característica do processo civilizador é o aumento da demanda de livros. Segundo ELIAS, esse aumento indica a considerável transformação e regulação de paixões necessária tanto para escrever livros quanto para ler livros (ELIAS, 1993). A arte de observar um ser humano em relação com outros, de descrevê-lo numa situação social, de interpretá-lo a partir de seu contexto social revela essa rápida transformação da regulação das paixões: assim, os atos do 'indivíduo observador' não são mais fruto de uma repentina sensação ou de um sentimento, mas têm sua origem numa série longa de motivos e conexões causais.

O diário como aspecto da vida social apenas é compreensível no contexto desse movimento permanente. O homem, dessa maneira civilizada, não tenta obter coisa alguma pela força, mas age motivado por uma visão a longo prazo. Contenta-se a fim de inculcar no outro, imperceptível mas duradouramente, seus sentimentos. Decisivo para o desenvolvimento da pessoa não são nem o 'id' sozinho nem o 'ego' ou apenas o 'superego', mas sempre a relação entre esses vários conjuntos de funções psicológicas, parcialmente conflitantes e em parte cooperativos, na maneira como o indivíduo dirige sua conduta. Assim, a consciência torna-se menos permeável às pulsões e as pulsões menos permeáveis à consciência (ELIAS, 1993).

Somente com a diferenciação mais nítida e firme da personalidade é que as funções psicológicas dirigidas para fora assumem o caráter de uma consciência que funciona mais racionalmente e menos guiada por impulsos emocionais e fantasias afetivas. É uma transformação da estrutura da personalidade e de toda a estrutura social.

Temos agora a integração mais estreita dos indivíduos isolados no seu interior, resultando numa transformação no campo social. Como consequência, a estrutura das funções e a psicologia também se alteram, resultando num maior espírito de previsão e numa regulação mais estrita dos impulsos da libido.

O medo social é uma poderosa força do controle social, que todos os membros da classe superior exerciam sobre si mesmos e sobre outros membros. Assim que a burguesia começava a imitar as maneiras da nobreza, essa era forçada a refinar ainda mais a conduta.

No entanto, segundo ELIAS, a revolução francesa faz esse movimento perder sua força. A profissão e o dinheiro passam a ser as principais fontes de prestígio. A arte e o refinamento da conduta social deixam de ter importância decisiva para a reputação do indivíduo: O fino arranjo da casa ou do parque, a ornamentação ostentosa ou intimista dos quartos de dormir, a maneira espirituosa de levar uma conversa ou um caso amoroso não eram só prazeres privados do indivíduo, mas genuínas exigências vitais da posição social (ELIAS, 1993).

Porém, no século XIX, essas aptidões deixaram de ocupar um lugar fundamental na existência social das pessoas, não eram mais de importância decisiva. A ornamentação da casa, as formas de sociabilidade, a etiqueta nas visitas etc. foram relegados à esfera da vida privada. Agora, era necessário o desempenho de funções produtoras de renda e a execução de um trabalho regulado. Por isso, a sociedade burguesa profissional assumiu, mas não desenvolveu os rituais da corte. Esses foram relegados à vida privada. Na sociedade da corte não existia uma divisão entre a esfera privada e profissional. Ao se estabelecer essa cisão, iniciou-se uma nova fase do processo civilizador.

Agora, um outro modelo de controle de emoções era necessário para o exercício de um trabalho profissional (ELIAS, 1993). Os modelos de autocontrole, desenvolvidos inicialmente na sociedade aristocrática de corte para a esfera da sociabilidade, foram transmitidos de uma classe à outra, ajustados e modificados.

A *civilité* foi incorporada e perpetuada com certas modificações, dependendo da situação de seu novo hospedeiro. A partir do século XIX, essas formas civilizadas de conduta se disseminaram pelas classes mais baixas que estavam sofrendo um processo de ascensão e pelas diferentes classes nas colônias, amalgamando-se com padrões nativos de conduta, e diferenciando tais a partir dos estratos mais inferiores, como é o caso de Hugo Delitsch.

Segundo ELIAS, inicialmente, a burguesia reconhecia a superioridade da conduta aristocrática da corte e procurava moldar e controlar sua vida de acordo com esse modelo. Na história da língua alemã, essa fase cortesã da burguesia é assinalada pela tendência dos oradores e escritores a inserirem uma palavra francesa a cada três ou quatro palavras alemãs e isto, quando não se usava somente o francês, a língua das cortes da Europa. Essa era a maneira de agir de forma refinada ou cortesã (ELIAS, 1993).

Ao mesmo tempo, grupos burgueses enfatizavam cada vez mais sua auto-imagem especificamente burguesa, opondo seus códigos de maneiras aos da aristocracia: era o ideal de trabalho contra a indolência aristocrática, era a natureza de comportamento e do Ser contra a etiqueta da corte. Era também o cultivo da cultura e da moral contra as boas maneiras, as boas conversas, e, sobretudo, a virtude do bom burguês trabalhador contra a frivolidade da corte.

Mas por mais violenta que fosse essa oposição, o código de conduta que os principais grupos burgueses formaram sempre constituiu o produto de uma amálgama de códigos da velha e nova classe superior.

A interdependência e a integração entre as pessoas são muito mais fortes no século XIX do que nos séculos precedentes. Há muitas tensões com mudança na estrutura dos relacionamentos humanos. O indivíduo está integrado na sociedade de forma diferente. É modelado pelo tipo de dependência. Muda também a estrutura da consciência e dos sentimentos individuais, da interação entre paixão e controle de paixões, entre os níveis consciente e inconsciente da personalidade. Resulta de tudo

isso um autocontrole mais forte, mais uniforme, um superego mais estável e novas formas de conduta entre as pessoas (ELIAS, 1993).

A reserva afasta a violência física, mas também acompanha outras formas de violência, psicológica e simbólica, nas quais a habilidade, a prudência, a reticência, o cálculo, a manipulação e a dissimulação são essenciais. Outras formas de violência mais discretas, compatíveis com a moderação, a reserva e o controle de si surgem nos espaços pacificados da sociedade. São estas regras de civilidade e polidez que são vistas por ELIAS como contribuições de cada indivíduo para a manutenção da ordem numa sociedade, bem como expressão da necessidade das formas na vida social.

Claudine HAROCHE desenvolve esta idéia, sublinhando que estas regras de civilidade expressam também formas de padronizar e normatizar os comportamentos dos indivíduos na sociedade, pois " (...) são todas elas fundamentalmente meios para instaurar e manter distâncias, lutar contra a violência física, tentar controlá-la, regulamentá-la, reduzi-la e mesmo suprimi-la pela reprovação moral ou por sanções jurídicas." (HAROCHE, 1998, p. 137)

Assim, a polidez nasce da violência, exatamente da necessidade de barrá-la. Sendo o inverso também verdadeiro, pois HAROCHE mostra que o excesso de controle de si, ou seja, uma polidez desmedida, representa uma violência feita a si mesmo e aos outros.<sup>2</sup> Ele já não aparece como respeito com outro mas "como o produto de uma violência recalcada" (HAROCHE, 1998, p. 139).

O gosto pela solidão e o desejo de isolamento e auto conhecimento através da escrita são somente dois dos vários indícios de uma modificação da mentalidade a partir do final do século XVII. A atitude se revela exemplarmente em Jean-Jaques Rousseau que através da recusa ao vínculo social, acreditava chegar à verdade:

---

<sup>2</sup> Interessante nesse contexto parece a referência que a autora faz às idéias de MIHO, afirmando que até a violência contém um elemento de estética, de beleza. Os gestos concretos são percebidos como belos em função de regras codificadas e forma e aparência ganham importância essencial para um sentido autêntico que seria o ser interior (HAROCHE, 1998).

Devemos compreender a reforma de Rousseau (a recusa às meias, à peruca e à espada, a vontade de ganhar a vida com seu trabalho de copista, o afastamento do mundo parisiense, a quase ruptura com o meio enciclopedista) como um processo deliberado que estabelece seu engajamento filosófico. A verdade está no fim de uma procura que é uma ascese social e moral. (...) Seria demasiado simples, mas talvez tranquilizador, ler na altiva solidão de Rousseau a prova de sua neurose. Cabe ver nela a exaltação do privado como fundamento do discurso de verdade da filosofia. Só se pode dizer a verdade ao mundo apartando-se dele. (GOULEMOT, 1991, p. 398)

### 3.2 DO SURGIMENTO DO ROMANCE AO DIÁRIO COMO ROMANCE SECRETO INDIVIDUAL

No contexto da psychologização da vida humana, parece interessante o estudo de WATT, que apresenta as ligações entre o surgimento do romance, o individualismo e a experiência da vida privada. WATT aponta para o realismo formal como característica principal do romance e associa as mudanças na sociedade com o forte gosto pelo romance no século XVIII. Surgiu então, na opinião desse autor, uma sociedade caracterizada pelo individualismo, pela valorização de cada indivíduo, pela consciência de si e pela variedade de convicções e ações de pessoas, dignas portanto de terem um papel na literatura séria:

O romance é a forma literária que reflete mais plenamente essa reorientação individualista e inovadora. As formas literárias anteriores refletiam a tendência geral de suas culturas a conformarem-se à prática tradicional do principal teste da verdade: os enredos da epopéia clássica e renascentista, por exemplo, baseavam-se na História ou na fábula e avaliavam-se os méritos do tratamento dado pelo autor segundo uma concepção de decoro derivada dos modelos aceitos no gênero. O primeiro grande desafio a esse tradicionalismo partiu do romance, cujo critério fundamental era a fidelidade à experiência individual - a qual é sempre única e, portanto, nova. (WATT, 1990, p. 14-15)

Assim, a busca da verdade se tornou uma questão completamente individual: A pessoa tem vontade de descobrir a verdade através da auto-reflexão, do exame dos próprios sentimentos. A memória articulada -seja em forma de autobiografia ou diário- implica essa reflexão da experiência individual na forma mais evidente e está intimamente ligada com a definição da identidade pessoal.

Por outro lado, com a intenção de revelar o mais íntimo da pessoa, o privado é levado ao público e se abre para todos os leitores possíveis. Talvez fosse essa a consciência que levasse o autor de um diário a criações, na maioria das vezes, artísticas, para relatar o mundo como ele o vivia e sentia. O leitor, por outro lado, foi incitado a "uma privatização excessiva do próprio ato de ler" (GOULEMOT, 1991, p. 402), devido a relação sentimental que se estabelecia através dessas confissões íntimas entre ele e o autor. Talvez seja essa descrição da privatização do ato de ler, a idéia que melhor descreva o espaço social no qual se insere o diário.

Das várias formas pessoais de se relacionar com o passado, a escrita encontrou sua grande expressão na forma de diário, especialmente a partir do século XVIII. Isso corresponde a uma mudança na sociabilidade, ou seja, à substituição de uma sociabilidade anônima que se encontrava nos castelos e nas praças por uma sociabilidade restrita ao próprio indivíduo e à vida privada. Quais são as circunstâncias que provocaram tal modificação e que trouxeram a idéia do indivíduo e do seu papel na vida cotidiana da sociedade?

Para as seguintes reflexões, tomamos como ponto de partida o estudo de Phillippe ARIÈS a respeito da vida privada. Segundo ARIÈS, trata-se de "três fatores externos, ligados à grande história político - cultural" (ARIÈS, 1991, p. 9) que modificaram as mentalidades.

Em primeiro lugar, a partir do século XV, o estado como instituição, por exemplo, na área da justiça, impõe-se sob diferentes modos, num espaço que antes estava reservado às comunidades ou grupos de parentes da vila. Dessa maneira, esses grupos perdem a sua relevância e, ao longo do século XVIII, suas funções passam a ser preenchidas tanto pelo núcleo da família quanto pelo estado que, cada vez, mais assume funções de controle e regulação. Essa polarização entre estado e família, privado e público, traz uma intensificação da experiência da vida privada: "Os espaços sociais que a conquista do Estado e os recuos da sociabilidade comunitária

deixaram livres vão ceder lugar ao indivíduo para se instalar no espaço, na sombra."  
(ARIÈS, 1991, p. 14)

No seu estudo sobre a família puritana, DOHRN VAN ROSSUM observa, por sua vez, uma perda de funções das várias formas sociais na sociedade inglesa do século XVII: Devido à mobilidade crescente, grupos de parentes e a comunidade da vila perdem a sua relevância. Muitas comunidades religiosas se desfazem. Essas funções são preenchidas tanto pelo núcleo da família quanto pelo estado, que cada vez mais assume funções de controle e regulação:

Ao mesmo tempo, a família se torna um apoio ideológico do estado. Não somente ela deve ser uma pequena igreja, mas também a menor unidade da coletividade estado. O estado como uma grande família e a família como um pequeno estado. O Rei Jakob I se portava como um pai poderoso e provedor para os seus súditos que deveriam se sentir como os seus filhos. O quinto mandamento é reinterpretado civicamente de tal maneira que a submissão à autoridade paterna se tornava ao mesmo tempo num exercício de lealdade política. (DOHRN VAN ROSSUM, 1982, p. 68)

Além disto, o aumento da taxa de alfabetização e a difusão da leitura, graças à imprensa, fazem com que exista o espaço e a possibilidade de se criar um mundo privado. A partir da necessidade e possibilidade de ler e escrever livros, Norbert ELIAS vê um sinal para uma transformação civilizatória. Para ele, os livros são parte e continuação de conversas e jogos como costume anterior, um meio de substituir conversações - tais como através de cartas, memórias e aforismos. A arte de descrever pessoas dá o fundamento para o romance que enxerga o indivíduo na sua existência social, nas suas dependências dentro da sociedade, o que faz com que essas criações literárias tenham uma atmosfera do vivido real:

De qualquer modo, podemos dizer que os retratos que saíram da pena de Saint-Simon e seus contemporâneos até as descrições da 'alta sociedade' do século XIX, de autoria de Proust –passando por Balzac, Flaubert, Maupassant e muitos outros- (...) perpassa uma linha direta de tradição, caracterizada precisamente por essa lucidez de observação, essa capacidade de ver a pessoa em todo seu contexto social e compreendê-la através dele. (ELIAS, 1993, p.229)



Em terceiro lugar, as novas formas de religião que se estabelecem nos séculos XVI e XVII trazem uma nova concepção da busca da verdade e do sentido profundo da vida. O exame de consciência passa a ser componente fixo na prática religiosa: Para os católicos, em forma de confissão, para os puritanos, em forma de diário íntimo, servindo para o aperfeiçoamento pessoal.

No seu livro "O processo civilizador", Norbert ELIAS ilustra essas mudanças como uma fase na formação de consciência do homem, na transição de uma força exterior para uma força que é auto-estimulada e na crescente racionalização e psicologização das relações humanas. Segundo ELIAS, a principal razão para essa necessidade do autocontrole, do cuidado, da visão abrangente<sup>3</sup> e da autogestão dos afetos é o aumento das interdependências entre as pessoas, implicando troca de mercadorias e divisão de trabalho. Como consequência, os modelos e modelações de comportamento vivem um processo de mudança:

Tal como a conduta em geral, a maneira de ver as coisas e as pessoas também se torna mais neutra na esfera afetiva, com o processo civilizador. A 'imagem do mundo' vai se tornando menos diretamente determinada pelos desejos e receios humanos, e se orientando para o que chamamos de 'experiência' ou para o 'empírico', para seqüências dotadas de regularidades imanentes. (...) E é exatamente nos círculos da vida na corte que se desenvolve o que hoje chamaríamos de uma visão psicológica do homem, a observação mais exata dos demais e de si mesmo em termos de uma série mais longa de motivos e conexões causais (...)." (ELIAS, 1993, p. 228)

O que ELIAS chama de processo civilizador é um processo de distanciamento da natureza bruta, da outra pessoa e de si mesmo, ou seja, a diferenciação do ego. Entre as características dessa nova maneira de conceber a vida cotidiana, podem ser destacadas a vontade de se isolar e de se auto-conhecer através de uma exteriorização de si mesmo. A busca da verdade se torna uma questão individual, enfatizando a auto-reflexão e o exame dos próprios sentimentos.

---

<sup>3</sup> Termo no original alemão: Langsicht

Essa mudança permeia os mais variados aspectos da vida. HABERMAS concentra a sua análise na esfera do trabalho e fala da polarização entre a esfera social e a esfera íntima:

Os burgueses da era liberal viviam a sua vida privada prototipicamente na profissão e na família: o setor do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social era tanto uma esfera privada quanto a 'casa', despojada de funções econômicas imediatas. Estas duas esferas, outrora estruturadas no mesmo sentido, desenvolvem-se agora de modo oposto (...). (HABERMAS, 1984, p. 181)

O desenvolvimento da grande empresa que tem uma relação de trabalho objetivada, ligando o empregado à instituição e não mais à pessoa, faz com que muitas funções, que antigamente pertenciam à esfera pública, passem a fazer parte de instituições não públicas: Essas empresas começam a construir casas para os seus trabalhadores, oferecem escolas, igrejas e ajudam viúvas e órfãos. Dessa maneira, a esfera profissional se tornou um setor quase público, provocando uma grande perda do que era a base da propriedade familiar:

Mais uma vez ambos os aspectos afirmam o seu direito: uma série de funções de dispor privadamente é substituída por garantias públicas do status; no âmbito mais restritos desses direitos e deveres sócio-políticos, o fenômeno primacial da perda do poder discricionário privado tem por efeito secundário transformar essa perda num alívio de encargos, pois tanto mais "privadamente" pode desenvolver-se o consumo das chances de rendimento, de ajuda social e de tempo para lazer. (HABERMAS, 1984, p. 185)

O cidadão da Alemanha do século XIX reivindicava a formação cultural com o desenvolvimento de bibliotecas para emprestar livros e a formação de pequenos círculos de leitura. Foram fundados museus, tanto pelo incentivo oficial, por exemplo, de um rei, quanto por incentivo privado, por exemplo, por um colecionador de quadros. O novo papel da mulher, que dispunha de muito mais tempo agora do que antes, devido a mudanças na estrutura familiar, contribuiu para que a leitura e a escrita se fixassem na cultura burguesa como elemento fundamental: "Especialmente a mudança da forma da família que não constituía mais a cultura da 'casa total' e sim

a família nuclear urbana, resultou numa perda de várias funções das mulheres dentro da família, sem que tivesse um substituto, provocando uma grande demanda de leituras para meninas e mulheres que foi atendida pelo mercado livreiro.” (HÄNTZSCHEL, 1989, p. 60)

Os jovens rapazes se reuniam em grupos de ginástica e em corporações<sup>4</sup>. De uma forma geral, tanto a industrialização que estava apenas começando e que produzia mobilidade vertical e horizontal, como também a explosão populacional são dois fatores importantes para uma demanda maior por informação impressa. Enciclopédias de todos os tipos, pequenos livros informativos a respeito de certos assuntos tanto como livros de bolso, especialmente para as mulheres, caracterizam essa época como sendo a época da leitura: Para isso contribuía ainda a obrigatoriedade de freqüentar a escola, o número cada vez menor de analfabetos e o maior tempo disponível para o lazer.

No século XIX, os membros da burguesia se dedicavam cada vez mais à escrita de cartas e diários, contando e relatando detalhes da sua vida privada e do foro interior. Esse diálogo com os outros e consigo mesmo através de cartas ou de diários era a maneira mais comum de questionar e revelar a si ou mesmo, de se abrir com uma pessoa escolhida e próxima como maneira de se conhecer melhor o verdadeiro EU. Graças à sua formação e habilidade de se expressar através da palavra, a burguesia era um grupo privilegiado para esse tipo de auto-introspecção, e ambos os sexos usavam e refinavam essa possibilidade:

Entretanto, fica claro que o lugar-comum do homem como ser raciocinante e da mulher como ser emotivo não governava as cartas e os diários da era vitoriana. O estilo confessional e confidencial, disponível a burgueses de todos os tipos - protestantes, católicos, judeus e ateus - floresceu tanto entre os homens como entre as mulheres. (GAY, 1999, p. 338)

---

<sup>4</sup> Os membros desses *Turnerbünde* e *Burschenschaften* se obrigavam a defender a unidade nacional da Alemanha e um estado liberal.

Desta maneira, o diário constituía um diálogo, às vezes real - quando se permitia que outra pessoa o lesse, conforme o costume da época -, às vezes imaginário, quando ele era mantido em sigilo durante toda a vida do autor. Assim, o diário ganhava características e propriedades humanas, seus autores o imaginando como sendo um amigo ou uma amiga. Chegavam até a se desculpar por ter negligenciado ou ignorado por algum tempo e se despediam do caderno antigo ao começar um caderno novo:

Essa atitude, repleta de sensibilidade, tornou-se comum, e até banal. Em 1834, o poeta francês Maurice de Guérin exclamava: 'Oh, *mon cahier*, para mim tu não és um conjunto de folhas, sem vida ou sentimentos; não: vives, tens uma alma, inteligência, amor bondade, compaixão, paciência, caridade e uma simpatia pura e constante. És para mim o que não encontrei entre os humanos, um ser terno e devotado, que apóia uma alma débil e doentia.' (GAY, 1999, p. 358)

A sensibilidade refinada da época e a procura de si mesmo, de seu verdadeiro Eu, influenciou fortemente a escrita de cartas como também de diários. Esses últimos acabaram se revelando como maneira perfeita de criar um Alter Ego, mantendo-se entretanto suas confissões em sigilo.

Segundo GAY (1999), a idade típica de se iniciar um diário era durante a adolescência, um estado do ser humano que somente no século XVIII teve sua relevância reconhecida como fase importante no crescimento e desenvolvimento da pessoa: "(...) algo no despertar da puberdade, e o tumulto que o acompanha, os levavam ao auto-exame." (GAY, 1999, p. 359) Além do reconhecimento da adolescência como fase de formação pessoal, mais um fenômeno cultural da modernidade privilegiou o desenvolvimento do diário como instrumento preferido nas lutas internas: o direito de se ter uma esfera íntima, privada. Somente esta esfera íntima garantiu que os diários ganhassem o caráter confessional, porque o autor, nesse caso, tinha certeza de que somente ele teria acesso ao escrito.

Essa característica fez com que o diário fosse marcado por contradições: por um lado, somente podia constituir uma literatura de confissão se ninguém, a não ser

o autor, tivesse acesso a ele - o que seria o direito de ter uma esfera íntima, privada. Por outro lado, a maior parte dos autores escrevia - mesmo que inconscientemente - para futuros leitores: filhos, netos ou mesmo para o parceiro. Não só as circunstâncias externas, mas também o conteúdo do diário fora marcado por contradições: honestidade e invenção de fatos, verdade e fantasia muitas vezes caminhavam uma ao lado da outra, tornando difícil a reconstrução dos fatos 'tais como realmente ocorreram'. Podemos observar que o diário não tinha somente a função de registro; era muito mais um amigo íntimo para o qual era possível confessar tudo sem que reclamasse ou se distanciasse por causa do conteúdo delicado: " 'Aqui meu coração desabafa quando está muito oprimido; porque há coisas que não se podem contar a ninguém.' " (MEYR, apud GAY, 1999, p. 360)

O hábito de manter um diário não constitui novidade no século XIX. Há vários séculos, religiosos mantinham diários a fim de controlar os pensamentos e o desenvolvimento da própria atitude religiosa. Igualmente, diários de viagem marcavam há séculos o panorama da literatura. A consciência de um EU, da própria identidade começa a se desenvolver a partir do século XVIII. Essa consciência encontra sua maior expressão nos diários do século XIX. É marcante a quantidade de pessoas que, naquele século, começam a se dedicar à manutenção de um diário: "O que caracterizava o diarista do século XIX, bem como o missivista, era a quantidade, mais do que a intenção." (GAY, 1999, p. 361) A autorevelação e o autoconhecimento começaram a fazer parte de uma nova rede de experiências da burguesia daquela época.

Quais foram as razões que levaram os membros da burguesia a escrever e manter um diário, às vezes ao longo de muitos anos? Peter GAY nos dá uma série de motivos, sublinhando que justamente o ato de iniciar um diário muitas vezes dependia do grau de auto-revelação e auto-conhecimento: o ato de escrever diariamente podia ser simples costume, já herdado dos pais ou incentivado pelos professores, às vezes, somente para preencher as horas livres. Isso, ao mesmo

tempo, constituía um exercício e treino de disciplina, ajudando na preservação das experiências e vivências da própria vida para os filhos e netos e de manter viva a memória. Nesse último caso exercia também uma função didática. Da mesma maneira, podia expressar o desejo de se perceber como sujeito, como EU, e de iniciar ou de manter um contato com o próprio interior e a alma. O diário possibilitava a articulação de reações pessoais, de sentimentos pessoais tais como raiva, medo, angústia, mas também alegrias e amores secretos, dando a sensação de alívio ou mesmo de absolvição de pecados ou maldades.

Também não eram raras as vezes em que o diário constituía uma esfera privada para duas pessoas: "Outras criavam uma área de privacidade para dois, e exibiam seu diário para alguém que tinha importância especial, como demonstração de confiança e prova de amor, ou então como uma arma em longo duelo conjugal." (GAY, 1999, p. 365)

Às vezes, o diário assumia o papel de um Alter Ego que ajudava a se ver como os outros o viam. A manutenção de um diário era, sobretudo, a possibilidade do escritor ser absolutamente honesto consigo mesmo - de uma forma jamais encontrada na convivência ou no diálogo com uma outra pessoa, anulando o medo de parecer ridículo, uma pessoa má ou sem controle.

No diário, todo qualquer sentimento e qualquer expressão tinham validade e eram verdadeiros, mesmo se fosse somente para aquele momento. Porém, não podemos nos esquecer de que os escritores de diários da época - por mais sentimentais e livres que fossem - dispunham de mecanismos de defesa inconscientes para expulsar anseios, pensamentos e sentimentos não desejados nas profundezas da alma. O costume burguês de reserva e discrição impedia que certos pensamentos fossem comunicados ao mundo exterior, e até mesmo ao mundo criado pelo diário: "Assim, a natureza humana e a cultura da classe média vitoriana conspiravam para estabelecer uma medida de transparência e ao mesmo tempo para frustrar a sua completa realização." (GAY, 1999, p. 371)

Como se evidenciou, os diários testemunham os sentimentos humanos, provocando, às vezes, uma luta interior, por se descobrirem discrepâncias interiores. De uma forma muito especial e muito própria, os diários falam a verdade de um momento na vida de um indivíduo. Isso porque, mesmo se a pessoa escrevesse uma mentira ou omitisse um fato, o diário refletia a necessidade de mentir ou omitir. Representava a verdade daquele momento da vida - que nem sempre correspondia à realidade.

É surpreendente, ao observarmos o desenvolvimento do diário durante o século XIX, justamente pela sua quantidade, a necessidade que reflete a quantidade de tentativas de se auto-analisar. As tensões e contradições do século XIX já descritos se revelam no desejo de achar um lugar para relaxar, encontrar-se, conhecer-se melhor e de simplesmente desabafar. O crescente individualismo trouxe às pessoas muitas liberdades, mas levou também a uma redução no espaço de comunicação em família e sociedade: trouxe o isolamento psicológico.

Uma outra pergunta fundamental a respeito de diários é justamente o porquê de todo esse esforço e muitas vezes esmero, se ele era usado para guardar justamente as partes mais íntimas e menos ostentativas da pessoa. Referindo-se a esse tema, Donald KEENE menciona duas categorias de diários: os que foram escritos somente para o uso do próprio autor e os que foram escritos para serem mostrados ou apresentados a outras pessoas. Segundo KEENE, a maior parte dos diários foram escritos com a esperança inconsciente de que um dia alguma pessoa fosse lê-los. Assim, KEENE chega à conclusão:

However many precautions he may take to keep his diary a secret, he must in his heart also hope that the secret will be penetrated. Writing a diary, like writing a poem, is often a kind of confession, and no confession can be effective unless another person hears it.<sup>5</sup> (KEENE, 1989, p. 2)

---

<sup>5</sup> Mesmo com todos os cuidados que se tenha para manter seu diário em segredo, dentro de seu coração continua a esperança de que esse segredo seja descoberto um dia. Escrever um diário, assim como escrever um poema, muitas vezes constitui um tipo de confissão, e nenhuma confissão faz sentido sem que ela seja ouvida por uma outra pessoa.

Assim, a manutenção de um diário expressa o desejo de preservar do esquecimento as experiências vividas e de preservar aqueles dias na memória que a história oficial não mencionaria. Assim escreve KEENE, que pesquisou diários japoneses de vários séculos:

Diaries describe aspects of Japanese life that are not touched on other genres. For example, again and again in the novels and plays we find expressions of a character's longing to abandon the 'burning house' of his world and to take refuge in some Buddhist sanctuary; but it was seldom considered what happened to the family of a man after he went to a temple in the mountains, shaved his head and became a priest.<sup>6</sup> (KEENE, 1989, p. 9)

A essência dessa afirmação -a ocultação do privado na poesia ou no teatro- certamente também vale para o mundo ocidental. Assim, o teatro do século XVII na Europa tem um objetivo meramente estético e de ocultação do privado, a dor, o sofrimento, atrás de atitudes como dignidade e resignação, bem como a "recusa à exposição do que a época quer ver assumido não mais pela comunidade, e sim pelo indivíduo em sua intimidade."(GOULEMOT, 1991, p. 382-383)

A prática do diário não parou de crescer durante toda a era clássica, mas o desenvolvimento da escritura íntima não leva diretamente à constituição de um espaço privado. A conquista da intimidade individual a partir do século XVI e XVII assinala uma individualização dos costumes e na vida privada, mas ainda não é tematizada ideologicamente: "Os espaços sociais que a conquista do estado e os recuos da sociabilidade comunitária deixaram livres vão ceder lugar ao indivíduo para se instalar no espaço, na sombra."(ARIÈS, 1991, p. 14)

Somente no final do século XVII, o espaço privado começa a se organizar como um espaço fechado, totalmente separado do serviço público que se tornou autônomo. É esse espaço liberado que será preenchido pela família. Dessa maneira,

---

<sup>6</sup> Os diários descrevem aspectos da vida japonesa que não são mencionados em outros gêneros literários. Assim, por exemplo, nas histórias e peças de teatro, sempre podemos achar os sinais da personagem querendo abandonar sua 'casa em chamas' no mundo para se refugiar num santuário budista; porém, são raras as vezes nas quais são consideradas as consequências para sua família depois que ele tinha fugido para um templo nas montanhas, raspado sua cabeça e se transformado num monge.



parece válida a afirmação de Madeleine FOISIL segundo a qual a consciência da vida privada só se estabelece a partir da segunda metade do século XVII:

Mais ainda que os elementos da vida privada material e afetiva, é portanto a consciência desta, o lugar que ela ocupa na sensibilidade da época (...). O privado constitutivo da vida cotidiana, o íntimo constitutivo da vida privada, nos sentidos que hoje lhes damos ('a que o público não tem acesso, não é admitido'), não constituem tema de escritos antes da segunda metade do século XVII. (FOISIL, 1991, p.367)

### 3.3 A FUNÇÃO DO DIÁRIO NO CONTEXTO RELIGIOSO: PURITANISMO, PIETISMO, AUTO-EXAME E A GENERALIZAÇÃO DA ESCRITA DE SI

A partir das reflexões acima delineadas, podemos responder às indagações sobre as circunstâncias que possibilitaram a ascendência da escrita privada, onde o diário assume um papel fundamental.

A polarização entre Estado e família, privado e público, é acompanhada por uma intensificação da experiência da vida privada e uma nova concepção na busca da verdade e do sentido profundo da vida. O romance inspira a indagação da experiência individual, e, nessas circunstâncias, o diário e a autobiografia respondem à necessidade da época. Um outro acontecimento, entretanto, contribui para o aprofundamento e a ampliação da experiência da escrita de si: a reforma protestante e com ela, o auto-exame, de vez que a abolição do confissãoário e da auto-flagelação, bem como a recusa ao purgatório leva a que, entre os protestantes, a luta contra o pecado seja travada no seu EU interior.

A este propósito, os diários introspectivos dos puritanos, servindo para o aperfeiçoamento individual, refletem o espírito da época. Segundo DOHRN VAN ROSSUM, "em muitos casos, os diários eram uma ajuda para a auto-reflexão, ou, caso eles fossem destinados aos filhos ou até a publicação, instruções para

estimular o desenvolvimento religioso do ouvinte ou leitor." (DOHRN VAN ROSSUM, 1982, p. 71)

Porém, o isolamento do indivíduo não era somente um hábito especificamente calvinista, mas protestante em geral. No seu livro "Le suicide"<sup>7</sup> (1973), DURKHEIM esclarece que os protestantes teriam que resolver sozinhos as questões do pecado e da culpa devido aos princípios religiosos que seguiam. Por isso, eles se isolariam e se retirariam do seu grupo social.

Na esfera religiosa protestante, essas novas tendências se mesclam com os ideais daquilo que WEBER mais tarde chamaria "a ética protestante" (1904). A ética do protestantismo ascético exige uma forma de vida racional, controlada e bem aproveitada para poder justificar todas as ações perante Deus. O encontro com Deus se manifesta através de práticas como a oração, o isolamento e a auto-reflexão, constituindo-se estas uma busca extremamente sistemática de entrar em contato com Ele.

Os diários introspectivos dos puritanos, servindo para o aperfeiçoamento individual e como uma ajuda para a auto-reflexão retratam o espírito da época, o gosto pela solidão, o desejo de isolamento e de autoconhecimento através da escrita. Característica não só típica dos puritanos mas também dos protestantes em geral, indicando *claras modificações de mentalidade a partir do final do século XVII*.

O diário, além de ordenar espaço e tempo, constitui também uma organização de sentidos em torno dos próprios sentimentos. Apesar da solidão física da pessoa, não se trata de uma introspecção totalmente solitária. Há um constante diálogo entre o eu e o outro, estabelecendo categorias fundamentais de valores que dão origem a um juízo de valor real. Segundo BAKHTIN, esse juízo, "a ótica axiológica de consciência, manifesta-se não só pelo ato, mas também pela menor vivência, pela mais simples sensação: viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser uma ótica axiológica." (BAKHTIN,

---

<sup>7</sup> publicado pela primeira vez em 1897

1997, p. 202) Além desse constante diálogo, há um outro princípio inerente à introspecção: Quanto mais profunda é a solidão consigo mesmo, mais evidente se torna a relação com Deus, porque um discurso introspectivo, que é um discurso de valores, dirigido à própria pessoa, é impossível na solidão absoluta e remete automaticamente à relação consubstancial com Deus.

Uma parcela especialmente interessante do gênero literário 'diário' são os diários de emigrantes alemães do século passado, na maior parte protestantes, como é o caso de Hugo Delitsch, o autor do objeto de pesquisa desta tese. Para essas pessoas, o diário não era somente um meio formador e organizador do mundo externo e material, mas sobretudo responsável pela coerência interna da pessoa: a vida, as próprias decisões e ações ganham sentido, contribuindo assim para a estruturação da biografia marcada por uma ruptura qual fosse, o ato de migrar, ou seja, o ato de mudar-se de seu mundo.

#### 4 O ARQUIVAMENTO DO EU

A partir do século XVIII, a importância da escrita toma conta do cotidiano. A escrita não se restringe mais a alguns sábios do clero e da alta burguesia, mas se estende a quase toda a sociedade europeia. Para existir como indivíduo, é cada vez mais necessário possuir papéis pessoais e manter um "arquivo doméstico" (ARTIÈRES, 1998, p. 13). Para ver sua identidade pessoal e até sua existência reconhecida, a pessoa tem que ter à mão estes papéis, os quais chegam até a ganhar um valor mítico, diferenciando o bom cidadão daquele que provavelmente tem algo a esconder: "*O anormal é o sem-papéis*. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico." (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Porém, a prática da escrita como exercício pessoal já existia há muito tempo. FOUCAULT (1992), por exemplo, apresenta o livro *Vita Antonii*<sup>1</sup> como exemplo de uma notação escrita das ações e dos pensamentos. Essa notação escrita se constitui como um elemento indispensável da vida ascética. A escrita toma o lugar do companheiro de ascese e especialmente a escrita de si atenua os perigos da solidão, dando-se o que se viu ou pensou a um olhar possível:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso. (FOUCAULT, 1992, p. 141)

A justificativa para esse empreendimento da escrita de si é o motivo essencial da 'sinceridade', fazendo do ato de escrever muito menos uma construção que remete a uma noção de verdade no sentido da exatidão da descrição, mas sim uma elaboração de sentido.<sup>2</sup> Ligado a essa elaboração de sentido dos

---

<sup>1</sup> O Santo António (252-357) é o fundador da vida monacal, da vida ascética por excelência.

<sup>2</sup> Segundo GAGNEBIN (1998), é nas "Confissões de Santo Agostinho" (354-430) que, pela primeira vez, a escrita se justifica por este motivo, o de dar um sentido ao vivido e ao passado.

acontecimentos na vida do homem é também uma nova maneira de conceber o Eu narrador, sua identidade e a própria enunciação da narrativa. O exercício do rememorar como parte integrante decisiva do pensar provoca o deslocamento de uma reflexão de maneira retrospectiva para uma auto-reflexão sobre as várias atividades humanas:

Com efeito, a relação entre tempo e linguagem não é, como parecia à primeira vista, uma mera relação de continente e de conteúdo, mas, criticadas essas categorias espaciais que nos confundem em vez de nos esclarecer, muito mais profundamente, uma relação transcendental mútua: o tempo se dá, de maneira privilegiada, à minha experiência em atividades de linguagem - no canto, na recitação, na escrita, na fala - , e só consigo falar, escrever, cantar e contar porque posso *lembrar*, exercer minha atenção e prever. (GAGNEBIN, 1998, p. 76)

No diário apresentado, as reflexões sobre o Eu narrador e o sentido dos acontecimentos somente vão adquirir seu último sentido ligando-se aos valores fundamentais do autor: a crença em Deus. Toda a auto-reflexão, em última instância, está voltada para o alcance da realização pessoal tal como ela é considerada como ideal pela crença protestante: o indivíduo é justificado pela produtividade pessoal e pelo sucesso profissional.

É nesse desenvolvimento que se insere o diário do alemão Hugo Delitsch, homem culto do século passado que em 1859 viria como emigrante para o Brasil a fim de começar uma nova vida na Colônia Dona Francisca em Santa Catarina. Para entendermos melhor as circunstâncias dessa emigração, a Colônia Dona Francisca será caracterizada brevemente, dando-se, em seguida, atenção ao diário de Hugo Delitsch.

#### 4.1 A COLÔNIA DONA FRANCISCA

A imigração alemã no Brasil teve seu início com a fundação da colônia de São Leopoldo em 1824. Até o ano de 1830 entraram aproximadamente sete mil pessoas desta origem no Brasil. Em 1830, a guerra dos farrapos interrompeu o processo, que só recomeçou em 1845 com a fundação da Colônia Feliz, incentivada pelo governo imperial. A partir dessa data, a responsabilidade pela colonização no país passa para os governos federais e para a iniciativa particular<sup>3</sup>.

É nesse contexto que se situa a colonização em Santa Catarina: Em setembro de 1850, por iniciativa particular do Dr. Otto Hermann Blumenau, é criada a Colônia Blumenau no Vale do Itajaí. Dr. Blumenau tinha vindo anteriormente ao Brasil como procurador da Sociedade Protetora dos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil. A primeira leva de colonos para esta região consistia de 17 imigrantes germânicos, incentivado pelo Dr. Blumenau, por vinte anos, diretor desta colônia. A idéia era criar um núcleo de pequenos agricultores independentes: "Embora se encontrassem entre os imigrantes iniciais, profissionais artesãos, ficou determinada, pelo fundador da colônia, a dedicação exclusiva ao trabalho na terra e a proibição do braço escravo." (RENAUX HERING, 1987, p. 33) Devido a dificuldades financeiras - provavelmente oriundas desse estatuto que limitava as possibilidades de desenvolvimento econômico da colônia- depois de 10 anos de existência, esta passou de um empreendimento particular para oficial, do governo imperial.

Em março de 1851, os diretores da Sociedade Colonizadora Hanseática, os Srs. Chr. M. Schröder, Ad. Schramm e G. W. Schröder fundaram a Colônia Dona Francisca, mais tarde, chamada Joinville. Essa fundação se deu através da publicação oficial do contrato de remessa de 100 colonos. Os planos para o desenvolvimento da colônia previam uma colonização gradual: "(...) no primeiro ano,

---

<sup>3</sup> Quanto a este primeiro processo de emigração da Alemanha para o Brasil, existem inúmeras publicações. Ver por exemplo: SUDHAUS, 1940; SCHÜTZ, 1974; HUNSCHE, 1977.

100, no segundo 200, e nos três seguintes anos 400 colonos de todas as idades e sexos, sejam remetidos com meios de sobrevivência, principalmente víveres." (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 13)

Fazia parte também, desde o começo, a recomendação de uma organização comunitária, construindo-se igrejas e escolas e contratando professores e pastores. A figura 1, uma ilustração do ano de 1865, dá uma idéia sobre as condições nas quais viviam os primeiros imigrantes.

De fato, a primeira leva que chegou a Joinville consistia de 124 pessoas, de três nacionalidades diferentes: oriundos dos estados germânicos, suíços e noruegueses. O esforço para receber essa primeira leva de imigrantes foi grande:

O tempo para recebimento de colonos aproximava-se e (...) o Sr. Eduard Schröder (filho do presidente da Sociedade) (...) resolveu dar uma vista por lá, a fim de ver o estado em que se achava a Colônia. Isto em fins de janeiro de 1851. E em companhia de um amigo, Dr. Köstlin, constatou, para seu espanto, que estava tudo por fazer. Só encontrou uma simples picada que, partindo do local de desembarque, ia até o edifício que servia de armazém, mais um rancho para recebimento dos colonos, a casa de Günther e um casebre do colono que o acompanhou. (RODOWICZ-OSWIECIMSKY, 1992, p. 16)

Desesperado com essa situação pouco antes da chegada da primeira leva de imigrantes, o Sr. Schröder, diretor da Sociedade, assumiu a direção da colônia. Além disso, anunciava-se a chegada de um grupo de 74 noruegueses, originalmente destinados à Califórnia, que tinham resolvido se transferir para a colônia devido a avarias no navio. No dia 9 de março de 1851, esses primeiros imigrantes chegaram à colônia, logo percebendo as dificuldades a serem enfrentadas. Em vez de receber um lote de terra, como tinha sido prometido, primeiramente picadas e caminhos tinham que ser abertos. Só em meados de 1851 distribuíram-se os primeiros lotes de terra com 10 a 20 morgos de área com um preço variando entre 2 a 3 Thaler por morgo<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Um quadrado de terra medindo 50x50 m ou seja 2500m<sup>2</sup>. Originalmente a quantidade de terra que podia ser trabalhado numa manhã (em alemão *Morgen*).

FIGURA 1 - CASAS DE COLONOS EM DONA FRANCISCA - 1865



FONTE: Museu da Imigração/Pinacoteca do Estado. O olhar e o ficar. A busca do paraíso, 1994, p. 20.



Assim, até a chegada do segundo navio em 12 de julho, demarcaram-se 27 lotes coloniais e até o fim do primeiro ano, mais 25.

Hugo Delitsch, o autor do diário em questão, é um dos membros dos diversos grupos de imigrantes que deixaram a Alemanha devido à iniciativa realizada pela Sociedade Colonizadora Hanseática, que, durante o período principal de suas atividades, de 1850 a 1888, encaminhou ca. de 17.000 emigrantes à Colônia Dona Francisca (RICHTER, 1992). Tratou-se de uma colonização promovida pela iniciativa privada que trouxe emigrantes em grande parte vinculados a atividades urbanas e não rurais. MAGALHÃES caracteriza esse grupo de emigrados sendo eles:

(...) artesãos dedicados a múltiplas atividades, com diferentes graus de especialidade, que deixam sua terra natal não apenas por razões econômicas, mas também por razões de ordem política. Muitos foram membros ativos da Revolução de 1848, e devido às frustrações sofridas com o fracasso dos movimentos a que pertenciam, dedicaram-se por procurar no "Novo Mundo" as chances que concretizaram suas utopias. (MAGALHÃES, s.d., p. 1)

Já os primeiros imigrantes, em 1855, começaram uma administração local e independente tanto da Sociedade Colonizadora quanto do governo brasileiro e da sociedade receptora. Permaneceram nessa forma de administração durante 13 anos<sup>5</sup>, desenvolvendo uma auto-gestão e auto-sustentação impressionante para a época e infra-estrutura que dispunham.

A colônia foi dividida em distritos, formando cada distrito uma unidade autônoma. Cada distrito tinha seu representante, ficando sob sua responsabilidade a aplicação de dinheiro recebido referente ao seu distrito: construíram-se escolas e igrejas e remunerava-se o pastor e o professor. Os representantes dos distritos votavam o Conselho Comunal. Este regulamentava impostos e organizava a aplicação do dinheiro arrecadado em forma de imposto referente ao interesse público: cabia aqui a construção e o reparo de ruas e pontes, por exemplo (FICKER, 1965).

---

<sup>5</sup> Ver a respeito: FICKER, 1965, p.171.

Nesse sentido, a colônia também se constituiu como utopia concretizada a partir dos sonhos social - democratas frustrados na Alemanha, administrada por membros oriundos de movimentos políticos dessa vertente. O documento citado em seguida reflete o espírito da administração da colônia:

(...) Nach Ankunft im hiesigen Hafen in São Francisco werden die Einwanderer, sammt allem ihrem Gepäck, durch die Kolonieböte (sic) kostenfrei vom Schiffe weg nach Joinville befördert. Die Koloniedirektion sorgt und steht dafür, dass alles, auf dem Schiffmanifeste verzeichnete Gepäck der Passagiere vom Schiffe bis in den Güterschuppen von Joinville gebracht und dasselbe bewahrt und bewacht wird, bis die betreffenden Eigentümer es abholen.

Die Eingewanderten erhalten hier während der ersten vier Tage freie Be... [unleserlich; wahrscheinlich 'Beköstigung'] in den hiesigen Gasthäusern und freie Wohnung in den Empfangshäusern für die Dauer von mindestens drei Monaten. Sie erhalten überdies ein ganzes Jahr lang freie ärztliche Behandlung und, nach Befinden, unentgeltliche Aufnahme, Behandlung und Verpflegung im hiesigen Krankenhause, auch noch übers Jahr hinaus, wenn sie mittellos sind. (...)

Das ist der Segen von Vereinigungen, wo viele kleine, nach gemeinsamem Ziele zusammenwirkende Kräfte allmählich großes erreichen, wo Alle für einen eintreten und dadurch die Beschwerden und Schäden, welche das Leben mit sich bringt, von den Schultern des Einzelnen, der leicht davon erdrückt werden könnte, auf die Schultern Vieler vertheilt und so jedem erträglich gemacht werden.<sup>6</sup> (Estatística da Colônia Dona Francisca do ano 1867)<sup>7</sup>

Em março de 1869, o Conselho Comunal, representante do poder legislativo da colônia, foi dissolvido em virtude da criação da Municipalidade, provocando uma série de conflitos entre o grupo que administrava a colônia até então e os políticos do governo brasileiro<sup>8</sup>. As limitações sobretudo financeiras que se sobrepuseram à

---

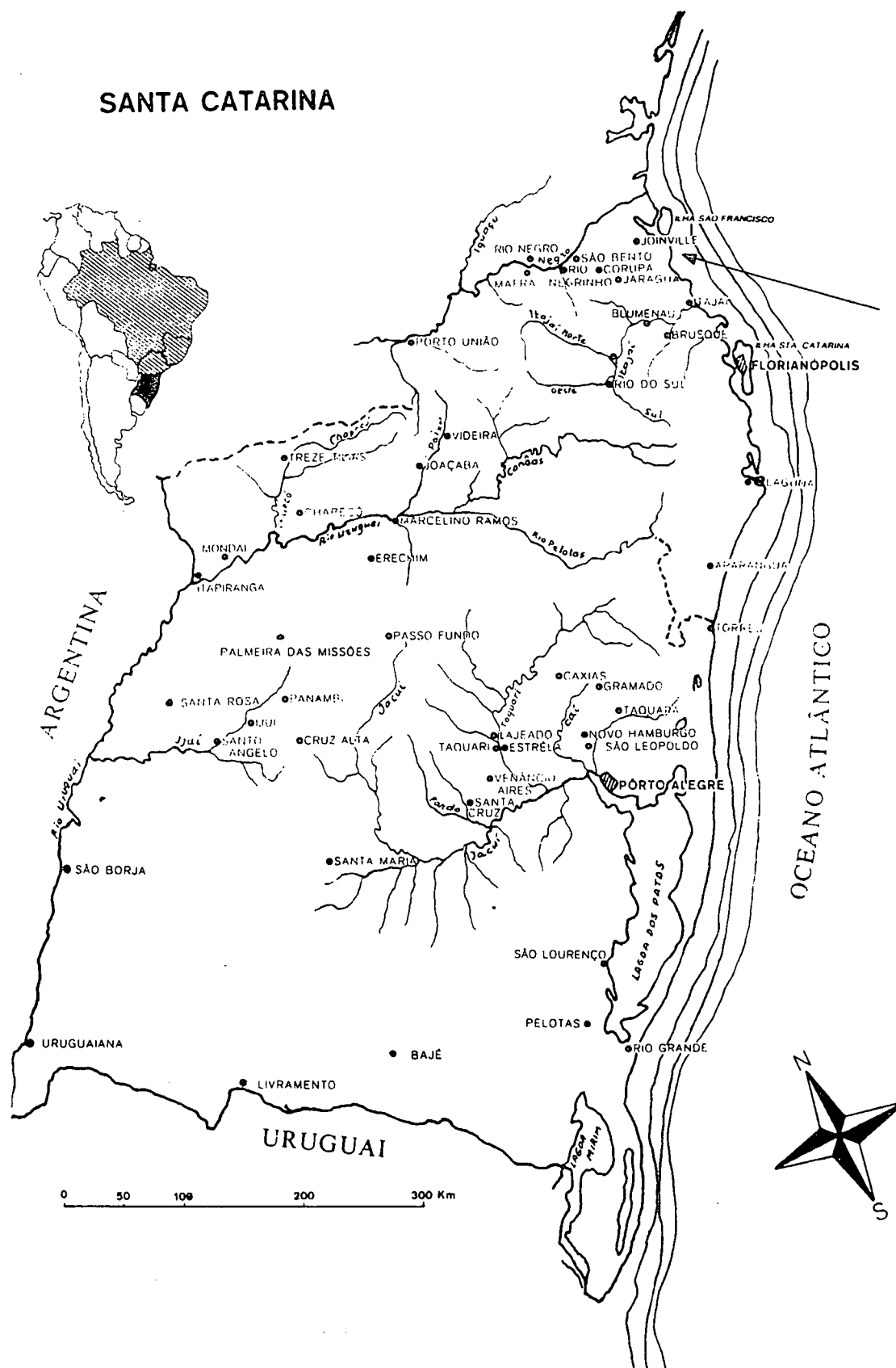
<sup>6</sup> (...) Depois da chegada no Porto de São Francisco, os imigrantes, inclusive suas bagagens, são transferidos para Joinville, por barcos da Colônia, sem custo algum. A direção da Colônia se responsabiliza pelo transporte de toda a bagagem - desde que esta seja registrada nos documentos - do navio até o armazem de carga de Joinville. Lá, será guardada até que os proprietários venham buscá-la. Durante os primeiros quatro dias, os imigrantes receberão *alimentação* [ilegível no original] nos restaurantes locais e hospedagem livre nas casas de recepção pelo menos durante os primeiros três meses. Durante um ano receberão atendimento médio gratuito e em caso de necessidade, internação e atendimento em hospital, mesmo não tendo recursos para tal. (...) É isso a bênção de uma associação na qual, juntando-se muitas pequenas forças, será alcançado um grande objetivo pelo qual todos lutam unidos, aliviando assim as dificuldades e os prejuízos que em certos momentos a vida traz para cada um, dividindo estes com os muitos outros membros da associação, a fim de tornar os contratempos mais suportáveis para o indivíduo.

<sup>7</sup> Pasta 'Documentos Alemão A-J Originais', Documento N° J10-14, p. 12. Arquivo Histórico de Joinville.

<sup>8</sup> Ver a respeito FICKER, 1965, p.247.

gestão da colônia por parte do Governo Imperial, fizeram com que essa gestão se dissolvesse a partir dos anos setenta.

MAPA 1 - LOCAL DE DESTINO DE HUGO DELITSCH E EMMA ANTON



FONTE: Fouquet, 1974, p. 267.

#### 4.2 O DIÁRIO DE UM EMIGRANTE ALEMÃO PROTESTANTE

Hugo Delitsch nasceu no dia 21 de setembro de 1826 em Neukirchen, na Saxônia, perto de Chemnitz. Sexto filho de um pastor protestante, estudou na Universidade de Leipzig e se formou em Farmácia em 1851. Em outubro de 1858, emigrou da Alemanha, saindo de Hamburgo pelo navio "Sir Isaak Newton". Estava acompanhado da esposa Emma Hedwig Anton e do irmão Herrmann, um marceneiro, e de sua esposa Ottilie. Chegou em Joinville em janeiro de 1859. Em 1863 arrendou uma farmácia que funcionou até os meados do século XX. Hugo Delitsch morreu no dia 24 de junho de 1905 em Joinville.

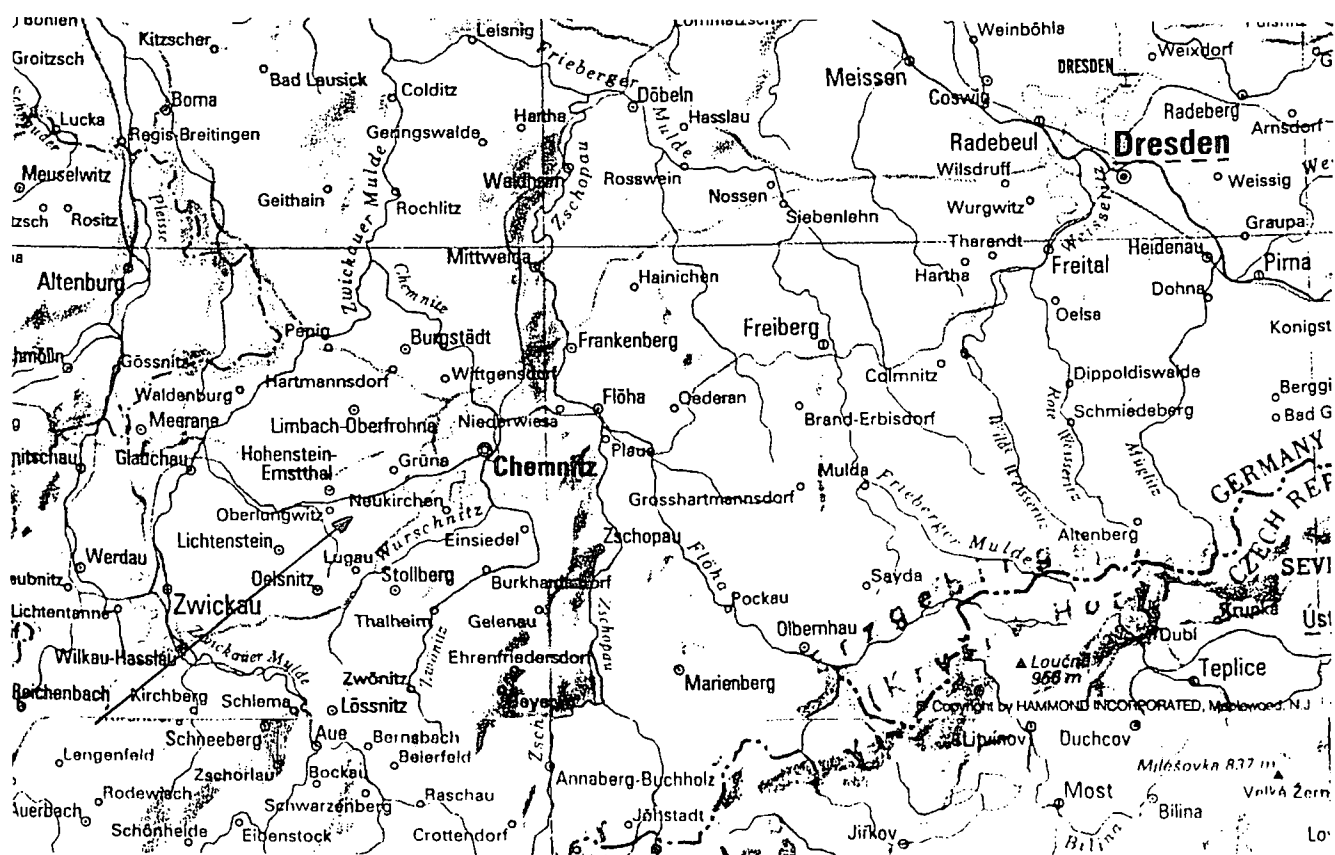
Hugo Delitsch, sendo filho de um pastor protestante e tendo boa formação educacional, conhecia certamente e acompanhava as modas da escrita de sua época e, no dia 6 de abril de 1844, aos 17 anos de idade, começou a escrever o seu diário. Trata-se de um marco simbólico, porque é neste dia que está fazendo o seu exame para poder se tornar ajudante numa farmácia, depois de ter prestado serviços durante 4 anos. No contexto da época, sendo essa o auge da escrita de si e do hábito de escrever um diário, tal iniciativa se constitui muito mais um dever do que um mero passatempo. O diário serve como elo entre o fazer e o dizer da pessoa, estabelecendo um auto-controle constante. A obrigação de escrever desempenha o papel de um companheiro. Nisso, FOUCAULT (1992) enxerga uma relação de complementaridade: aquilo que os outros são para o asceta em uma comunidade é o caderno de notas para o solitário. Esta complementaridade não afeta somente os atos mas também o pensamento: o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, a escrita exercerá sobre a ordem dos movimentos internos da alma. Portanto, a escrita traz à luz os movimentos do pensamento.

MAPA 2 - REGIÃO DE ORIGEM DE HUGO DELITSCH (I)



FONTE: Diercke Weltatlas, 1992, p. 73.

### MAPA 3 - REGIÃO DE ORIGEM DE HUGO DELITSCH (II)



FONTE: Oxford Hammond Atlas of the world, 1993, p. 71-72.

A princípio, exteriormente, ninguém iria controlar o que realmente seria escrito nesse diário, mas existia um tipo de controle social que fazia com que os jovens comesçassem a escrever um diário. ARTIÈRES cita de um manual de educação para filhas jovens, ilustrando o costume da época:

Estudai vosso caráter, como se fizésseis vosso exame de consciência para vos apresentardes ao tribunal da penitência; examinai vossas inclinações, vossos gostos e vossos pensamentos (...). Para fazê-lo mais facilmente existe um hábito muito bom de ser adquirido: é o de todas as noites, antes de vos deitardes, escreverdes o diário dos vossos pensamentos e das vossas ações durante o dia que passou (...). (BASANVILLE, apud ARTIÈRES, 1998, p. 15)

Era portanto mais tolerável e aceitável manter um diário marcado por ausências e omissões, já que ninguém podia controlar os pensamentos ou todas as ações de uma pessoa. Por via de consequência, não manter o diário na época era visto como uma falha pessoal, uma lacuna na formação da personalidade.

É nesse sentido também que BAKHTIN formulou sua idéia segundo a qual a enunciação é de natureza social e não individual, sendo ela ligada às condições da comunicação que, por sua vez, estão ligadas às estruturas sociais. Cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica e também corresponde a um grupo de temas: a escritura do diário fazia parte da cultura burguesa da Europa do século passado e mantinha um certo padrão - o registro diário, em forma narrativa - e de conteúdo - reprodução de acontecimentos, descrição de sentimentos e auto-controle com relação ao cumprimento dos deveres morais e éticos. A palavra passa a ser um instrumento de consciência:

Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extra corporal. (BAKHTIN, 1992, p. 37)



Dessa maneira, a palavra materializa a vida interior, a consciência. O diário não constitui outra coisa a não ser uma grande e complexa materialização, um discurso interior que através da escrita tomou expressão externa. O ato de materializar a vida interior é um ato de auto-explicitação, servindo para um posicionamento ético-moral diante da vida cotidiana. Compreende e estrutura-se a própria vida através de sua descrição e avaliação.

Este ato de estruturação pode ser visto também como um adestramento de si mesmo (FOUCAULT, 1992). Entre todas as formas que este adestramento tomou, o papel da escrita pode ser entendido como um exercício pessoal. Isto vale também para o autor do diário em questão que, sendo protestante, coloca todas as ações de sua vida a serviço de um rígido ascetismo secular.

Ao mesmo tempo, a escrita de si constitui uma forma de experiência moderna porque questiona e problematiza a subjetividade. É dessa problematização que Norbert ELIAS (1993) desenvolveu suas idéias sobre a sóciogênese e a psicogênese dos indivíduos, identificando no ato de escrever um tipo de exercício pessoal que levava a um autocontrole elevado porque regulava emoções e pensamentos. Como Foucault também assinala, "o constrangimento que a presença alheia exerce sobre a ordem da conduta, exercê-lo-á a escrita na ordem dos movimentos internos da alma" (FOUCAULT, 1992, p. 131).

### 4.3 A ESCRITA DO DIÁRIO COMO MODO DE CIVILIDADE

As idéias básicas de ELIAS a respeito da relação civilidade-ato de leitura<sup>9</sup> servem para validar a situação de um homem do século XIX, amante da leitura e autor de um diário no qual relata minuciosamente seu dia-a-dia durante muitos anos, além da sua emigração da Alemanha para o Brasil em 1858. Além de escrever extensamente quase todos os dias a partir do ano de 1844, somente interrompido por dificuldades de visão entre os anos de 1854 e 1858, Hugo Delitsch também era colecionador de livros e desenhista, preocupado em arquivar lembranças de parentes e amigos em forma de pequenas caixas cheias de pequenas folhas de papel repletas com poesias, desenhos e até mechas de cabelo.

Somando estas atividades, todas extremanente típicas para o século XIX<sup>10</sup>, podemos concluir que ele é um protótipo do homem deste século. Pretende-se mostrar em seguida, através de pequenos trechos extraídos do diário e ilustrando a atividade do arquivador Hugo Delitsch, como um documento privado pode ser interpretado e explicado à luz das teses de Norbert ELIAS.

Como já foi mencionado, Hugo Delitsch inicia o seu diário no dia 06 de abril de 1844, dia do exame final de seu tempo de aprendiz numa farmácia em uma pequena cidade no Estado de Saxônia chamada Ernstthal. Feita a prova, já à noite, ele reflete sobre os quatro anos de aprendiz, expressando a sua opinião sobre o comportamento do seu supervisor e, ao final do parágrafo expressa, através de um poema, seus anseios para o futuro, entusiasmado, porém, enraizado numa profunda crença em Deus:

---

<sup>9</sup> Compare para isso capítulo 3 do presente trabalho.

<sup>10</sup> Neste contexto, ver também HIMMELHEBER, 1989.

Fort in die Welt als freier Mann	Quero andar agora pelo mundo como
Will ich mich nun begeben,	homem livre,
Und was ich gutes lernen kann,	Aquilo que de bom será possível aprender,
zu lernen mich bestreben.	pretendo aprender.
Ich will gebrauchen meine Kraft	Quero usar minhas forças
bis mich der Tod hinweg einst rafft,	até que a morte me retire do mundo,
und meinen guten Namen	e sempre associar meu nome
Mit Gott behaupten. Amen! <sup>11</sup>	ao nome de Deus. Amen! <sup>12</sup>

O autor faz aqui promessas a si mesmo, não só oral ou mentalmente, mas de forma escrita, o que revela um comprometimento sério, porque ao abrir o diário, sempre lerá este poema e será lembrado de seus compromissos. O controle para que estas promessas sejam cumpridas, portanto, não vêm mais de fora, de outras pessoas, de um medo vital, mas sim de si mesmo, do *Alter Ego*. Nesse sentido, já na primeira página, o diário se revela como uma forma de observar e controlar mais a si mesmo, mostrando também que houve uma diferenciação na maneira de exercer pressão ou força sobre outros e sobretudo sobre si mesmo. Os medos internos crescem, enquanto os medos externos se reduzem. O que antes era a luta entre dois homens se transformou na luta consigo mesmo, motivado por uma visão de longo prazo, no presente caso, a vida toda. O recolhimento que o diário e o ato da escrita propõem, significam uma forma de se abstrair do ambiente momentâneo, capacitando a pessoa, ao mesmo tempo, a enxergar mais longe e a ver possíveis interdependências, tentações, perigos e possibilidades.

Se por um lado, o diário possibilita um espaço de auto-reflexão, por outro, serve também para fixar momentos agradáveis pelos quais passou o autor Hugo

---

<sup>11</sup> 6 de abril de 1844

<sup>12</sup> Para evidenciar a linguagem no original, optou-se por uma apresentação sinóptica dos trechos escolhidos do diário.

Delitsch. O presente trecho conta o reencontro do autor com uma paixão antiga, a moça Marie Kunz, que chega junto à amiga Emma de visita na casa do autor ainda na Alemanha. Assim ele escreve no dia 5 de maio do ano 1844:

Emma hatte mir ein Anekdotenbuch mitgebracht, Marie las darin, und ich hatte indeß Zeit, sie genauer in's Auge zu fassen, denn während ich mit Emma sprach, betrachtete ich immer Marie, welche am Tische saß, vor dem ich stand. (...) Marie gefiel mir ausnehmend. Das große schwarze Auge, das schwarze Haar, die zarten Händchen, der einfache, aber sehr geschmackvolle Anzug und dazu das liebenswürdige, offne Benehmen, ihre Artigkeit, ihr kindliches, heiteres, lebhaftes Gemüth, alles vereinigte sich, mich verliebt zu machen.	Emma me trouxe um livro de anedotas, e enquanto Marie o lia, eu tinha tempo de olhar melhor para ela. Pois, conversando com Emma, sempre olhava para Marie que estava sentada à mesa bem à minha frente. (...) Marie me agradava extraordinariamente. Os grandes olhos negros, o cabelo preto, as mãos delicadas, a roupa simples, mas de bom gosto, e o comportamento amável, aberto, sua graça, seu temperamento ingênuo, vivo e sereno, tudo isso se reunia para me fazer um apaixonado.
---	---

Segue-se um poema de 4 estrofes, escrito no mesmo dia, elogiando a beleza de Marie Kunz e suas virtudes de moça, deixando claro, na última estrofe, a impossibilidade dessa paixão se transformar num verdadeiro amor, devido à curta estadia de Marie Kunz na cidade:

Doch ach! Nur eine kurze Zeit War mir bescheeret diese Freud! Ich sahe sie von dannen gehen Um nimmer wohl sie mehr zu sehen.	Mas não! Somente por um tempo curto Fui agraciado por esta alegria! Eu vi a moça partir Para depois nunca mais vê-la.
--	--

Fica expresso nestes dois trechos um novo tipo de prazer, gerado por sensibilidades e sentimentos íntimos. Os olhos revelam-se como principais mediadores desse prazer. Hugo Delitsch observa o cabelo da moça, suas mãos, deleita-se com o seu comportamento agradável. Mesmo tendo presentimentos de uma impossibilidade da paixão secreta devido à idade da moça e suas circunstâncias de vida, sabe como regulá-la: em vez de lutar ou se manifestar pela paixão, na esperança de que as circunstâncias se tornem favoráveis para ele, Hugo Delitsch prefere expressar o que sente para seu amigo secreto e converte sua tristeza em palavras e poemas. Mesmo quando sua paixão é ardente e apesar de passar a ser abalado emocionalmente, não se abre com a moça. Os trechos do diário são uma imagem fiel do estado emocional de seu autor nestes dias. Escreve somente frases curtas e, mesmo estas, parecem ter sido escritas às pressas e com nervosismo:

Marie ist noch in Ernstthal, das weiss ich, und doch keine Spur von ihr. Sie ist nicht zu erblicken. <sup>13</sup>	Marie ainda está aqui em Ernstthal, eu sei disso, mas nenhum rastro dela. Ela não aparece.
--	--

Auch heute keine Spur von ihr. Das ist zum Verzweifeln. <sup>14</sup>	Também hoje nada dela. É para se desesperar.
---	--

A forte regulação das paixões, por um lado, e a importância do espaço aberto pelo diário para poder expressar seus sentimentos, por outro lado, ficam mais uma vez claros quando Hugo Delitsch relata o momento da despedida e partida de Marie Kunz:

---

<sup>13</sup> 10 de maio de 1844

<sup>14</sup> 11 de maio de 1844

Was mein Herz empfand in diesem Augenblicke, das läßt sich mit Worten nicht beschreiben. Doch vor allen Leuten konnte ich meinen Schmerz nicht blicken lassen; fest und ruhig, wie es dem Manne gebührt, ging ich in die Stube zurück. <sup>15</sup>	O que o meu coração sentia naquele momento não é possível descrever com palavras. Porém, jamais poderia mostrar a minha dor na frente de todos. Firme e calmo, como deve ser o homem, voltei para a minha sala.
--	---

Esse trecho confirma um aspecto fundamental da teoria de civilidade de Norbert ELIAS, qual seja, o crescimento da complexidade interna dos indivíduos. O homem é capaz de enfrentar a si mesmo, de desfarçar paixões e de agir contra seus sentimentos porque consegue ver as consequências desagradáveis que lhe traria a perda de controle sobre si mesmo: perda de respeito frente aos outros. Nesse sentido, o autocontrole assume valor de prestígio e é quem agora protege o homem de ser ferido pelos outros. Enquanto contra o perigo físico, o melhor defensor era a espada ou a luta com as mãos, contra o perigo da intriga e da hostilidade sutil entre as pessoas, o autocontrole, a regulação das paixões e o cálculo se revelam como aliados mais eficientes.

Portanto, enquanto em público, Hugo Delitsch se mostra forte e controlado e de fato consegue se manter calmo e até volta ao trabalho depois da despedida. Jamais podia se dar a liberdade de mostrar sua dor pela perda da moça ou até chorar. Porém, no mesmo dia, já pela noite, e agora sozinho, deixa o coração falar e escreve dois poemas que expressam sua tristeza sobre a paixão não satisfeita. Porém, o fato de ter expresso sua tristeza em forma de poema, forma altamente regulada por ritmo, som e rima, mostra que nem no seu espaço mais íntimo, o autor desta época era capaz de se abrir completamente. Aí, o escritor, por mais sentimental e livre que fosse, dispunha de mecanismos de defesa inconscientes. O

---

<sup>15</sup> 13 de maio de 1844

costume burguês de reserva e discrição impedia certos pensamentos de serem comunicados até no mundo criado pelo diário.

Da mesma maneira que as relações íntimas, os desejos e as paixões têm seu espaço reservado no diário, Hugo Delitsch também reserva grande parte das escrituras diárias para a descrição do seu ambiente e da natureza que observava com todos seus detalhes nas suas muitas e longas caminhadas. Mais uma vez, o olho se revela como mediador principal; é a capacidade de olhar e de contemplar a natureza sem tocá-la, que produz longos trechos de descrições da natureza nas diferentes estações do ano no diário. A natureza não é mais um cenário de medo ou de paixões desenfreadas, mas se torna um objeto de prazer visual:

<p>Frankenberg liegt in einem Thalkessel, ringsum von hohen Bergen umgeben. Auf den Gipfeln der Berge liegen einander gegenueber die Schloesser Lichtenwalde und Sachsenburg, von welchen man aber bloss die Thuerme sieht. Eine Masse Doerfer liegen um die Stadt herum, und in einem Halbkreise schlaengelt sich der Zschopau silbernes Band durch gruene Wiesen um dieselbe. Es ist bloss eine einzige Bruecke um den sehr reissenden und tiefen Fluss vorhanden, und an den uebrigen Punkten muss man mit Faehren uebersetzen, welche in Masse vorhanden sind.<sup>16</sup></p>	<p>Frankenberg fica no fundo de um vale, cercada por montanhas altas. No cume das montanhas ficam - um em frente ao outro - os castelo Lichtenwalde e Sachsenburg, dos quais somente é possível ver o cume. Muitas vilas pequenas ficam à volta da cidade e o rio Zschopau serpenteia como uma corda de prata num semi-círculo por campos verdes ao redor da cidade. Existe somente uma única ponte sobre este rio de águas rápidas e profundas, em todos os outros lugares somente é possível atravessar com a ajuda de um dos barcos que lá esperam em grande número.</p>
---	---

<sup>16</sup> 16 de junho de 1844

<p>(...) Bald erreichten wir den Harratssprung. In stiller Bewunderung des kuehnen Helden blickte ich (...) dem Felsen, dem hoechsten und steilsten Punkte des ganzen Ufers empor, von dem Ritter Harras sich herabstuerzte in die tiefe, reissende Fluth. Eine alte, maechtige Eiche, welche zum Andenken an diesen Sprung von Harras gepflanzt worden sein soll, und ein grauer Stein mit der Aufschrift "Ritter Harras, dem tapferen Springer" sind die einzigen Denkmaler jener That.<sup>17</sup></p>	<p>(...) Logo chegamos na greta chamada Harras. Com muita admiração eu olhava (...) para cima da rocha, para o ponto mais alto e mais íngreme de toda a margem do rio, de onde o cavaleiro Harras tinha se jogado na torrente rápida e profunda. Um carvalho velho e imponente que teria sido plantado para lembrar do salto do Harras e uma pedra cinza com epitáfio "Ao cavaleiro Harras, o saltador audaz" agora são os únicos monumentos daquele acontecimento.</p>
--	---

Os trechos escolhidos como ilustração transmitem bem o prazer que Hugo Delitsch consegue sentir na harmonia das cores, do sol, da água, do campo e até das ruínas de castelos que antes, com certeza, eram o cenário de luta e violência. Interessante também é a descrição do rio que, segundo Hugo Delitsch, tem "águas rápidas e profundas", mas que pode ser atravessado através de uma ponte ou com a ajuda dos inúmeros barcos que esperam seus passageiros. Essa avaliação mostra claramente que a natureza ainda significa um perigo, mas um perigo controlável e dominado. O mesmo pode ser observado na descrição dos acontecimentos em volta do cavaleiro Harras. Apesar de Hugo Delitsch se impressionar, mais uma vez, com a força do rio, ele não chega a sentir medo, mas admiração pelo cavaleiro que pulou no rio, até estranhando o fato de não existirem indicações mais claras a respeito do ato de glória do cavaleiro corajoso. Fica claro o distanciamento na concepção de vida entre o homem cavaleiro e o homem do século XIX, sendo o primeiro para o último razão de admiração, porém, suas ações e motivos, de difícil compreensão.

<sup>17</sup> 17 de junho de 1844



Um outro trecho que evidencia a racionalização e ordenamento dos sentimentos realizados por Hugo Delitsch é constituído por uma retrospectiva, abrangendo os anos que vão de 1853 até 1858, quando o autor do diário emigra para o Brasil, onde chega em janeiro do ano seguinte. Nessa retrospectiva, escrita no ano 1858, o diarista reflete sobre os mais variados aspectos da sua vida: começa com uma explicação sobre a razão de ter parado de escrever o diário em 1853 devido principalmente a problemas de visão, e segue falando de acontecimentos familiares, do desenvolvimento do trabalho profissional que não o satisfaz, do conseguinte surgimento da idéia de emigrar e dos preparativos e preocupações antes da emigração. Grande parte dessas preocupações se refere ao desejo de querer casar-se antes de deixar a Alemanha. Pode-se acompanhar minuciosamente a escolha e o envolvimento amoroso com a futura esposa, o que leva ao casamento dois meses antes da emigração:

Wohl manches Mal war mir bei den Vorbereitungen zur Auswanderung der Gedanke aufgetaucht: Nimm Dir eine Frau mit! Wenn ich überlegte, wie ich allein, immer wieder abhängig von Anderen, ohne ein Herz, das für mich fühlte, mein Schicksal mit mir theilte, Schmerz und Freude mit mir trug, in ein fremdes Land gehen, vielleicht ganz allein mit meinen Geschwistern leben sollte --- da kamen mir wohl im Voraus die Schauer der Einsamkeit an, da fühlte ich im Voraus den Mangel geistiger Befriedigung, da tauchte die Leere des Herzens mit ihren Schrecken in mir auf. (...) Ich hatte mich im Kreise der mir nahe stehenden Mädchen umgesehen, es waren ihrer Wenigen, von denen mir mein Herz sagte: Mit dieser möchtest Du Dein Schicksal theilen. (...) Vier waren es, die mein innerstes Gefühl mir nannte, als Solche, mit denen ich nach rechter christlicher Weise Hand in Hand durch's Leben gehen könnte, aber nur **Eine** war es, von der mein Herz mir sagte: Sie ist für Dich, für Deinen dornigen Lebensweg geschaffen, sie wird Dein Loos tragen können und wollen, **Sie wird mit Dir gehen!**<sup>18</sup>

Já algumas vezes durante os preparativos para a emigração me tinha surgido a idéia: leve uma mulher contigo. Quando eu imaginava que sozinho, dependente de outros, sem um coração que sentisse por mim, que dividisse o destino comigo, que me acompanhasse na tristeza e na alegria eu deveria ir para um país estranho e viver lá totalmente sozinho só com os meus irmãos --- já pressentia os arrepios da solidão, a falta de satisfação espiritual, o vazio do coração com seus horrores dentro de mim. (...) Já tinha dado uma olhada no círculo das moças que me eram próximas, porém eram poucas para quem meu coração me falava: Com essa sim você quer dividir seu destino. (...) Eram 4 das moças que meu sentimento mais íntimo me indicava como moças com as quais me seria possível levar uma vida cristã e justa, mas era **uma** só a qual me falava o coração: essa foi criada para ti, para teu difícil caminho de vida, ela vai poder e querer suportar teu destino; **Ela irá contigo !**

<sup>18</sup> outubro de 1858; sem data exata

O autor começa então a descrever as vantagens e desvantagens de suas amigas mais próximas, avaliando suas respectivas qualidades domésticas e expressando-se também sobre a aparência física de cada uma delas, seus caracteres e a intensidade da relação com cada uma. Porém, novamente chega à conclusão que somente uma possui as qualidades que considera indispensável para seus planos. A escrita do diário neste trecho aparece associada a uma meditação, que seria o exercício de pensamento sobre si mesmo e que reativa tudo aquilo que se sabe sobre si mesmo. Pela reativação da memória a respeito deste longo processo de escolha, o autor alcança o objetivo vital em todos seus processos de vida e para qual tende também sua atitude de acese: a elaboração de princípios racionais de ação. Assim continua justificando sua escolha:

<p>So blieb denn noch <b>Eine</b> übrig für meine Hoffnung, Emma. Sie besaß die physische und moralische Kraft für mein Unternehmen, sie war anspruchslos und bescheiden erzogen, vom Schicksal bisher wenig begünstigt, in ihr kannte ich alle Fähigkeiten und Fertigkeiten, die für meine Verhältnisse nothwendig waren. Seit einer Reihe von Jahren lebte ich mit ihr in einem innig befreundeten, geschwisterlichen Verhältnisse, das kein Wechsel der Schicksale jemals getrübt hatte. Ich war ihr älterer Bruder, den sie um Rath in ihren großen und kleinen Sorgen fragte, und dessen Rath sie hörte. Nie hatte auch nur ein leiser Hauch sinnlicher Begierde unsren Freundschaftsband befleckt, nie hatten falsche Hoffnungen in unsre Herzen sich eingeschlichen. So standen wir uns vorwurfsfrei gegenüber, wir hatten uns gegenseitig lieb, achteten uns gegenseitig. Ich besaß von jeher das volle Vertrauen der Eltern, die Zuneigung der Geschwister; konnte ich günstigere Bedingungen für mein Vorhaben wünschen?<sup>19</sup></p>	<p>Assim restava <b>uma única</b> para as minhas esperanças. Emma. Ela possuía a força física e moral para os meus planos, era educada, modesta e sem pretensões, até agora pouco favorecida pelo destino; nela eu reconhecia todas as qualidades e habilidades que eram necessárias para a minha situação. Há muitos anos, eu vivia com ela numa relação amigável, como a de irmãos, que nunca foi perturbada pelas mudanças do destino. Eu era para ela como um irmão mais velho, com que ela podia conversar sobre as suas maiores e menores inquietações, e de quem gostava de ouvir conselhos. Jamais um único sopro de desejo sensual tinha afetado nossa união amigável, nunca insinuaram-se falsas esperanças no nosso coração. Assim estávamos irrepreensíveis em frente um ao outro, nós nos amávamos e nos respeitávamos. Desde sempre contava com a plena confiança de seus pais e a simpatia dos irmãos; podia desejar condições mais favoráveis para os meus planos?</p>
---	--

<sup>19</sup> outubro de 1858; sem data exata

Escolhida a futura esposa, Hugo Delitsch resolve viajar para Wittenberg, cidade onde vive a família Anton, para pedir ao pai a mão de Emma. Vive muitas horas de incerteza e de aflição, porque apesar da evidente situação, o pai de Emma não mostra nenhum sinal negativo ou positivo. Já no dia da despedida e na última hora, é a mãe que finalmente fala com o pai para resolver a situação:

Da erbarmte sich unser die gute Mutter. Während wir in der Gartenlaube saßen, stumm und in uns gekehrt, ging sie mit Ewald zum Vater. Unerwartet wurde ich zur Mutter gerufen. Sie saß allein in der Stube und sagte weinend: Sie dürfen Emma fragen!	Finalmente, a boa mãe se compadeceu de nós. Enquanto estávamos sentados no caramanchão, quietos e introvertidos, ela, junto ao Ewald, procurou o pai. De repente fui chamada para falar com a mãe. Estava sentada sozinha na sala e me disse chorando: Você pode perguntar a Emma!
Ich übergehe die weitere Scene und die Gefühle, die uns bestürmten, am 21. Juli Nachmittags fünf Uhr waren wir Verlobte! <sup>20</sup>	Vou omitir a cena seguinte e os sentimentos que nos tomaram, no dia 21 de julho, às cinco horas da tarde, éramos noivos!

Especialmente interessante é a omissão de uma cena repleta de emoções que o autor faz. Da mesma maneira, também não existe nenhuma descrição da festa do casamento nem sequer uma única observação quanto suas emoções devido a tal momento. É bem provável que o autor tivesse medo de exagerar nas descrições e de extrapolar os limites daquilo que ele mesmo considera próprio para ser anotado. Corria então o risco de se confundir nas memórias emotivas o que logo se tornaria não-racional e incontrolável. Se assim o fosse, agiria contra o seu princípio de vida que era o princípio racional. Novamente fica claro aqui que o maior perigo não vem mais do mundo externo, mas está no interior, no difícil de ser controlado em cada

<sup>20</sup> outubro de 1858; sem data exata

pessoa, nos sentimentos e dentro do coração. Estes portanto têm que ser domados - e a escrita íntima servia como instrumento neste processo.

Enquanto fatos externos se tornaram perigos menores, controláveis, a zona de perigo foi transferida para dentro de cada indivíduo: A capacidade maior de previsão, o autocontrole e a regulação precisam das emoções, o que revela a luta interna de cada indivíduo. Portanto, é a proporção entre os medos gerados por fora e aqueles gerados dentro da própria pessoa que mudou profundamente a partir do século XVI e que se mostra já bem definido neste homem do século XIX.

Um outro exemplo que ilustra a mencionada transformação da importância do papel do olho e do olhar na capacidade de percepção do homem no século XIX é a descrição que o autor Hugo Delitsch faz na ocasião de ver e viajar de trem pela primeira vez.

<p>Hier sah ich zum ersten Male die Eisenbahn vor mir liegen. Ich haette sie gar nicht dafür erkannt, waere mir's nicht gesagt worden, als wir darueber weg in den Bahnhof fuhren. Wie liessen uns Billets geben. (...)</p>	<p>Aqui, pela primeira vez, eu vi o trem na minha frente. Nem o teria reconhecido como tal se alguém não me tivesse avisado quando chegamos na estação. Pedimos nossos bilhetes. (...)</p>
<p>Nicht lange dauerte es, da kam der Zug von Leipzig her angerollt; majestaetisch kam die Lokomotive daher gesaust, 14 schwere Wagen hinter sich herziehend. (...) und nun ging's fort, im Anfange sehr langsam, nachdem der Tunnel passirt war, etwas schneller. Um 12 Uhr waren wir am Bahnhof zu Riesa. Die Fahrt gefiel mir uebrigens. Der Tunnel, vor dem sich so viele Reisende fuerchteten, machte mir aber Spass, dann auch der Viadukt bei Roederau und die Elbbruecke.<sup>21</sup></p>	<p>Não demorou muito e veio o trem de Leipzig; majestosamente, a locomotiva corria, puxando 14 compartimentos. (...) e agora partimos, de início, muito lentamente, mas a velocidade aumentou depois que tínhamos passado pelo túnel. Ao meio dia, estávamos na estação de Riesa. Gostei da viagem! Gostei do túnel - que muitos dos viajantes temiam - e também do viaduto em Roederau e da ponte sobre o rio Elba.</p>

Enquanto por volta do ano de 1800, o ritmo das viagens ainda dependia da disposição dos cavalos, no final do século, alguns automóveis especiais já conseguiram andar por volta de 200 km por hora (CORBIN 2000, p. 12). A possibilidade e o hábito de viajar de trem provocou mudanças na mecânica do olhar do homem: Ele teve que se acostumar a ver uma paisagem passar sem poder tocá-la, cheirá-la, mas também sem ter que se preocupar com as condições do tempo. Enquanto antigamente o viajante ia de lugar em lugar, tendo o próprio caminho como viagem, mais tarde, o viajante chegava somente a um lugar, desconsiderando a

<sup>21</sup> 1º de outubro de 1844

viagem e dando muito mais ênfase no meio de transporte e ao lugar de chegada. Assim, nestes relatos, o espaço que é dado à descrição dos meios de transporte é muito maior do que antes, mostrando a fascinação do homem do século XIX pelos progressos da técnica e da rapidez. Isso possibilitou redes de interdependências ainda mais fortes e numerosas e trouxe uma integração cada vez maior, mesmo entre pessoas mais distantes. Para poder usufruir dessas vantagens, o homem teve que se acostumar com o uso de calendários e relógios de pulso. É também nesse sentido que ELIAS (1993) fala de uma mudança da estrutura dos relacionamentos humanos e da nova forma de integração do indivíduo na sociedade. O funcionamento preciso do trem somente foi possível porque cada vez mais pessoas conseguiram se submeter a um autocontrole igual, obedecendo aos relógios e aos horários combinados. É um outro homem, modelado pelos novos tipos de dependência que surgiram no seu meio.

#### 4.4 UM RETRATO DA EMIGRAÇÃO: DESPEDIDA E NOVA ESPERANÇA

Para estabelecer um vínculo entre os elementos mencionados, diário, migrante, decisão de migrar, temos que considerar os acontecimentos na Alemanha da época. Interessante, sobretudo, parece a formação da pequena burguesia a partir de 1848, que está se sentindo cada vez mais ameaçada pela liberdade industrial defendida pela alta burguesia, enquanto aquela passa a estabelecer uma ligação cada vez mais forte com o trabalho autônomo, ligado a uma corporação e a propriedade, tentando se salvar da proletarização (RENAUX, 1995).

Segundo Berthold FRANKE (1988) que caracterizou detalhadamente o pequeno burguês, este se explica pelo papel histórico social da classe média que melhor assimilou o estilo de vida puritana e ascética com as orientações normativas da economia capitalista, tais como a capacidade do cálculo racional, a racionalização



da produção e a implementação de uma concorrência entre os homens de negócios. A orientação do agir econômico do pequeno burguês é sua aspiração à segurança econômica. Para isso, ele vê dois caminhos: A assistência do Estado ou a autonomia profissional através de seu trabalho e seus rendimentos (FRANKE, 1988).

Portanto, um dos seus ideais é a auto-realização através do trabalho individual que lhe proporciona bens materiais e autonomia. Nas mudanças políticas e econômicas que provocam a revolução de 1848, ele vê posto em risco sua individualidade, seus bens materiais e sua autonomia. Para o pequeno burguês, existe uma forte ligação entre o esforço individual e o sucesso que se tem na vida.

A clara ligação entre trabalho e fé nessa sociedade tal qual ela foi analisada por Max WEBER (1989) é o fundamento para a formação da mentalidade pequeno-burguesa nessa época. O trabalho é entendido como serviço e vocação, e, ao mesmo tempo, a melhor forma de cultuar ao seu Deus.

A era *Biedermeier*<sup>22</sup> é que melhor representa essa ligação entre a fé, atividades profissionais e vida interior. Assim, quem cumprir suas obrigações não terá nada a temer. Em virtude desta mentalidade, o pequeno burguês se auto-avalia e se auto-analisa o tempo todo. O ócio é uma prática inadmissível, nem para si mesmo, nem para os outros.

A explosão populacional que começou no século XVIII, continuou no século XIX. No anos de 1817 e 1830 a população do *Deutscher Bund* (Federação Alemã) aumentou de 23,7 para 28,2 milhões de pessoas. Porém, a produção industrial nesse período não aumentou. Como resultado, não houve um aumento na oferta de trabalho para atender a demanda provocada pelo aumento populacional (von ARETIN, 1989).

---

<sup>22</sup> O nome *Biedermeier* tem sua origem numa paródia da autoria de L.E.Eichrodt, ironizando um burguês 'Spießbürger' na época do Vormärz, o professor Gottlieb Biedermaier da Suábia. Se referindo primeiro à cultura habitacional (móveis, jeito de morar), mais tarde o conceito torne-se palavra-chave para uma época apolítica entre 1815 até 1848.

Essa situação ficou insuportável no começo dos anos quarenta. No ano de 1846, 40 % da população economicamente ativa vivia à margem do mercado de trabalho. No ano 1846, em toda a Alemanha existiam somente 423 fábricas mecanizadas com 12.618 trabalhadores.

A ausência de uma política do Estado atendendo a questão social decorrente de tal situação e mesmo seu descaso para com o excedente de mão de obra, coincide com o despertar político da população. No mês de março do ano de 1848, em todos os Estados alemães houve grandes inquietações entre a população de baixa renda, tendo em vista a constante ameaça de proletarização e conseqüentemente exigindo seus direitos e combatendo os privilégios das classes de alta renda.

Após algumas concessões, houve falência dos movimentos revolucionários: a partir de maio de 1849, a maior parte das conquistas foram anuladas e as constituições dos Estados foram revistas. Finalmente, em 1850, a antiga Federação Alemã é reconstituída. Para a maior parte da sociedade, as mudanças nas condições de vida e trabalho passam a se constituir em utopia revolucionária por excelência. Para aqueles que emigram ou tenham tal plano, o sonho da propriedade e do trabalho autônomo mantêm-se preservados e viáveis.

Hugo Delitsch não é insensível a esses acontecimentos, como revelam suas reflexões e preocupações. Pelas informações de que dispomos sobre ele, sobre sua família e sobre sua formação intelectual e atividade profissional, podemos afirmar que ele faz parte justamente desse grupo social ameaçado pela proletarização, a pequena burguesia: a carta decisiva que o leva à idéia de emigrar provém, segundo ele, de seu irmão Herrmann, um marceneiro que possuía uma loja a qual lhe dava cada vez mais prejuízo. É com esse irmão e sua esposa, que anos depois, Hugo Delitsch emigra definitivamente da Alemanha para o Brasil.

Nesse ponto, vale a pena realizar algumas reflexões a respeito do papel que esse tipo de cartas tinham no processo de emigração. Por um lado, essas cartas

pareciam ter um valor de documento: para aquelas pessoas que estavam num processo de decisão quanto à emigração, constituíam uma fonte de primeira mão absolutamente confiável pelo fato de terem sido escritas por parentes ou amigos próximos. Essas cartas podiam ser apresentadas à própria família, assumindo muitas vezes a função de convencer os mais críticos membros da família das vantagens da emigração planejada. Por ser um documento pessoal, a carta sugeria maior autenticidade e se apresentava como "Garant für die Verlässlichkeit der Aussage."<sup>23</sup> (MESENHÖLLER, 1985, p. 114) Por outro lado, essas cartas muitas vezes substituíam a procura de informações mais concretas, oficiais. Os agentes de propaganda, sabendo desse fato, muitas vezes inventavam 'cartas falsas', escritas por pessoas que não existiam, descrevendo as vantagens da emigração, para ganharem mais clientes e mais dinheiro. Da mesma maneira, era comum reproduzir cartas escritas por pessoas que consideravam sua emigração um sucesso, para fazer propaganda para um determinado lugar. O exemplo de Hugo Delitsch mostra o funcionamento desse mecanismo descrito: É a carta do irmão que o leva a considerar a possibilidade de emigração pela primeira vez, mesmo que essa não tenha sido escrita por alguém que já tenha emigrado. Entretanto, pelas longas reflexões que se seguem depois que Hugo Delitsch a recebeu, podemos supor que esta, certamente apresentando detalhadamente as vantagens da emigração e do possível lugar de escolha, teve a influência principal no ato de decisão. Isso é enfatizado pelo fato de Hugo Delitsch jamais mencionar qualquer propaganda oficial, impressa, que podia ter contribuído para esta decisão. Mostra também que emigração não era um projeto individual, mas um projeto que "envolia não apenas a família imediata do migrante, mas sua parentela mais ampla (...)" (FENSTERSEIFER WOORTMANN, 2001, p. 209). Emigração era um projeto que se realizava mais facilmente em grupo, com irmãos, esposa ou outros parentes.

---

<sup>23</sup> uma garantia de fidedignidade da afirmação

A insatisfação geral de Hugo Delitsch com a sua vida, seu vão esforço de se tornar um farmacêutico autônomo e a situação que não parecia oferecer qualquer outra solução a não ser a de simplesmente se contentar com aquilo que tinha, ajudaram com certeza na decisão de emigrar. Escrevendo novamente em seu diário, Hugo Delitsch elabora minuciosamente seus princípios racionais de ação, relatando, em várias páginas, como chegou à conclusão de emigrar:

<p>Der Wunsch nach Selbstständigkeit erwachte freilich von Zeit zu Zeit aufs Neue, doch waren meine Bemühungen hier und da, mich nach einer Veränderung umzusehen, bisher immer vergebens gewesen; ich hatte es aufgegeben, in meinem Geschäfte zu einer Selbstständigkeit zu gelangen, und konnte keinen anderen Weg auffinden, auf dem ich dieses Ziel erreichen könnte. Da überraschte mich im November ein Brief meines Bruder Herrmann, der mir einen Weg zeigte, an den ich noch nie gedacht hatte.<sup>24</sup></p>	<p>O desejo de autonomia despertava, de vez em quando, mas todos os meus esforços para uma mudança até agora tinham sido em vão. Eu tinha desistido da idéia de ser um autônomo na minha profissão e não via mais como alcançar este objetivo. Foi aí que fui surpreendido por uma carta do meu irmão Herrmann, que me mostrava um caminho que nunca havia imaginado.</p>
--	---

Neste ponto é possível caracterizar a experiência de Hugo Delitsch enquanto membro da pequena burguesia: ao contrário da classe operária, proletarizada e organizada em sindicatos e movimentos populares, e diferentemente da alta burguesia, desenvolvendo um estilo cada vez mais estilizado de representação, contrastando com um tempo marcado por pobreza e problemas sociais, o pequeno

<sup>24</sup> outubro de 1858, sem data exata

burguês, principalmente na Alemanha e na Inglaterra, retira-se à sua vida privada, desenvolvendo uma noção de auto-suficiência que o leva a fugir de qualquer participação em movimentos sociais. Portanto, esta parcela da sociedade se afasta do Estado e neste espaço cede-se a um estilo de vida no qual boa parte da sociedade encontrava a expressão de seus sentimentos e sonhos.

Dessa maneira, os escritos do pequeno burguês Hugo Delitsch refletem bem o espírito de sua classe social: são marcados pela melancolia; desejos idealistas se juntam à resignação e longas reflexões sobre passado, presente e futuro. E é esse refluxo a um espaço totalmente privado que faz do pequeno burguês uma pessoa apolítica, auto-suficiente, com fortes ideais morais.

Especialmente interessante é o fato de que o diário foi recomeçado tendo em vista o desejo de relatar as grandes mudanças no rumo da vida do diarista, marcadas pelo casamento e a emigração. Ao mesmo tempo, o diarista e sua esposa começam a atualizar e aumentar as 'caixinhas de amizade' por eles mantidas, pedindo que os amigos escrevessem pequenos versos e lembranças nas folhas soltas de papel guardados ali. Parece conveniente a afirmação de que, em épocas de grandes rupturas na vida pessoal, há como consequência uma acumulação de diferentes maneiras de arquivar a vida, como observou ARTIÈRES no seu estudo de um prisioneiro que pouco antes de sua execução escreve um diário e redige várias autobiografias ao mesmo tempo (ARTIÈRES 1998).

Nesse caso, é bastante esclarecedora a idéia de que a língua é condicionada não só pela mera palavra ou por uma mera junção de palavras. Qualquer enunciação - e o diário pode ser visto como tal - supõe um enunciador e um destinatário. Essa dimensão dialógica - observada por BAKHTIN - não é algo que pode ser acrescentado posteriormente a uma estrutura lingüística, mas algo que condiciona desde o início a organização do *corpus*. O seguinte exemplo mostra a dimensão dialógica do diário, pois constitui um diálogo do autor com ele mesmo. Ao realizar a retrospectiva daqueles fatos, ele já tem mais força e autonomia de se julgar e a

facilidade de se distanciar é maior. Avaliando e repensando os planos da emigração, escreve:

<p>Im übrigen hatte ich nichts zu verlieren, ich stand allein und unabhängig in der Welt, die Reise schien mir kein Wagniß, die Übersiedlung war mir ein Versuch, wie jeder andere; ich nutzte meine unabhängige und bequeme Stellung bestens zu meinen Reisevorbereitungen, und als das Pfingstfest herankam, glaubte ich alle Schwierigkeiten beseitigt. Ich Kurzsichtiger! Was mußte ich noch erleben!<sup>25</sup></p>	<p>Além de tudo, eu não tinha nada a perder, estava sozinho e independente no mundo. A viagem não me parecia um risco, a emigração para mim era uma tentativa como qualquer outra; eu usava da melhor maneira possível a minha posição independente e cômoda para os preparativos da viagem e quando chegou Pentecostes, acreditei ter vencido todas as dificuldades. Como eu era ingênuo! Quanta coisa ainda estava por acontecer!</p>
--	---

Especialmente interessante para a análise do diário é a idéia colocada por MAINGUENEAU (1989) de que não há nenhuma exterioridade entre os sujeitos e seus discursos: o diário constitui um tipo de encenação do real: através da escritura o vivido é colocado novamente em cena, como se fosse uma cena de uma peça de teatro que pode ser repetida várias vezes. Porém, não se trata de uma máscara, ou seja, uma falsificação do real, mas de uma das formas de trabalhar o real e o vivido.

Como exemplo, cite-se um trecho do diário que descreve a cena de despedida entre os pais e o casal Hugo e Emma Delitsch na manhã da viagem para o porto de Hamburgo. O autor, sendo detalhista e um perfeito narrador em outras ocasiões, mostra-se aqui extremamente sucinto e pragmático, evitando qualquer reflexão a respeito de sentimentos, como tristeza ou choro. Parece que o diarista nesse momento não se sentiu autorizado a escrever o que o comovia e como se

<sup>25</sup> outubro de 1858; sem data exata

comovia naquele momento, mas somente a repetir o que viu, já que na sua memória ninguém mencionou seus sentimentos. A omissão nesse caso novamente parece ter a função de controle sobre os sentimentos, já que o que se passou - a despedida dos pais para sempre- significa uma grande perda, o que levaria certamente a um desespero e uma total perda de forças e sentido para aquilo que vinha pela frente: a emigração e a vida num novo país.

<p>Der letzte Abend verging ernst und trübe. Jederman beobachtete Schweigen über das, was uns bewegte. Am 17. Morgens drei Uhr erhoben wir uns, bald erschien der Wagen, wir luden unser Gepäck auf, der entscheidende Augenblick war da. Unser Abschied von unseren theuren Eltern war kurz, fast ohne Worte. Ich übergehe ihn. Als die Sonne rein und glänzend aufstieg, waren wir schon bereits hinter Wörlitz.</p> <p>Der gütige Himmel tröste die Zurückgebliebenen, er segne sie und uns!<sup>26</sup></p>	<p>A última noite se passou de forma séria e melancólica. Todo mundo manteve silêncio sobre o que nos comovia. No dia 17, às três horas da manhã, nos levantamos, pouco depois chegou a carruagem, nela colocamos todas as nossas bagagens, o momento decisivo tinha chegado. Nossa despedida dos caros pais foi curta, quase sem palavras. Vou omiti-la. Quando o sol se levantou puro e brilhante, já estávamos depois de Wörlitz.</p> <p>O bondoso céu console os que ficaram, ele lhes abençoe e também a nós!</p>
--	--

No diário se revela perfeitamente a dualidade da forma e da marca subjetiva e social. Para manter um diário, é necessário um trabalho formalmente contínuo, seguindo a ordem dos dias, meses e anos. É necessário a escolha e algum modo de memorização: ou em letras de alguma língua que tenha suas ordens gramaticais, ou em símbolos que também seguem uma certa lógica para poderem ser decifrados posteriormente pelo próprio escritor ou outros. O próprio autor do diário ilustra bem a

<sup>26</sup> outubro de 1858, sem data exata

importância do lado formal do diário, enfatizando seu valor de memória pelo fato de poder ler novamente tudo o que já se passou:

<p>So wurde es zur Ruhe gebracht, und nur dann und wann in einer ruhigen Stunde kam es zum Vorschein, nicht der Fortsetzung halber, nein nur zur Erinnerung an die Vergangenheit. Wie manchmal habe ich darin gelesen, und habe Freude und Wehmut aus seinen Blättern geschöpft. Es ist und bleibt mir ein Heilgthum, und soll mir nicht verloren gehen.<sup>27</sup></p>	<p>Assim, ele ficou em descanso e somente de vez em quando, numa hora tranqüila, caiu nas minhas mãos, não para continuá-lo mas somente para a lembrança do passado. Quantas vezes eu o li, e suas folhas me deram alegria e melancolia. Ele continua sendo uma coisa sagrada para mim e não se deve perder.</p>
---	--

A marca subjetiva também se mostra muito bem já no começo do trecho escolhido. O autor reflete sobre a sua capacidade de relatar tudo o que se passou nos anos anteriores, não só os fatos mas sobretudo os sentimentos que esses lhe provocaram:

---

<sup>27</sup> outubro de 1858, sem data exata



Wie aber fange ich es an, den Zwischenraum auszufüllen, der zwischen der Gegenwart und der Vergangenheit in diesem Buche liegt? Mein Gedächtnis ist zu schwach, die hervorragenden Thatsachen wiederzugeben, wie sollte es sich der Gefühle erinnern? Wie die Stürme beschreiben, die in dieser Zeit unsre Familie zerrißen, die mein Herz durchtobten? <sup>28</sup>	Mas como é que vou fazer para preencher, nesse livro, o intervalo existente entre o presente e o passado? Minha memória é fraca demais para reproduzir os fatos mais importantes, como vai se lembrar dos sentimentos? Como descrever as tempestades que dilaceraram a nossa família, que atormentaram meu coração?
---	---

Especialmente interessante aqui é o uso de duas palavras distintas: reproduzir - *wiedergeben* - e lembrar - *erinnern* - para o ato da memória, sendo usado o mais técnico para a memória dos fatos. Isso remete ao aspecto formal do diário: ele serve como um livro-relato, e o autor assume o papel de um cronista. Já a palavra lembrar - *erinnern*, empregado para recordar e guardar os sentimentos, reflete o lado subjetivo da linguagem e do conteúdo do diário.

#### 4.5 O DIÁLOGO OCULTO: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA PARA O PROTESTANTE HUGO DELITSCH

Tanto BAKHTIN como MAINGUENEAU consideram a linguagem uma instituição social, concentrando suas reflexões sobre a alteridade tanto do enunciador com seu possível leitor ou ouvinte, quanto do próprio enunciado, que supõe uma relação com outras enunciações e as condições de produção, o que pode ser descrito como sendo a natureza ideológica do signo lingüístico.

---

<sup>28</sup> outubro de 1858, sem data exata

Mesmo sendo o diário a materialização da consciência individual, ele não se constitui individual - mas socialmente, sendo impossível a explicação da consciência individual sem partir do meio social. Segundo BAKHTIN, toda a enunciação, sob qualquer forma dos diferentes modos de discurso, contém uma dimensão dialógica:

Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*. (...): não basta colocar face a face dois *Homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (BAKHTIN, 1997, p. 35)

No caso do diário, trata-se do diálogo consigo mesmo, remetendo sempre a uma instância maior, que seria a instituição da moral e ética vigente. Mesmo sendo uma prática íntima, o arquivamento tem uma função pública: arquivar a própria vida é a construção de si mesmo, um olhar no espelho, um preocupar-se consigo mesmo e todo um desenvolvimento da identidade que depende daquilo que ele quer que faça parte desse 'eu' visto no espelho. Colocado em forma de livro, uma parte da pessoa sobrevive à morte e se abre para o diálogo com seus leitores.

Dessa maneira, o diário não é somente um meio formador e organizador do mundo externo material, mas sobretudo, responsável pela coerência interna da pessoa: a vida, a própria pessoa, as próprias ações, opiniões e decisões ganham sentido. Segundo BAKHTIN, essa formação e organização tem como princípio construtivo de ser uma "auto-objetivação da qual o outro, com sua abordagem específica, privilegiada, é excluído, apenas a relação pura de um eu consigo mesmo pode ser o princípio organizador do discurso." (BAKHTIN, 1997, p. 156) Porém, apesar da solidão física da pessoa, não se trata de uma introspecção totalmente solitária. Em primeiro lugar, há um constante diálogo entre o eu e um outro, estabelecendo categorias fundamentais de valores que dão origem a um juízo de valor real. Segundo BAKHTIN, sobre esse juízo, "a ótica axiológica de consciência manifesta-se não só pelo ato, mas também pela menor vivência, pela mais simples

sensação: viver significa ocupar uma posição da valores em cada um dos aspectos da vida, significa *ser* uma ótica axiológica." (BAKHTIN, 1997, p. 202)

Além desse constante diálogo, há um outro princípio inerente à introspecção: quanto mais profunda é a solidão consigo mesmo, mais evidente se torna a relação com Deus, porque um discurso introspectivo, que é um discurso de valores, dirigido à própria pessoa, é impossível na solidão absoluta e remete automaticamente à relação consubstancial com Deus:

Fora de Deus, fora da confiança numa *alteridade absoluta*, são impossíveis a autoconsciência e o discurso sobre si mesmo, e isto não porque na prática estas sejam operações absurdas, mas porque a confiança em Deus é um elemento constitutivo, imanente à pura autoconsciência e ao discurso sobre si mesmo. (BAKHTIN, 1997, p. 159)

No diário em questão, são várias as referências a Deus, no sentido de que apesar de todo o esforço, em última instância, é Deus quem faz as coisas acontecerem:

Der Mensch denkt, Gott lenkt. <sup>29</sup>	O homem pensa, Deus dirige.
---	-----------------------------

Existe então um princípio de alteridade no discurso introspectivo, mas que não lhe é imanente -como é imanente a um discurso oficial ou uma crônica oficial- mas que só se evidencia na realização da fé. Nesse sentido, a divulgação do diário introspectivo entre os puritanos, servindo para o aperfeiçoamento individual, demonstra esse princípio de alteridade.

A importância dessa possibilidade de reflexão e introspecção para o migrante protestante alemão Hugo Delitsch pode ser demonstrada através de um pequeno trecho escrito após ter recebido de volta os diários que tinha mandado encadernar:

---

<sup>29</sup> outubro de 1858, sem data exata

Heute erhielt ich auch meine Tagebücher neu gebunden zurück, sie nehmen nun den ihnen gebührenden ersten Platz in meiner Bibliothek ein. <sup>30</sup>	Hoje recebi de volta os meus diários, novamente encadernados. Eles agora ocupam seu devido primeiro lugar na minha biblioteca.
--	--

Para compreender melhor a importância do ato de escrever, é indispensável que conheçamos mais um aspecto da fórmula das necessidades, da natureza e do grau das interdependências nas quais as pessoas eram colocadas na época áurea do diário. Na teia dos relacionamentos, a escrita de cartas e diários assume tamanho significado porque durante esse tempo, oferecia para pessoas isoladas a satisfação das necessidades geradas pela sociedade em que viviam. Para Hugo Delitsch, o ato de escrever significa a possibilidade de estabelecer um diálogo, refletir e de se conscientizar sobre o valor da vida. A importância dessa possibilidade de reflexão e introspecção a partir de um princípio de alteridade, pode ser demonstrada através de um trecho escrito no último dia do ano 1849:

---

<sup>30</sup> 30 de abril de 1850

<p>Heute schreiben wir wieder einmal den letzten Tag im Jahre. Er ist mir sehr still bei diesem meinem Tagebuche vergangen, ich konnte den letzten Tag des Jahres nicht besser anwenden, als in der Erinnerung, an die jüngst vergangenen schönen Tage des nunmehr zu Ende gehenden Jahres.</p> <p>(...) Möchten alle Menschen mit der Ruhe und Zufriedenheit das Jahr scheiden sehen, mit der ich ihm Lebewohl sage. - Die Glocke schlägt zwölf Uhr. Das Jahr 1849 ist vorüber!<sup>31</sup></p>	<p>Novamente, chegamos no último dia do ano. Mexendo com o diário, o dia me pareceu muito calmo, não podia ter utilizado melhor esse último dia do ano do que relembando esses dias recentes tão bonitos do ano que agora está terminando.</p> <p>(...)</p> <p>Que todas as pessoas possam se despedir com a calma e o sossego que eu tenho para me despedir do ano. - O sino toca meia noite. O ano de 1849 terminou!</p>
---	--

As atividades do labor, fazendo parte da vida cotidiana humana, também estão presentes nas reflexões de Hugo Delitsch. O que significa para o indivíduo o fato de o trabalho ser um elemento fundamental e vital? Qual é o eixo onde podemos localizar o sentido que o trabalho tem numa sociedade? O que faz o trabalho ser vital para um grupo de indivíduos?

O trabalho não se constitui somente de fundamentos e interesses econômicos, mas em muitos casos, também de fundamentos religiosos. Desde a Idade Média, os trabalhadores reivindicavam o direito ao trabalho e de poder exercer alguma função na sociedade, alegando que este direito constituía-se em lei divina<sup>32</sup>. É um indício de como estavam entrelaçados o trabalho, a religião e a fé. Neste tocante, entre as várias religiões do mundo, a cristã tem uma posição especial devido a sua atitude favorável e positiva frente ao trabalho do homem.

<sup>31</sup> 31 de dezembro de 1849

<sup>32</sup> Veja também o texto de REININGHAUS (1986) citando um caso de revolta de trabalhadores em 1529 contra a limitação a um número máximo de aprendizes em cada oficina, o que impedia que muitos exercessem seus ofícios.

Por um lado, louvava-se a benção do trabalho humano porque esse valia como uma reflexão da obra do Deus criador. Assim como Deus tinha criado o mundo, o homem deveria continuar esse trabalho, cuidando e cultivando a terra. Por outro lado, a fadiga e as dificuldades do trabalho eram vistas como conseqüências do pecado original: durante toda sua vida na terra, o homem tem que trabalhar duramente para pagar pelos seus pecados e pelo pecado original. Ambos os argumentos foram usados para defender o direito ao trabalho, usando-se citações bíblicas para fortalecer o vínculo entre religião e trabalho mundano.<sup>33</sup>

A partir do século XV, a idéia do trabalho como um louvor a Deus é usada nos sermões e nas interpretações bíblicas. Por isso, os trabalhadores preferiam os pensamentos do Antigo Testamento, porque era nele que podiam encontrar apreciação pela sua vontade de trabalhar. Com isso, podiam legitimar e dar sentido a seu trabalho cotidiano. Na literatura religiosa do século XVII e XVIII se encontram muitos textos que revelam a importância do trabalho do homem na terra, enquanto o Novo Testamento quase não menciona este aspecto (REININGHAUS, 1986).

É congruente lembrar a afirmação de Weber segundo a qual os protestantes tenderiam a optar por profissões do ramo técnico-comercial, enquanto os católicos preferiam a formação e atuação em profissões das ciências humanas, o que explicaria o menor número de católicos em empreendimentos capitalistas. Weber enxerga uma relação entre a formação religiosa desde os tempos de infância e a escolha da profissão, constituídas de maneira tal que são as "(...) peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio, especialmente do tipo de educação religiosa do lar e da família, que determinaram a escolha da ocupação, e, através dela, da carreira profissional." (WEBER, 1989, p. 22)

O diário em questão reúne a mencionada nova maneira de conceber e buscar a verdade com as preocupações de um típico protestante em refletir sobre a

---

<sup>33</sup> No exemplo mencionado, os trabalhadores alegavam que "nós homens fomos criados para o trabalho assim como o pássaro foi criado para voar" (Jó 5,7) e que "Deus nos disse para comermos o nosso pão no suor do trabalho" (Gênesis 3,19) (REININGHAUS, 1986, p. 15)

sua vida. Os seguintes trechos - considerados como cenas decisivas do diário - ilustram o estilo e a função que o diário mantinha para o emigrante protestante Hugo Delitsch. No outono de 1857, ele recebe a já mencionada carta do irmão Herrmann, o marceneiro, reclamando que seus negócios andam mal e considerando a possibilidade de vender a casa e de emigrar, perguntando ao irmão se ele não tinha vontade de o acompanhar. Segue-se a reflexão de Hugo Delitsch:

Ich hatte nie vorher an Auswanderung gedacht, und ich muß gestehen, daß mir der Plan im ersten Augenblick etwas abenteuerlich vorkam, indeß fand ich bei näherer Überlegung, daß dieser Gedanke eigentlich nicht so gar abenteuerlich sei, ich hatte hier wenig zu verlieren, dort wenig zu wagen (...). <sup>34</sup>	Eu não havia jamais pensado em emigrar, e preciso confessar que no primeiro momento a idéia me parecia um pouco aventureira, porém, depois de pensar melhor, cheguei à conclusão de que a idéia não era tão aventureira assim, aqui, eu tinha pouco a perder e lá, pouco a arriscar (...).
--	--

O diário serve como um instrumento de reflexão e a própria memória é um exercício obrigatório para elucidar o valor e a própria posição diante da vida. A religião desempenha um importante papel neste sentido, porque é ela que trouxe a idéia do exame de consciência com referência a um poder maior. A exteriorização de si mesmo, a revisão constante dos próprios atos e a organização das próprias ações para lhes dar um sentido gira em torno da idéia a respeito de uma vida 'aproveitada', com otimização do tempo em relação às atividades.

Para iluminar a ligação entre uma pessoa de formação protestante e a maneira de escrever e utilizar um diário, serão citados algumas das várias referências que o escritor do diário faz a Deus. Isso revela uma atitude de profunda

---

<sup>34</sup> outubro de 1858, sem data exata

fé e submissão à vontade divina, que apesar de todo esforço mundano é o autor dos acontecimentos.

O primeiro exemplo é um pequeno trecho de uma carta que Hugo Delitsch copiou para o seu diário. Essa carta foi escrita para uma senhora com quem Hugo Delitsch mantinha um romance no momento em que ela cogita em se separar do marido. Apesar dos sentimentos que Hugo Delitsch nutria por essa senhora, evitou emitir sua opinião e delegou o direito de dar algum conselho a uma instância maior, a Deus:

<p>Niemand, auch der Bestunterrichteste u. mit dem reinsten guten Willen beseelte ist es im Stande [zu raten und zu helfen], hier gibt es nur zwei Führer, die in ihrer Vereinigung sicher führen können, die <u>Religion</u> und das <u>eigene Herz</u>. Fragen Sie diese, meine theure Freundin, diese Führer werden sie gewiß am besten leiten, ein Herz, das Ihre Erfahrungen gemacht hat, läßt sich so leicht nicht betrügen, so lange es den Glauben an Gott bewahrt, u. gewiß, meine Freundin, Sie hatten schon diesen Führer gewählt, ehe ich es Ihnen sagen konnte.<sup>35</sup></p>	<p>Ninguém, nem a pessoa melhor informada possível e com as melhores intenções é capaz disto [de aconselhar], para este caso somente tem dois condutores, que unidos podem guiar seguramente: a <u>religião</u> e o <u>próprio coração</u>. Minha cara amiga, pergunte para estes, pois estes condutores certamente vão lhe servir da melhor maneira possível, um coração que presenciou as experiências da Senhora não se deixa enganar tão facilmente enquanto mantém a fé em Deus, e, com certeza, a Senhora minha amiga já escolheu esses dois condutores muito tempo antes do que me foi possível lhe dirigir a palavra.</p>
---	---

---

<sup>35</sup> 05 de julho de 1850



O segundo exemplo mostra claramente a mentalidade protestante de aproveitar ao máximo o tempo na terra, de trabalhar e reinvestir o que se recebeu para assim usar da melhor maneira o que Deus concedeu ao homem. No dia de sua formatura na universidade, Hugo Delitsch faz uma pequena revisão do tempo que passou e reflete sobre o futuro no momento em que se torna farmacêutico por uma universidade. Chega a conclusão que está longe de poder falar de uma vida bem aproveitada segundo os valores protestantes:

<p>Die Zukunft liegt so dunkel vor mir wie jemals, sie wird nicht mehr erhellt durch die kühnen Wünsche und Pläne des achtzehnjährigen Jünglings, Verstand und Überlegung haben sich etwas mehr Geltung verschafft, - um zu zeigen, wie weit man noch vom Ziele des Lebens entfernt ist. Nur die Vergangenheit liegt klar dahinter, und zeigt, wieviel man versäumt hat, wie wenig man zu wirtschaften verstanden hat, mit dem, das Gott gab, und wie wenig man dem nachgekommen ist, was er gebot. (...) Und wird man es in Zukunft besser machen? Ich glaube es kaum, der gute Wille ist wohl da, aber wie oft wird der gute Vorsatz vergessen! Gebe Gott mir Kraft, ihn besser zu halten als bisher!<sup>36</sup></p>	<p>O futuro está tão escuro agora, quanto era antes para mim, não é mais iluminado pelos desejos e vontades audazes de um jovem de dezoito anos, a razão e o pensamento se impuseram um pouco mais - para demonstrar o quanto ainda se está longe do objetivo da vida. Só o passado está claro e mostra o quanto se deixou de fazer, o pouco que se sabia administrar bem aquilo que Deus deu e o pouco que se obedeceu àquilo que Ele mandou. (...) E será que vai ser feito melhor no futuro? Acredito pouco nisso, apesar das boas intenções que existem, mas quantas vezes se esquece o bom propósito! Que Deus me dê força de cumpri-lo melhor do que até agora!</p>
--	---

<sup>36</sup> 25 de fevereiro de 1851

É impossível não sentir o peso da responsabilidade que o autor do diário se vê confrontado no dia a dia. Apesar da solidão física da pessoa, há um diálogo constante entre um eu e o outro que remete à relação com uma divindade maior, o que leva a estabelecer uma relação de valores, pois esses, como mostrou claramente BAKHTIN (1997), nunca se desenvolvem no vazio. O homem durante o seu tempo na terra deve administrar da melhor maneira possível o que recebeu pela graça de Deus, sendo essa uma tarefa árdua para o homem, a ser resolvida em cada minuto da sua vida. É nesse sentido que Max WEBER escreveu:

A idéia do dever do homem para com os bens que lhe foram confiados, aos quais se subordina como administrador, ou até como 'máquina de ganhar dinheiro', estende-se com seu peso paralisante sobre toda a vida. Quanto maiores as posses, mais pesado será o sentimento de responsabilidade, se prevalecer a mentalidade ascética em conservá-los integralmente para a glória de Deus, ou em aumentá-los através de infatigável trabalho. (WEBER, 1989, p. 122)

Um outro trecho ilustra muito bem como o autor do diário via a questão da aplicação daquilo que já havia administrado bem. Depois de uma visita à casa de amigos, o casal Schildbach, Hugo Delitsch observa:

Er hat sich in seinem Haus wunderhübsch eingerichtet. Alles so nett, so nobel, so bequem, und doch führen die Leutchen ein stilles, einfaches Leben. Gewiß, das ist der rechte Weg im Leben. <sup>37</sup>	Realmente, ele decorou muito bem a sua casa. Tudo tão agradável, tão nobre, tão confortável, e mesmo assim, o pessoalzinho leva uma vida calma e simples. Certamente, é esse o caminho certo na vida.
--	---

Especialmente interessante aqui é o uso da palavra 'confortável', 'komfortabel' no original em alemão. Segundo WEBER, é justamente esse conceito que destaca "de maneira sintomática a margem de despesas eticamente

<sup>37</sup> 11 de março de 1852

permissíveis" (1989, p. 123) para o homem protestante, achando o meio termo entre uma riqueza e um bem viver religiosamente aceitável porquanto humilde. São esses detalhes que nos fazem entender esse homem protestante do século passado: era um homem profundamente enraizado em Deus, analisando constantemente o vivido e tentando achar o seu caminho através dessas reflexões. E é justamente a esta vida calma e simples a que se segue, por outro lado, o afastamento da esfera pública e a retirada de qualquer atividade política, características da já mencionada era *Biedermeier*.

Fica claro também, que uma reflexão a respeito do uso dos bens conquistados não serve simplesmente para fortalecer qualquer negação e abdição à propriedade e prosperidade. Vale a pena lembrar que essa reflexão parte de um homem religioso, protestante, com sua moral própria da pequena burguesia. Por via de consequência, serve muito mais para defender um uso racional daquilo que já conquistou, ou seja, o uso da riqueza do patrimônio para coisas práticas e úteis: "Ao brilho e pompa cavaleiresca, que dá preferência à surrada elegância de uma simplicidade prosaica, assentada sobre uma base econômica instável, sucede-se como ideal o conforto limpo e sólido do *home* burguês."<sup>38</sup> (WEBER, 1989, p. 123)

Partindo-se da idéia do refluxo ao espaço privado, especialmente característico da era Biedermeier na Alemanha, o diário constitui uma forma especial de trabalhar o cotidiano de uma maneira individual e abre um espaço de privacidade privilegiada no universo da vida privada. Ele representa um ato de memória por excelência, tanto para o lado afetivo da pessoa como também para o lado racional da organização e doação de sentido na própria vida. A privacidade privilegiada se constitui pelo fato de que o outro como pessoa física é excluído. Mesmo no espaço mais privado que a família constitui, acha-se um esconderijo através da escritura de

---

<sup>38</sup> Apesar de WEBER ter usado os Quaker como exemplo, sendo estes os "representantes mais consequentes de toda essa concepção de vida" (WEBER, 1989, p. 123), suas afirmações visam a uma explicação para aquele fenômeno que em termos mais gerais ele chamou de ascetismo secular do protestantismo.

um diário. Aqui podem ser feitas reflexões até perigosas - como no caso de Hugo Delitsch, quando analisa a sua relação amorosa com uma mulher casada - ou podem ser experimentadas atitudes ou ações - como o faz Hugo Delitsch ao receber uma carta da amante querendo terminar o namoro:

Kam der Brief nicht von Herzen, dann wird sie ihr Unrecht einsehen, und wiederkommen, war er ihr Ernst - dann, Camilla, sind wir geschieden, wie Du es willst, auf <u>ewig</u> . <sup>39</sup>	Caso a carta não venha do coração, ela irá reconhecer sua posição injusta e voltar para mim, mas caso ela tenha escrito a carta realmente a sério - então Camilla, nós não estamos mais juntos e como você o deseja, nunca mais.
--	--

Por último, o diário também oferece um espaço para os desejos mais íntimos e talvez nunca externados da pessoa. O estilo do diário em questão, o cuidado com os volumes - eles são constantemente enfeitados por desenhos e encadernados quando é preciso- , as omissões às vezes até inconscientes de pequenos erros e falhas pessoais frente às metas estabelecidas pelo raciocínio, que hoje não podem mais ser revelados, remetem à vontade de estetizar a própria vida e de criar uma imagem sobre si. Se por um lado, o autor do diário em questão era um escritor talentoso e tinha um estilo e capacidade de descrição brilhante, por outro lado, no ato de revelar o que lhe é mais íntimo, o privado é levado ao público e se abre para todos os leitores possíveis. Talvez fosse essa a consciência que levasse o autor de um diário a essas criações, às vezes artísticas, na hora de relatar o mundo como ele o vivia e sentia. Essa idéia se torna mais provável se levarmos em consideração que o próprio Hugo Delitsch em poucas ocasiões especiais chegou a mostrar e ler o diário para amigos próximos. Confissões muito íntimas por um lado, por outro lado, a esperança que alguém delas tome consciência... .

---

<sup>39</sup> 8 de janeiro de 1851

Esses exemplos só são compreensíveis no contexto do movimento perpétuo civilizador como um todo. O homem civilizado não tenta obter alguma coisa pela força, mas age motivado por uma visão de longo prazo. O motivo para Hugo Delitsch avaliar e reavaliar seu comportamento, seus sucessos e falhas pessoais no diário é a crença religiosa, a esperança de alcançar a graça de Deus através de uma vida bem resolvida e bem sucedida. Profissão e dinheiro passam a ser cada vez mais as principais fontes de prestígio. A ornamentação ostentosa da casa e as finas etiquetas são completamente relegados à esfera da vida privada. Ao mesmo tempo, a importância do desempenho de funções produtoras de renda e a execução de um trabalho regular começam a dominar a vida do homem burguês da época:

*Avec l'audace tranquille de ceux qui savent qu'ils ont Dieu avec eux, les théologiens puritains feront du for intérieur du saint l'instance suprême de légitimation de tous les rapports des hommes avec leur Dieu ou entre eux (que ces rapports soient d'ordre social, politique ou économique)<sup>40</sup> (GUEISSAZ, 1996, p.83)*

O autocontrole torna o trabalho um hábito tão forte que, ao deixar de trabalhar, o equilíbrio da personalidade do burguês encontra-se ameaçada. Novamente se evidencia aqui a necessidade de um outro modelo de controle de emoções que era fundamental para garantir o funcionamento de uma sociedade que agia motivada por uma visão de longo prazo.

---

<sup>40</sup> Com aquela audácia tranqüila daqueles que sabem que Deus está com eles, os teólogos puritanos farão do espaço interior do religioso a instância suprema para a legitimação de todas as relações dos homens com Deus ou entre eles (sejam essas relações de ordem social, política ou econômica).

#### 4.6 O RELATO DE VIAGEM PARA O BRASIL: "... FINALMENTE ESTAMOS NA LINHA DO EQUADOR"

O constante crescimento do número de emigrantes fez com que a população buscasse cada vez mais informações detalhadas e especializadas a respeito das possibilidades de emigrar, das condições nos lugares distantes e sobretudo a respeito das modalidades e das condições de viagem até o país estranho. Segundo Mesenhöller, a partir de 1840 surgiram vários livros informativos e especializados, os *Ratgeber*<sup>41</sup> para emigrantes, de tal maneira que entre 1842 e 1852 a 'Biblioteca do Emigrante' contava com 308 títulos somente a respeito da emigração para os Estados Unidos (MESENHÖLLER, 1989).

O sucesso desses livros se explica sobretudo pelo fato de que foram escritos a partir da perspectiva do pesquisador e conquistador de novas terras, que estava justamente analisando a questão de viver e de sobreviver no lugar desconhecido.

Mesmo que atualmente as cartas pessoais tenham encontrado mais pesquisadores interessados do que relatos de viagem, sublinhando seu valor elevado de informações e autenticidade do vivido e visto por serem documentos íntimos<sup>42</sup>, os relatos de viagem merecem igualmente atenção, porque da mesma maneira como as cartas e os diários, os relatos se configuravam a partir de uma realidade de experiências da emigração alemã. Apresentam um outro grau de experiência, mas não deixam de ser documentos fundamentais e de caráter de fonte primária para a história geral da consciência sobre a emigração.

Os novos meios e as novas técnicas de transporte, na época, sobretudo, o trem, mudaram bastante a maneira de relatar viagens e lugares. Erwin Straus, discutindo a percepção do espaço físico em relação ao meio de transporte usado, observa uma destruição do 'espaço paisagem' em favor do 'espaço geográfico': "Vor

---

<sup>41</sup> prontuários

<sup>42</sup> Nesse contexto, Jürgen HABERMAS (1984) usa o termo de *publikumsbezogene Privatheit*, uma privacidade relacionada ao público.

der Erfindung der Eisenbahn entwickelte sich für den Reisenden der geografische Zusammenhang aus dem Wechsel der Landschaften; der Reisende gelangte noch von Ort zu Ort; (...)."43 (STRAUS, apud MESENHÖLLER, 1989, p. 377)

Portanto, enquanto antigamente o viajante viajava de lugar em lugar, tendo o próprio caminho como viagem, mais tarde, o viajante somente chegava a um lugar, desvalorizando a própria viagem e dando muito mais ênfase ao meio de transporte e ao lugar de chegada. Assim, nestes relatos, o espaço que é dado à descrição dos meios de transporte é muito maior do que antes, mostrando a fascinação do homem do século XIX pelos progressos da técnica e da velocidade.

Nesse sentido, o relato de viagem escrito por Hugo Delitsch constitui uma fonte muito preciosa, pois ele não viaja de um navio a vapor, mas de um navio veleiro. A viagem é vagarosa e muitas vezes interrompida por causa de ventos desfavoráveis. Assim, Hugo Delitsch descreve uma parada diante de Cuxhaven, no dia 28 de outubro de 1858:

Nosso trajeto de ontem não nos levou muito longe. Tivemos uma tarde maravilhosa, cheia de sol, a larga superfície de água brilhava tranquila, o vento parou completamente, a bandeira caía sem movimento do mastro. Logo após o meio-dia caiu a âncora, não havíamos feito nenhuma milha a mais. Passamos a bela tarde na pôpa; ao anoitecer foi feita mais uma tentativa para prosseguir, mas a âncora caiu de novo44.

A viagem também não oferece muito conforto - ao contrário daquilo que era prometido pelos agentes de viagem. As figuras 2, 3 e 4, da época de 1880, refletem as condições precárias em qualquer momento a bordo do navio, seja na hora de se alimentar (figura 2), de simplesmente passar o tempo (figura 3) ou, na pior das hipóteses, de enfrentar uma tempestade (figura 4).

---

<sup>43</sup> Antes da invenção do trem, o contexto geográfico se explicava para o viajante através da transformação da paisagem diante de seus olhos; o viajante ainda viajava de lugar em lugar; (...).

<sup>44</sup> Como o original em alemão não estava disponível na época em que a pesquisa foi realizada devido à necessidade de restauração, utilizou-se aqui a tradução feita anteriormente por Thereza Böbel, Arquivo Histórico de Joinville. Agradecemos e reconhecemos a licença de poder utilizar o seu trabalho.

FIGURA 2 - ZUR ESSENSZEIT IM ZWISCHENDECK - 1882  
(HORA DE REFEIÇÃO NAS ENTRECOBERTAS - 1882)



FONTE: Stölting, 1987, p.39.



FIGURA 3 - IM ZWISCHENDECK DES AUSWANDERERSCHIFFES  
(NAS ENTRECOBERTAS DO NAVIO DE EMIGRANTES)



FONTE: Stölting, 1987, p.42.

FIGURA 4 - AUSWANDERER IM ZWISCHENDECK EINES DAMPFERS - 1886  
(OS EMIGRANTES NAS ENTRECOBERTAS DO NAVIO - 1886)



FONTE: Stölting, 1987, p. 41.

A esposa de Hugo Delitsch é acometida por várias doenças e ele sofre ao ver a esposa nesse estado fragilizado:

Novamente uma pausa, uma pausa muito triste. Uma semana inteira de enjôo, desanimadora e desoladora, balançando sobre as ondas, sem ir em frente. Nossa viagem, apesar de não ser ruim, é muito monótona, desoladora. Por que temos que ter, ininterruptamente, este infeliz vento sudeste, o único completamente inútil para nós? (...) Mas minha pobre Emma, santo Deus! Meu coração sangra, quando a vejo deitada, tão doente, tão fraca, tão indefesa, e eu sem poder fazer nada para minorar seu sofrimento. Será que teremos que suportar este suplício até o fim da viagem, e quando, quando será este fim?<sup>45</sup>

O relato de Hugo Delitsch é o relato de um dos últimos viajantes de lugar em lugar: a praticamente cada latitude que passa, ele faz anotações, observações e reflete sobre a viagem. Nesses dias, o diário serve também para a estruturação do tempo e Hugo Delitsch faz questão de lembrar feriados e outras datas especiais, como por exemplo o *Buß- und Betttag*<sup>46</sup>, que naquele ano caiu em 21 de novembro. Esse dia o faz refletir sobre sua relação com a família e revela a profunda crença em Deus, que o ajuda a suportar as dificuldades a serem enfrentadas durante a viagem. É nessa crença também que o autor encontra sentido para sua vida, pois lhe dá a certeza de que vale a pena enfrentar todas as dificuldades:

É o primeiro domingo a bordo, no qual nós é permitido pelo menos guardar o feriado, fazer uma oração. Os primeiros três domingos nós os passamos como os animais! Será que também tenho uma morte a lamentar em minha família para chorar? - Eu não sei! Não sei se nossa pobre Antonie ainda está nesse mundo; vou passar ainda muito tempo sem sabê-lo! E aliás, não está toda minha família morta para mim, pelo menos temporariamente? É um pensamento bastante desolador, que me assalta agora, de vez em quando, e que retroativamente dói ainda mais. Não estamos nós mortos para aqueles que nos são caros? Não! Creio que tornaremos a nos ver! Prossigamos, portanto, com coragem na estrada da vida!<sup>47</sup>

A riqueza de detalhes do relato de Hugo Delitsch a respeito da viagem de navio revela-se sobretudo quando seu texto é comparado a um outro da mesma

---

<sup>45</sup> 28 de novembro de 1858

<sup>46</sup> Feriado na Alemanha, inexistente no Brasil. Pode ser traduzido para o português como o Dia da penitência, um dia que é reservado para refletir sobre os seus pecados e como eliminá-los.

<sup>47</sup> 21 de novembro de 1858

época<sup>48</sup>, mas de um emigrante que parece somente contar os dias até a chegada, pois nada anota a não ser o dia, uma observação a respeito do tempo e o estado de enjôo da esposa, exemplarmente apresentado aqui pela anotação do dia 28 de maio de 1858: "Aos 28 de Maio sexta feira, sem vento algum. Minha senhora está bem hoje. Durante a noite fomos saudados por forte chuva."<sup>49</sup> É nesse estilo seco e pouco ilustrativo que é descrita toda a viagem. O autor, Karl Friedrich Müller, conta somente os fatos, o essencial para se lembrar das circunstâncias exteriores.

Relatos como estes certamente têm seu valor documental, porém, para entender e imaginar bem a situação a bordo naquela época, o relato de Hugo Delitsch oferece muito mais detalhes, tendo por isso um elevado valor para o pesquisador de história. Assim, por exemplo, no dia 10 de dezembro de 1858, Hugo Delitsch faz um resumo do cardápio a bordo - alertando ainda que este tinha melhorado após várias queixas por parte dos passageiros:

Domingo: Pudim, simples, mas sempre bem preparado e de fácil digestão, com carne de sal. Este prato é em si intragável para nós, mas se preparado com calda de vinho, murtinho ou frutas, excelente, por isto, nosso predileto.

Segunda-feira: Ervilhas com toucinho, ambos relativamente bons, durante muito tempo não nos fez bem, mas agora voltou a nos apetecer bastante.

Terça-feira: Feijão com carne de sal, por diversas vezes o feijão estava queimado e nos provocou mal-estar, da última vez o feijão tinha gosto azedo.

Quarta-feira: Arroz. Arroz, o prato preferido de velhos e moços, é cozido aqui sem nenhum outro ingrediente, até virar uma papa, e assim totalmente estragado. A carne de sal não é bom acompanhamento, assim como qualquer outro prato; pena pela carne, tão boa, e tão mal preparada aqui. Somente cozido e azedo, é desperdiçado. Na última vez, comemos o arroz com açúcar e canela, à noite ainda nos deu uma boa sopa.

Quinta-feira: Pudim

Sexta-feira: Ervilhas com toucinho

Sábado: Chucrute com batatas, nosso prato predileto, que durante muito tempo não nos atrevemos a comer, mas que agora nos apetece de novo. Acompanham arenques, agora até duas vezes por semana, e eu não saberia dizer onde comi escabache de arenque tão gostoso como este aqui.

Além disso, ainda nos servem: pela manhã, café ruim, que por sorte podemos melhorar, durante a manhã, aguardente ordinário, à noite, chá ruim, que todos trocamos por água quente, para podermos preparar sopa, chá, café, etc. Ainda: biscoitos torrados, ao que consta 5 a 5 1/2 porções de manteiga, até agora geralmente boa, vinagre, cebolas, sal.

---

<sup>48</sup> A viagem de Bredenfelde (Alemanha) até a Colônia Dona Francisca, realizada por Karl Friedrich Müller, autor deste relato, durou de 14 de abril até 12 de julho de 1858.

<sup>49</sup> Tradução de Thereza Böbel, Arquivo Histórico de Joinville

No relato de viagem de Hugo Delitsch se encontram inúmeras outras descrições igualmente detalhadas quanto ao navio, aos cômodos, às rotinas durante dia e noite e aos outros viajantes além de descrições de natureza e clima.

Quando finalmente está chegando ao fim da viagem, pode-se acompanhar detalhadamente os primeiros momentos de quando a terra está à vista:

3 de janeiro. 5 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> da manhã. Terra! Terra! Terra! Maravilhosas palavras estas para um pobre viajante dos mares! Todas as desgraças são esquecidas, basta que se veja o tão esperado destino diante de si! Chegamos a este ponto e damos graças a Deus por isto! Tivemos ontem um lindo dia, e uma noite tranqüila e bela. O desejo que acalentei durante toda a viagem, acabou por realizar-se, afinal; ficamos sentados longo tempo no tombadilho, sob um maravilhoso céu estrelado, e estávamos muito felizes. Antes, tínhamos degustado com grande apetite nosso bolo de aniversário, de chocolate. Mas minha bela intuição de que ontem ainda veríamos a tão esperada terra, não se concretizou; é verdade que o Capitão mandou que fossem tomadas todas as providências: correntes de âncora, prumos, tudo estava a postos, mas a terra não apareceu. O Capitão passou toda a noite no posto, o prumo foi lançado, mostrava ainda 22 braças, apenas; finalmente, às 4 horas, soou o brado de alegria:

Terra!

À nossa direita vêem-se duas ilhas compridas e montanhosas, à esquerda, diante de nós no azul longínquo fica São Francisco. Infelizmente, uma calmaria obstruiu, momentaneamente, o belo curso do nosso navio, mesmo assim, não podemos nos queixar, depois dos últimos dias; afinal, se conseguimos superar, felizmente, 1600-1700 milas de rota, haveremos de vencer esta última etapa também!

Com estas palavras se inicia um longo relato, compreendendo os acontecimentos do dia 4 e 5 de janeiro, o qual descrevia detalhadamente a aproximação ao porto de São Francisco. Hugo Delitsch fala da paisagem, das últimas milhas que o navio tem que percorrer antes de entrar finalmente no porto. Acompanha o momento no qual a âncora está sendo jogada para fixar o navio. Sabe muito bem da importância do momento: "Foi para nós todos um momento solene, quando, ao aceno do Capitão, a âncora desceu ruidosamente. Um passo importante em nossas vidas."<sup>50</sup>

As últimas linhas do relato desta viagem são, ao mesmo tempo, as últimas linhas que o emigrante Hugo Delitsch escreveu no seu diário. Elas não somente descrevem rapidamente a chegada e os encontros com alguns alemães emigrantes,

---

<sup>50</sup> 5 de janeiro de 1859

mas são sobretudo o símbolo para o início de uma nova fase na vida de Hugo Delitsch: é no momento em que escreve estas linhas que se despede de sua vida insatisfatória, de buscas quanto ao caminho certo, de incertezas na sua vida pessoal. Durante anos, o ato de manter um diário era vital para Hugo Delitsch. Enxergava nisso sua tarefa diária, perante Deus e a si mesmo, para poder se dar conta e de avaliar melhor sua vida. Não se sentia realizado na Alemanha, não podia exercer sua profissão e isso o angustiava. A emigração, nessas circunstâncias poucas satisfatórias, parece-lhe a melhor maneira para realizar sua vida perante si e perante Deus.

Portanto, já com a chegada no Brasil, ele vê realizado um grande passo nesse plano. Apesar de ainda ver dificuldades pela frente, está pronto para começar uma vida nova, tendo todas as chances na mão para realizar o que prometeu a si e a Deus.

Através da documentação existente sobre a vida de Hugo Delitsch em Joinville, SC<sup>51</sup>, sabemos que ele rapidamente conseguiu instalar uma farmácia em Joinville, teve vários filhos e foi um homem bem sucedido. Podemos supor que não sentia mais necessidade de se sentar diariamente para refletir sobre sua vida justamente porque estava se sentindo realizado e conseguindo cumprir suas tarefas na nova terra. Outro fator responsável pelo fato de ele ter encerrado o diário com a chegada no Brasil podem ser as circunstâncias novas no qual ele se encontrou a partir da entrada num novo país e numa nova vida: Levava agora uma vida de casado, de marido, o que indiretamente pode ter impedido a liberdade de se sentar e escrever todas as noites durante várias horas. Isso se torna provável ao levarmos em conta que GAY (1999), nos seus estudos sobre a escrita do diário, dá vários exemplos de rompimento com o diário ao entrar numa nova fase da vida.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Compare sobretudo as pastas 257 e 268 no Arquivo Histórico de Joinville

<sup>52</sup> Compare para isso GAY, 1999, capítulo 6.

Assim, Hugo Delitsch encerrou seu diário quando finalmente tinha chegado ao fim da viagem. Não tinha mais o que contar, tinha cumprido a sua última missão em relatar os dias difíceis no mar. Talvez fossem seus olhos que já o tinham obrigado uma vez a parar de escrever diariamente. Talvez fossem também as inúmeras novas impressões, a nova língua, o novo clima que o impediam de continuar relatando. Provavelmente, se fosse perguntado, nem Hugo Delitsch mesmo saberia dizer a verdadeira razão de ter parado de escrever. Assim, resta somente a apresentação das últimas anotações para complementar a análise que foi feita deste diário até agora:

Que posso dizer mais? Logo recebemos visita de terra, muitos alemães. Havia oportunidade de tomar informações, tirar dúvidas, saber muitas coisas. Eu ... não falei com ninguém. Pesa sobre nós ainda uma grande angústia; estamos diante da porta da Colônia e ... não sabemos se podemos entrar. Quando tivermos certeza disso, então sim, poderemos nos alegrar. Dormimos bem, maravilhosamente bem, o chão não oscilava, estamos com saúde e fora de perigo, mas ... no momento não consigo mais escrever..<sup>53</sup>

Já em 1859, Hugo Delitsch fundou uma farmácia em Joinville, Santa Catarina. Publicou vários pequenos livros com temas referentes à saúde familiar e fórmulas de medicamentos caseiros, escritos doravante para seu atendimento ao público e enquanto profissional, mas não mais para si.

Hugo Delitsch faleceu no dia 24 de junho de 1905 em Joinville, deixando 4 filhos e a segunda esposa.

---

<sup>53</sup> 5 de janeiro de 1859

## 5 A ACUMULAÇÃO DO ARQUIVAMENTO DO EU: AS STAMMBUCHBLÄTTER DE HUGO DELITSCH E EMMA ANTON

Preocupando-se com o arquivamento do Eu, realizado também pela esposa de Hugo Delitsch, Emma Anton, defrontamo-nos com a ausência de um diário de sua autoria; em seu lugar, podemos encontrar uma espécie de álbum de poesia, denominado em seguida de *Stammbuch*. Certamente também trouxe na bagagem vários objetos, fossem eles utensílios para a casa ou simplesmente objetos ornamentais tais como toalhas bordadas. Porém, a ausência de um diário de sua autoria pode estar relacionada às diferentes formas de registro construídas especificamente pelo homem e pela mulher.

Para confrontarmos a atitude de Emma Anton, uma mulher, e a de um homem, tomemos como exemplo a grande produção literária de VON MARTIUS, sobretudo sua obra principal, o diário de viagem chamado *Reise nach Brasilien* - Viagem ao Brasil. Mesmo tendo passado somente três anos da sua vida no Brasil (1817 até 1820), o tema 'Brasil' foi significativo para VON MARTIUS durante toda a sua vida: além de monografias sobre palmeiras *História Naturalis Palmarum*, descrições de plantas *Nova genera et species plantarum brasiliensis* e da obra principal *Flora Brasiliensis*, a viagem para o Brasil também inspirou esse cientista a escrever poemas e novelas:

Die Beobachtung der Natur wird zu Gefühlen und ruft bei ihnen [Martius und Spix] Empfindungen hervor, die von reiner paradiesischer Wonne bis zur höllischen Angst reichen. Die 'Stimmungsbeziehung' zwischen Mensch und Natur wird in emotionalen Naturschilderungen zum Ausdruck gebracht, und verleihen dadurch der Reise in Brasilien eine literarische, gar poetische Note.<sup>1</sup> (MACKNOW LISBOA, 1994, p.55)

---

<sup>1</sup> A observação da natureza se transforma em sentimentos e evoca neles [em Martius e Spix] tais sensações que vão de um encanto paradisíaco até terror infernal. A 'relação expressiva' entre o homem e a natureza acha sua expressão em descrições emocionais da natureza e dão uma conotação literária, quase poética à viagem no Brasil.



Podem ser constatados dois elementos decisivos nesse exemplo: em primeiro lugar, o naturalista VON MARTIUS foi inspirado durante toda a sua vida pela viagem ao Brasil. Mesmo muitos anos depois, ainda escreveu sob a influência dessas experiências. Em segundo lugar, foi devido a essa viagem que o naturalista VON MARTIUS começou a escrever diários e poemas. Isso confirma a tese de que o ato de escrever ajuda a trabalhar, a entender e até a esclarecer as experiências de viagem. Além disso, o ato de escrever possibilitou uma viagem espiritual do autor que ficcionalizou acontecimentos e gerou crônicas e contos que se realizaram no Brasil.

Retomando a grande viagem de SPIX e VON MARTIUS, realizada entre julho de 1817 - ano de chegada dos dois pesquisadores no Porto do Rio de Janeiro - e novembro de 1819, quando retornam para a Europa, a partir de Belém, Karen MACKNOW LISBOA analisa o legado científico, artístico e literário que os dois pesquisadores posteriormente publicaram nos seus três volumes da *Reise nach Brasilien* - Viagem ao Brasil - editados entre 1823 e 1831, a partir de seus diários, anotações, desenhos e coleções de flora e fauna.

SPIX e VON MARTIUS, apesar de apresentarem um amplo leque de interesses, não viajaram ao Brasil simplesmente para adquirir algum conhecimento. Os objetos de atenção dos dois pesquisadores iam desde a paisagem, a história, e os hábitos do povo até a botânica, geologia e mineralogia.

Porém, apesar dessas vivências se definirem para os dois pesquisadores como uma importante e vital etapa de sua formação, trabalharam estas experiências pessoais durante a viagem de uma forma bastante sistemática: queriam apresentar informações a respeito da natureza e da civilização do país estranho, observação que levou a autora Karen MACKNOW LISBOA a apresentar estes dois conceitos já no título de sua obra.

Esta obra, portanto, nos conduz a uma valiosa viagem pelo universo do pensamento naturalista europeu do século XIX, contextualizando o gênero literatura

de viagem e verificando as heranças intelectuais que marcaram SPIX e VON MARTIUS como também as condições de realização da viagem e da produção da obra resultante. Assim, a autora reconstitui a forma de agir do homem pesquisador do século XIX, refletido no título do capítulo inicial da sua obra: "Viajar, relatar".

Parece válido chamar a atenção para aquilo que acontece entre o próprio ato de viajar e o ato de relatar: é o ato de encontrar. É do desejo de encontrar que é motivada a viagem, é do encontrar que é feito o relato, é do encontrar que é feita a pessoa. O século XIX não só foi o século das grandes descobertas científicas, mas foi também - como Peter GAY afirma no seu livro 'Coração desvelado' - o encontro consigo mesmo através do outro.

É nesse sentido que os relatos de SPIX e VON MARTIUS não serviram somente para mera informação, mas também para esculpir uma imagem - de si mesmo, de seu estado e de sua nação através do reconhecimento do outro. "Embora eu siga sendo sempre a mesma pessoa, creio ter mudado até os ossos." Essa frase de Goethe após sua longa viagem à Itália remete àquilo que está por trás do relato de viagem e que vale para qualquer viajante: a autoformação.

A prática de viajar e registrar a viagem através de relatos ou diários estava em voga no século XIX. Redigir diários fora e dentro do próprio país se tornou uma verdadeira "mania de memorar" (BEDIAGA, 1999, p. 32). E, com facilidade, podemos lembrar do relato autobiográfico do já mencionado Goethe sobre sua viagem à Itália (publicado em 1816-17) - escrito a partir de seu diário e cartas - ou mesmo do diário de Dom Pedro II, escrito entre 1840 e 1891, o qual, em boa parte, relata suas viagens fora e dentro do Brasil. No interesse de relatar da forma mais informativa e verdadeira possível, podemos perceber uma característica básica da literatura de viagem desse período, que já difere em muito da preocupação dos viajantes anteriores que chegavam com uma imagem traçada pela literatura medieval, rica em imagens assustadoras como serpentes gigantes, aves enormes e uma fauna exótica.

Essa imagem do além-mar pode ser facilmente verificada ao se comparar os desenhos e as descrições dos séculos XVI e XVII colecionados por Affonso de E. TAUNAY sobre o título 'Zoologia Fantástica do Brasil' com as observações de SPIX e VON MARTIUS. Podemos também achar subsídios dessas imagens da literatura medieval na documentação apresentada por Karen MACKNOW LISBOA: encontramos, por exemplo, uma caricatura feita por um membro da *Zwangslose Gesellschaft* - Sociedade sem Obrigações - que mostra VON MARTIUS no encontro com uma enorme serpente pendurada numa árvore. A legenda, apesar de ter um objetivo humorístico, revela muito bem os requícios de um legado medieval no pensamento da época: "Martius reiste in Brasilien, suchte Kraeuter, Petersilien. Gottlob, dass ihn nicht verschlang, irgend eine Riesenschlang!"<sup>2</sup> (HELBIG, apud MACKNOW LISBOA, 1997, p.127). Mas, além de ser um resquício de uma idéia medieval, não seria possível interpretar esse tipo de ilustração e verso de uma maneira diferente? Certamente, o mundo das idéias da Idade Média conformam o fundamento para aquilo que podemos ver e ler. Mas, o que significa uma serpente enorme, a ausência de traços fisionômicos em desenhos que representam índios e rostos de traços bem definidos quando se trata dos dois naturalistas representados nos desenhos?

Em boa parte essas cenas do encontro com o outro servem para esculpir a imagem pública do europeu, do naturalista, do homem aparentemente civilizado e sábio que sabe se comportar adequadamente no estrangeiro, sempre e mesmo nos trópicos vestido de terno, chapéu e sapato, em contraste com a nudez dos selvagens que retrata. O forte contraste em alguns desenhos, causando tensão para o espectador, revela a intenção de se diferenciar através da experiência do encontro com o outro.

---

<sup>2</sup> Martius viajou pelo Brasil à procura de ervas e salsa. Graças a Deus que não foi engolido por uma enorme serpente.

Não podemos ver SPIX e VON MARTIUS apenas como indivíduos sem vínculos, fazendo essa viagem somente pelo interesse por borboletas exóticas e índios selvagens. Não devemos nos esquecer do fato de que foram mandados pela Real Academia de Ciências de Munique, inicialmente a pedido do rei Maximilian José I da Baviera. Portanto, carregavam na bagagem as marcas de toda uma cultura, civilização e política européia em construção. SPIX e VON MARTIUS trabalhavam na consolidação externa dessa cultura e civilização; vendo o outro e se relacionado consigo mesmo, eles a construíam de fora para dentro.

Nesse sentido, o trabalho de SPIX e VON MARTIUS, os diários e anotações, os desenhos e as coleções de flora e fauna, vincula-se como um todo ao jogo político da época e nele tem clara função. O trabalho dos dois pesquisadores é de um estilo público, contendo um espaço muito restrito para expressões do sentimento e das sensações desvinculadas do poder público. E nessa afirmação não há demérito, já que é mesmo um relato de dois pesquisadores que estavam fortemente vinculados à Corte.

Portanto, relatar e desenhar o encontro com o outro significa criar um olhar que ao mesmo tempo fortalece a própria raiz cultural.

É neste sentido que podemos entender a constatação de Karen MACKNOW LISBOA ao final de seu livro:

(...) embora tenham sido capazes de despir-se diante da natureza tropical e de nela integrar-se, permitindo a identidade entre o sujeito e a natureza, não conseguiram desfazer-se de si mesmos para observar o 'outro', representado, afinal, não somente pelos índios, mas também pelos negros e pelos mulatos. Não conseguiram perceber que eles próprios também são o 'outro'. (MACKNOW LISBOA, 1997, p. 208)

O fato deles próprios também serem o outro às vezes se revela indiretamente nas reflexões dos viajantes: por um lado, defendem a civilização e a Europa, por outro sentem uma nostalgia romântica ao encontrar uma sociedade ao seu ver primitiva e mais feliz.

Porém, assim que surgem essas dúvidas ou sentimentos, afirmam que o processo civilizador tem que continuar para fazer do Brasil um verdadeiro país, sendo que a verdadeira humanidade só se atinge pela civilização. A miscigenação é um aspecto basilar da civilização, garantida pela presença do homem branco nos trópicos. Também afirmam a tarefa especial dos alemães de explorar o Novo Mundo no interesse espiritual, nos ideais sociais e morais.

São essas reflexões que revelam o verdadeiro significado do encontro para os dois naturalistas do século XIX: este encontro faz parte da arquitetura de uma elite européia que cuidou desde o início da imagem de superioridade e civilização. É nesse sentido que o encontro relatado serve para a invenção de um olhar, tanto para o Brasil como para o Velho Mundo.

Os comentários acima se referem a um diário escrito por cientistas, portanto homens públicos. Escolhemos esta obra como exemplo da memória masculina para confrontá-la com a memória e o enfoque especial das mulheres.

Desde cedo, livros de viajantes e diários de viagem têm seu lugar na história da literatura. Uma parcela interessante desse gênero literário constitui-se das produções literárias de mulheres viajantes. Qual o sentido de sua escrita?

Além da viagem ser uma ampliação do espaço social cedido à mulher, oferecendo a rara possibilidade de conhecer outros ambientes, idiomas e costumes, escrever e publicar significa sobretudo o rompimento com "dois padrões aceitos para a vida feminina - que sejam caladas e sofridas e estabeleçam os elos entre as diferentes gerações da família de que fazem parte." (LEITE, 1988/1989, p. 144) Uma análise intertextual dos escritos das mulheres viajantes revela exemplarmente as condições sociais da produção literária através do século XIX. Como analisou LEITE, essas mulheres tinham menor acesso à educação e sofriam limitações no que concerne aos lugares que podiam freqüentar. A maioria não escrevia profissionalmente e por falta de possibilidades de publicação e reconhecimento social

como cientistas. limitava-se a escrever tão somente cartas e diários, mesmo não sendo essa forma literária adequada para o conteúdo:

As vantagens apresentadas pela literatura de viagem, como fonte primária, decorrente da espontaneidade de forma de diário e da correspondência pessoal, resultante de testemunhos pessoais de ocorrências observadas ou de relatos vividos em primeira mão tem (...), o inconveniente de ser fragmentária. (...), tratava-se, aqui, da sistematização teórica do conhecimento reunido e organizado durante a viagem. (LEITE, 1988/1989, p. 151)

Parece válido formular a idéia, segundo a qual, nas constelações e condições históricas apresentadas, o diário se evidencia como forma adequada para preservar observações, memórias e material de viagem, ou seja, o espaço público que foi cedido à mulher nessa época constitui um elemento para o desenvolvimento do diário.

Nesse sentido, o diário pode ser considerado como uma instituição da época porque fazia parte da cultura vivida. O diário se tornava um dos hábitos reguladores da convivência social, possibilitando uma discussão pessoal de visões de mundo, um espaço privado para a troca de opiniões e julgamentos, contribuindo dessa maneira para estruturações de biografias de indivíduos.

Para além desse ato de criar relações de sentido, ou seja, a criação de uma realidade objetiva, encontra-se a grande questão da dialética entre indivíduo e sociedade: a questão de como a realidade social pode ser entendida e trabalhada. O hábito de preservar o que se viu e viveu na forma escrita constitui, nesse sentido, uma forma de resposta e se mantém viva até hoje, mesmo sob condições tecnológicas, psíquicas e com interesses distintos. Dessa maneira, chegamos a uma tese principal:

O surgimento do diário íntimo está ligado com a maior mobilidade social e geográfica das pessoas a partir do século XVIII. Essa mobilidade impede a sedimentação de experiências humanas e do passado, o que leva a uma perda da biografia individual e familiar (BERGER; LUCKMANN, 1980). Ao mesmo tempo, o

espaço público para certos segmentos da sociedade, naquela época, não é favorável à publicação dessas experiências e conhecimentos de forma comum. Nesse contexto, o diário corresponde à necessidade do momento: ele exerce tanto a função de ajudar a consciência individual como a de preservar a memória, ao mesmo tempo em que abre um espaço de trabalho e auto-realização para esse grupo.

Tendo em vista o relato das grandes mudanças no rumo da sua vida, o diarista Hugo Delitsch e sua esposa Emma Anton começam a atualizar e aumentar as *Stammbuchblätter*<sup>3</sup>, pequenas 'caixinhas de amizade' por eles mantidos, pedindo que os amigos escrevessem versos e lembranças nas folhas soltas de papel que eram guardadas em uma pequena caixa de papelão.

A tradição de se manter uma caixa de amizade entre a classe burguesa é acompanhada ao mesmo tempo por uma perda desta mesma tradição no meio aristocrático. Outrossim, torna-se cada vez mais uma componente do universo feminino.

Isto porque enquanto usado pela aristocracia, os *Stammbücher* continham sobretudo provérbios e sentenças; já o conteúdo muda quando o *Stammbuch* conquista seu lugar no interior da cultura burguesa: é constituído agora por poesias saudadas e cheias de emoções, e "der Albumspruch wird zum sprachlichen Ausdruck eines Freundschaftskultes."<sup>4</sup> (LINKE, 1996, p. 310)

É justamente este seu lado afetuoso que faz com que o álbum de poesia seja classificado cada vez mais como pertencendo ao universo feminino. Porém, ainda no início do século XVIII, já entre os jovens estudantes burgueses, é costume receber de presente um *Stammbuch* ao iniciar os estudos na universidade. Nele, os

---

<sup>3</sup> O *Stammbuch* aparece pela primeira vez no século VX em forma de *libri gentilitii* (coleções genealógicas) nos círculos aristocratas. Depois denominado *album amicorum* e servindo como lembrança entre acadêmicos e a alta burguesia, se torna objeto comum no meio burguês a partir do século XVIII (comp. WILPERT, 1989)

<sup>4</sup> O verso do álbum se torna a expressão verbal de um culto de amizade.

acadêmicos e os colegas deveriam anotar conselhos e lemas para o jovem estudante. É nesse perfil que se insere o *Stammbuch* de Hugo Delitsch, contendo várias folhas com sentenças e lemas de jovens colegas universitários.

O *Stammbuch* media em torno de 14x9x3,5 cm e constituía um objeto extremamente pessoal, contendo os iniciais do nome de seu proprietário e dedicatória de quem tinha oferecido a caixa como presente. Assim, podemos ler na caixinha de Hugo Delitsch a dedicatória do irmão: "Seinem Bruder Hugo von Bernhard Delitsch"<sup>5</sup>.

As pequenas folhas contidas nas caixas eram distribuídas entre os amigos e, voltando ao seu proprietário, guardadas na caixa novamente. Era comum também receber em troca uma folha da caixa do amigo - o que explica a variedade de cores e tamanho de papel nas duas caixas pesquisadas.<sup>6</sup> Pretende-se, em seguida, explorar mais detalhadamente alguns aspectos do universo da memória feminina que a caixa deixada por Emma Anton nos oferece.

## 5.1 MEMÓRIA FEMININA: A ARTE DA LEMBRANÇA

Como mostram as fotografias, a caixinha era ornamentada com desenhos coloridos e dourados, principalmente de flores. O desenho de flores é típico da época, como também a criação e o interesse por flores em geral<sup>7</sup>. A flor de maneira geral é símbolo de um princípio passivo: ela é a imagem das virtudes da alma, do amor e da harmonia. Era especialmente importante que no desenho a flor parecesse natural, como se tivesse sido pendurada ou colocada no papel-suporte. É esse tipo

---

<sup>5</sup> Para seu irmão Hugo de Bernhard Delitsch

<sup>6</sup> A caixa de Emma Anton contém: 32 folhas com margem dourada (provavelmente os originais da caixa); 7 folhas cor de rosa; 2 folhas verdes, 1 folha azul, um cartão decorativo para abrir, 9 cartões brancos, todos de um tamanho diferente do das folhas douradas.

<sup>7</sup> Também a porcelana, vidros de cristal e bordados são enfeitadas com o desenho de flores. A partir de 1812, a Academia de Viena dispõe de um grupo de estudantes que se dedicam integralmente ao desenho de flores. Nesse contexto, compare HIMMELHEBER, 1989.

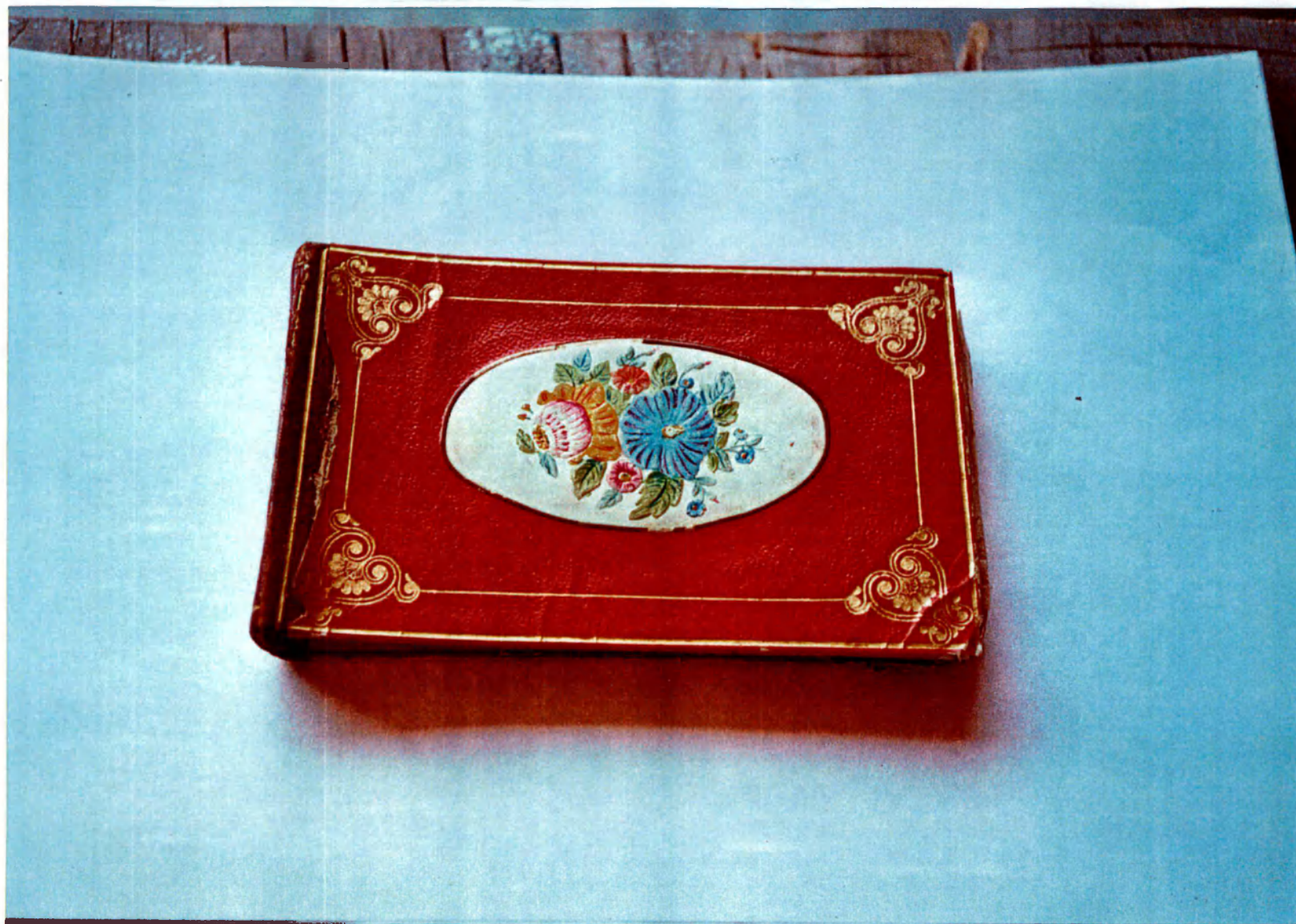


de desenho que pode ser visto na caixa vermelha de Emma Anton, esposa de Hugo Delitsch (Fotografia 1). O motivo da flor pendurada se encontra também em várias das folhas com poemas. Destas folhas, uma se destaca pelos seus detalhes no desenho da flor. Ela parece ter sido colocada em volta do poema e se destaca pelos relevos feitos nos botões das flores. As hastes das flores se equilibram no espaço, sem esforço aparente. O verde-vermelho das rosas (Fotografia 2) é especialmente interessante: Na simbologia, o verde é a cor de água, assim como o vermelho é a cor de fogo. As relações entre essas duas cores são análogas às de sua essência e existência: A rosa simboliza a vida e vivacidade, e é nesse sentido que o verso escrito nesta folha tem que ser lido, enfatizando a vontade de viver e o prazer que a vida pode dar:

Genieße stets des Lebens beste Seiten; Mit heiterem Gesicht Und trifft Dich Hugo je ein Leiden So sey es kurz wie dieß Gedicht.	Usufrua sempre os melhores lados da vida; sorrindo e alegre E caso um dia, Hugo, te aconteça um sofrimento que ele seja curto assim como este poema.
--	---

Uma outra folha que chama a atenção é decorada com uma mecha de cabelo que foi costurada em cima do papel e em forma de um círculo. Por um lado, o uso do cabelo remete à efemeridade; é integrante do corpo humano que um dia terá que desaparecer. Por outro lado, é justamente o cabelo que, por mais tempo se preserva - tanto que este cabelo durou até hoje.

FOTOGRAFIA 1 - CAIXA PARA AS FOLHAS DO STAMMBUCH DE E. ANTON



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora



FOTOGRAFIA 2 - STAMMBUCHBLATT 'FLOR'



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora

Vale a pena refletir um pouco mais sobre a simbologia destes cabelos. O cabelo é um vínculo com o eterno, aquilo que permanece, o que permite que ele seja usado como um dos símbolos mágicos de apropriação e de identificação. Acredita-se que os cabelos possuam o dom de conservar relações íntimas, mesmo depois de separados do corpo - na simbologia de muitos povos são considerados como a morada da alma (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000). Portanto, permanecem unidos ao ser através de um vínculo de simpatia. A prática de colocar cabelo numa folha de lembrança nos revela uma vontade de fazer sobreviver o estado da pessoa a quem esses cabelos pertenciam: Estando longe uma da outra, as amigas sempre lembrarão do jeito que eram naquela época, daquilo que significavam uma para a outra. Sempre preservarão o estado de espírito daquela época. Além disso, mostra também o desejo de participação das virtudes uma com a outra. É bem provável que Emma Anton também tenha dado uma mecha de cabelo para sua amiga, de forma reciprocamente semelhante.

Outrossim, o círculo indica a idéia da autora desta folhinha: deixar uma marca de infinito, uma lembrança duradoura. Na simbologia, o círculo representa o mundo espiritual, transcendente e, ao mesmo tempo, a ausência da divisão (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2000). De fato, a amizade das duas moças somente continuará de uma maneira espiritual - uma vai ser invisível para a outra. Da mesma maneira, o círculo também representa proteção e expressa o desejo da amiga: Quero-te bem. É nesse sentido também que escolheu o seguinte verso: "Sei glücklich und vergißmeinnicht."<sup>8</sup> (Fotografia 3)

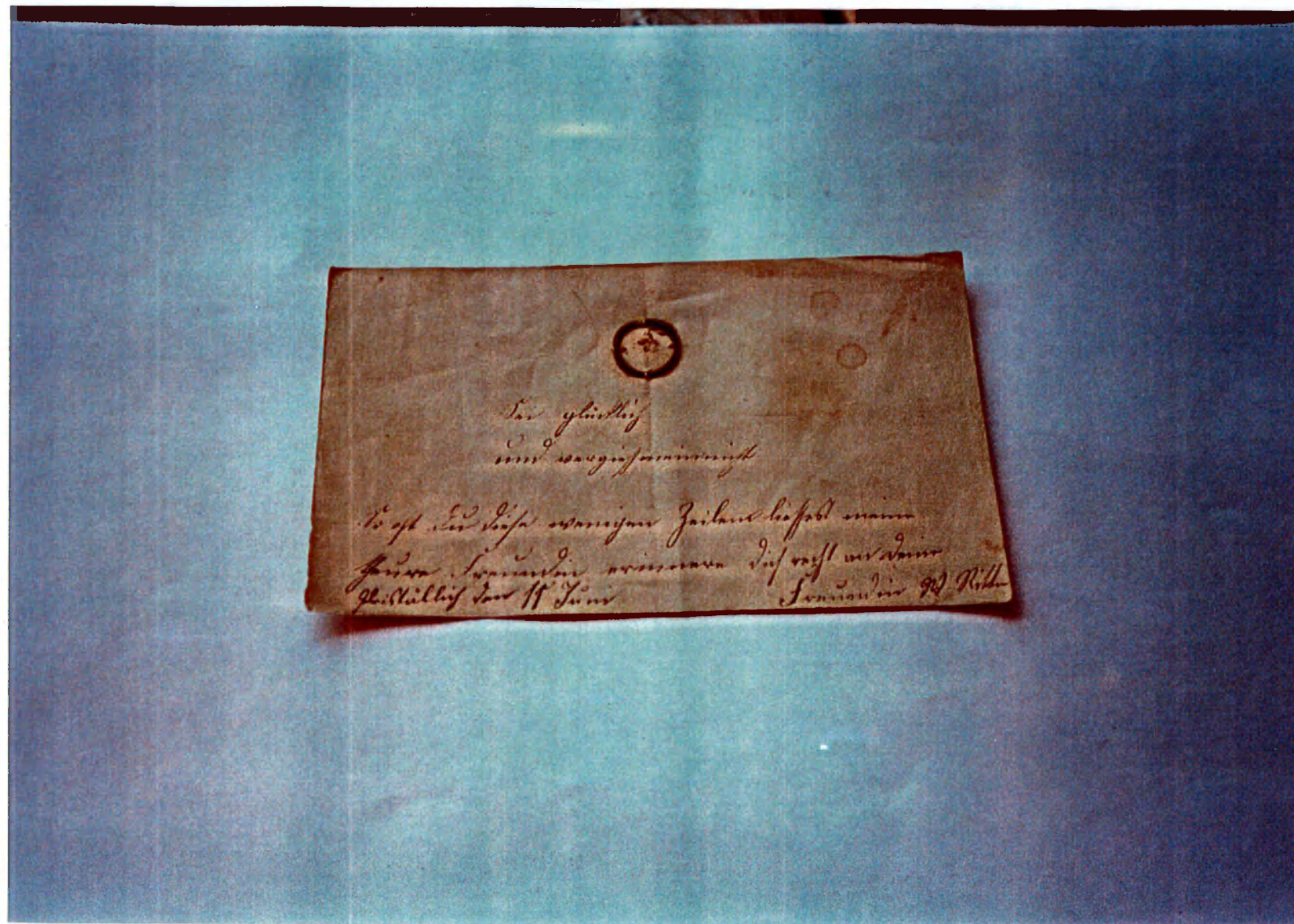
Pelas descrições das personagens que aparecem no diário e que reaparecem novamente assinando estas folhas de poemas, pode ser concluído que a arte do desenho e de fixar objetos no papel era mais comum entre as pessoas jovens.

---

<sup>8</sup> Seja feliz e não se esqueça de mim.



FOTOGRAFIA 3 - STAMMBUCHBLATT 'CABELO'



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora

As pessoas com mais idade preferiam simplesmente deixar um verso escrito, sem muita ornamentação, mas válido ao ser lido e lembrado, enquanto os versos que acompanhavam os desenhos muitas vezes eram jocosos ou somente se constituíam de algumas palavras de despedida. As fotografias 4, 5 e 6 ilustram muito bem isso. O verso da fotografia 4 foi escrito por um casal de amigos mais velhos do que a proprietária da caixa, Emma Anton, e que a acompanharam na decisão de emigrar. Expressam aqui o valor que a moça tem para eles e o desejo de mantê-la na memória. Nada o que há de mundano será capaz de romper os laços de amizade, já que espiritualmente estarão sempre reunidos. Ao mesmo tempo, manifesta-se uma profunda crença em Deus, já que um futuro reencontro certamente se dará no céu, a pátria de todos os indivíduos:

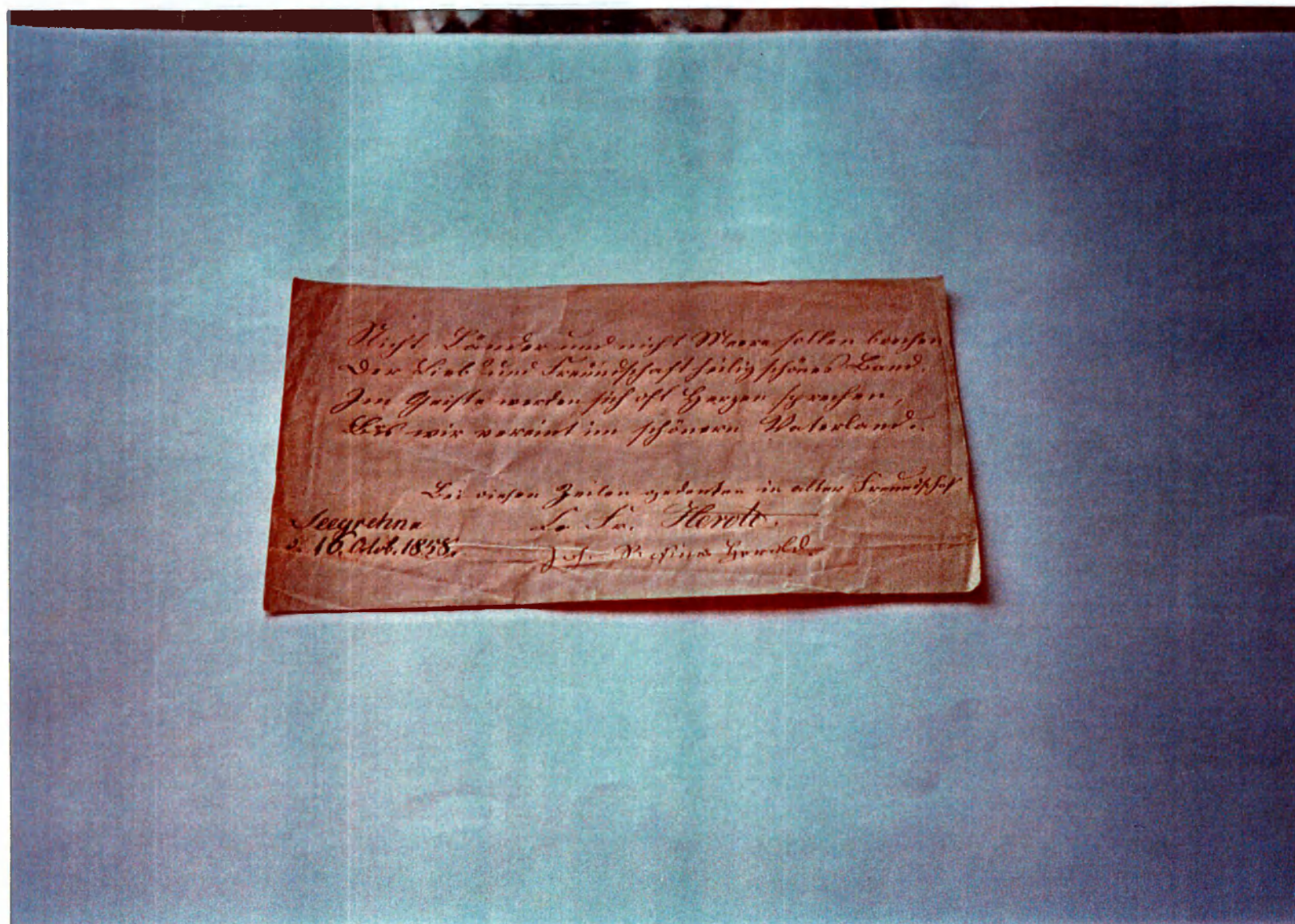
Nicht Länder und nicht Meere sollen brechen	Nem terras nem mares hão de romper o sagrado e belo laço do amor e amizade.
der Lieb und Freundschaft heilig schönes Band.	Os corações encontrar-se-ão em espírito, muitas vezes.
Im Geiste werden sich oft Herzen sprechen	Até um dia nos reunirmos na mais bela das
Bis wir vereint im schönsten Vaterland.	pátrias. <sup>9</sup>

É interessante observar que aqui se manifesta novamente o outro modo de civilidade: é possível guardar algo na memória sem ter que tê-lo à vista, sem que precise tocá-lo. O espaço dado à memória e aos sentimentos no interior do ser humano se tornou bem mais amplo.

<sup>9</sup> Tradução: Thereza Böbel, Arquivo Histórico de Joinville



FOTOGRAFIA 4 - STAMMBUCHBLATT 'DESPEDIDA'



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora

Vale a pena realizar algumas reflexões, nesse tocante, sobre a importância desse tipo de memória para o universo feminino. Enquanto para o homem, a emigração tem um significado de salvação, por salvar a família da pobreza e da perda de *status* devido à difícil situação no país de origem, para a mulher, a emigração significa antes de tudo uma grande perda e uma difícil separação de laços afetivos<sup>10</sup>. Conseqüentemente, Hugo Delitsch, enquanto marido e homem, faz suas anotações diárias também num sentido de documentário, sendo autor de sua memória e autor de sua história pessoal. Não quer mais depender do destino e da sorte, e vê na emigração uma forma de ter a própria vida em suas mãos - e com ela, todas as chances para uma vida bem sucedida. Já para sua esposa, Emma, são os objetos, e não palavras, que exprimem seu destino.

Para a mulher, como nos mostram por exemplo os estudos de Rosalind ARNDT-SCHUG (1989/1990) e de Marionilde Dias Brepohl de MAGALHÃES (1993), a emigração significava em primeiro lugar uma perda não somente de importantes contatos sociais, como amizades ou contatos com os parentes, mas também uma perda no sentido do grande sofrimento físico e psíquico que tinha de ser enfrentado.

Neste sentido, também os escritos de Hugo Delitsch durante a viagem de navio nos dão uma idéia do sofrimento de Emma Anton que, já enfraquecida pela dolorosa despedida e a cansativa viagem até o porto, adoece definitivamente quando o navio enfrenta tempestades e tempos bruscos. São várias as anotações em que Hugo Delitsch descreve o sofrimento da mulher, dando-nos a impressão, às vezes, de que se sentia algo culpado por tê-la colocado nessa situação. No dia 18 de novembro de 1858, anota:

E minha pobre querida Emma! Santo Deus, quanto teve que suportar! Estava a ponto de se apagar, não conseguia ficar em pé, nem ao menos sentada. Durante quatorze dias não comeu nada, vomitava dez vezes por dia, não dormiu nenhuma noite e nenhum dia! Além disso, seus desconfortos habituais, sua inquietação, sua impaciência, seu fraco espírito

---

<sup>10</sup> Compare o artigo de MAGALHÃES, 1993.



religioso! Foi uma dura, dura provação para minha Emma, e eu muitas vezes rezei a Deus: Senhor, não a faça carregar mais do que pode suportar!<sup>11</sup>

Além do mal-estar devido ao enjôo constante, Emma, já nesses momentos, deve ter sentido o que significava realmente a emigração. Totalmente sozinha, tendo como única companheira a esposa do irmão de Hugo Delitsch, Ottilie, ela deveria estar pressentindo a solidão e o desamparo que lhe daria, em alguns momentos, a condição de imigrante.

O desenrolar do dia de uma família burguesa - da qual, como vimos, Hugo Delitsch fazia parte - na Alemanha da época, pode ser lido nos vários manuais de comportamento do século XIX, constantemente reeditados<sup>12</sup>.

Assim, o modo de registro feminino se explica pela condição da mulher e seu lugar na família e na sociedade: enquanto adolescente, a jovem era estimulada a se dedicar à escrita de um diário íntimo, porém, a mulher casada deveria renunciar a esta atividade. Por um lado, o quarto conjugal não oferecia mais espaço para tal atividade e as mulheres geralmente não possuíam um espaço reservado somente a elas<sup>13</sup>. Por outro lado, o quadro considerado ideal de felicidade é o círculo familiar, cabendo à senhora do lar fazer funcionar a vida privada tanto no sentido da intimidade familiar como no sentido das relações da família com o mundo exterior, tais como visitas e recepções, não restando mais tempo para atividades exclusivas somente delas. Igualmente, cabe à mulher a memória do privado, a transmissão da tradição e da história da família. A memória feminina, portanto, é em grande parte uma memória familiar, não cabendo a ela se retirar para um diário íntimo. Assim, a mulher grava na sua memória as suas circunstâncias de vida através dos objetos:

O armário de roupa é ao mesmo tempo o cofre e o relicário. A espessura dos lençóis, a delicadeza das toalhas de mesa, os monogramas nos guardanapos, a qualidade dos panos de limpeza ganham sentido numa cadeia de gestos repetidos e engrinaldados (...) A monotonia dos anos se diferencia pela toalete que fixa também a representação dos

---

<sup>11</sup> Tradução: Thereza Böbel, Arquivo Histórico de Joinville

<sup>12</sup> Para uma bibliografia bastante extensa destes manuais, ver LINKE, 1996.

<sup>13</sup> Ver por exemplo PERROT, 1988; também TELLES, 1997.

acontecimentos que fazem bater o coração: 'Naquele dia eu usava...' ela diria. A memória das mulheres é trajada. (PERROT, 1989, p. 14)

O tempo dos homens, porém, é o tempo da vida pública, ditada pelo ritmo dos negócios. Homens e mulheres viviam em duas esferas separadas: o homem público e a mulher privada:

Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social. (D'INCAO, 1997, p. 229)

A vida privada é o refúgio onde os homens descansam do trabalho e do mundo exterior. Cabia portanto à mulher zelar pelo bom-funcionamento da casa e pela felicidade dos membros familiares.

No Brasil, país estranho e em grande parte incompreensível para a maioria dos que chegavam como imigrantes, essa divisão de papéis ficou mais intensificada e importante ainda: a casa era ninho e refúgio, lugar de guardar objetos e cultivar costumes trazidos de fora. Por outro lado, as possibilidades da dona de casa de se comunicar com o mundo exterior eram muito limitadas, às vezes nulas, dependendo do local. Frequentemente, a perda dos contatos sociais se manifestava com mais intensidade na fase final da vida, quando a mulher, livre de preocupações com filhos ou com as tarefas diárias de uma dona de casa, se via de repente sozinha, sem possibilidades de contatos sociais e presa em casa, fosse pelo próprio estado físico ou pelas circunstâncias da região que impossibilitavam a livre circulação de mulheres. ARNDT-SCHUG descreve o caso de Emma Höhns que, mesmo tendo passado boa parte de sua vida na condição de imigrante, quando mais idosa, sofre de saudades e de solidão:

Während ihr Mann, der sich, wie ihr Sohn schreibt, mit über siebzig Jahren noch einer guten Gesundheit erfreut und mit seiner Situation sehr zufrieden ist, Ausritte in die Umgebung machen kann, fühlt sie sich durch Krankheit ans Haus gebunden und leidet an Langeweile und Einsamkeit. (...) Den zahlreichen Vergnügungen der Kolonie, bei denen

sich ihre Kinder und Schwiegerkinder amüsieren. wie die Bälle der Gesangs- und Schützenvereine, kann sie nichts abgewinnen.<sup>14</sup> (ARNDT-SCHUG, 1989/1990, p. 41)

Da mesma maneira, MAGALHÃES enfatiza a diferente percepção do ato migratório entre homens e mulheres: enquanto para o homem, este se colocava como um desafio a ser enfrentado a fim de melhorar sensivelmente suas condições de vida e as da sua família, para a mulher, a migração não somente era um sinônimo de perda, mas significava sobretudo o "desligamento de um ambiente onde ela possuía alguma visibilidade - a família -, e significava também, a interrupção de sua própria história (...)." (MAGALHÃES, 1993, p. 74)

É certamente desse desejo de manter vivo para si mesmo e de dar continuidade pelo menos em um pequeno espaço social ao seu passado, que são preservados os costumes alemães, como por exemplo, o *Kaffekränzchen*<sup>15</sup>, descrito por Elly HERKENHOFF como um

pequeno círculo de pessoas que reúne, quase sempre, moças ou senhoras da mesma faixa de idade e do mesmo nível social e cultural, muitas vezes, amigas desde a infância, às vezes já bem idosas, às vezes jovens donas-de-casa ou até mesmo adolescentes, companheiras de colégio. (HERKENHOFF, 1987, p. 213)

Nessas reuniões eram servidos café e bolo, e, às vezes, outros pequenos doces. Além de discutir e conversar sobre os mais variados aspectos de vida - desde a vida feminina na colônia até questões políticas mundiais - era o momento de relembrar-se da antiga pátria, através dos objetos trazidos e colocados em uso nessa ocasião. Não era somente o bolo feito à moda da pátria, mas sobretudo os acessórios necessários para um *Kränzchen* bem sucedido: "Era a vez das xícaras douradas de finíssima porcelana, trazidas a são e salvo - presente nupcial talvez, de

---

<sup>14</sup> Enquanto seu marido, que, como escreve seu filho, está bem de saúde apesar de seus setenta anos, contente com sua situação de vida e podendo até realizar passeios a cavalo, ela se sente presa em casa devido a doença e sofre de tédio e solidão. (...) Não vê nenhuma graça nas inúmeras diversões da colônia, por exemplo, os bailes das sociedades de canto e tiro, freqüentados por seus filhos e netos.

<sup>15</sup> A tradução à letra seria a de 'grinaldinha de café', ilustrando a idéia de círculo formado pelas mulheres que participavam desta reunião amigável.

gente amiga, gente que ficou na lembrança, como todos os amigos e todas as coisas amigas do 'lado de lá'..." (HERKENHOFF, 1987, p. 214).

É evidente a importância de objetos para a memória feminina. São muitas vezes coleções de objetos, servindo como registros do tempo que passa. Segundo Michelle PERROT (1989), trata-se sobretudo de objetos não-prestigiosos, tais como presentes recebidos por ocasião de uma festa ou bibelôs e álbuns de cartões postais trazidos de uma viagem. Enquanto a coleção de quadros ou de livros é uma atividade sobretudo masculina, as mulheres procuram referências nos pequenos objetos com alto valor afetivo: "As mulheres têm paixão pelos porta jóias, caixas e medalhões onde encerram seus tesouros: mechas de cabelo, jóias de família, miniaturas que, antes da fotografia, permitem aprisionar o rosto amado." (PERROT, 1989, p. 13)

Se por um lado, os objetos em si são propícios à rememoração, por outro lado, a manutenção do costume do *Kränzchen* não é rotina, mas ritualização. O cotidiano e os elementos que o compõem são convertidos em ritos dotados de um significado sentimental. O encontro dos vestígios do passado que permitem sua recuperação nesse caso ocorrem segundo outras matrizes que não as textuais. São as materializações do passado que, segundo PIMENTEL PINTO, são sempre resultado "inevitavelmente coletivo dos esforços individualizados de retorno" (2001, p. 295).

Os momentos de reunião em horários determinados são como pequenas excursões ao passado, valendo pela regularidade de seu funcionamento. São ansiosamente aguardados e preparados, para depois serem objetos de comentário e reflexão. "O prazer está na espera dos momentos que pontuam o dia. A ritualização confere seu valor de felicidade ao acontecimento destinado a se transformar em lembrança." (MARTIN-FUGIER, 1991, p. 194)

Essas reuniões podem ser consideradas de inestimável valor por terem uma função altamente integrativa. Não somente ajudam a superar e matar a saudade pela

possibilidade de lembrar em comunidade épocas e acontecimentos passados, como também devem ter sido lugar de discussão, de ouvir conselhos e de solucionar grandes e pequenos problemas do dia-a-dia de cada uma das participantes do *Kränzchen*.

Desta maneira, fica claro que o papel da mulher no processo de emigração era ambivalente: por um lado, era ela que sofria com as conseqüências da perda e a mudança radical de rumo de vida; muitas vezes, nem lhe perguntavam se queria emigrar, simplesmente tinha que concordar. Por outro lado, dependia dela o sucesso da imigração no país escolhido, porque em última instância, era ela que dava estabilidade por ter em sua mão o papel afetivo das relações familiares, que criava um espaço agradável de repouso para o marido, o qual saía para trabalhar num ambiente estranho e desconhecido e que aliviava o processo de integração através da manutenção de tradições, começando pelas receitas trazidas da Alemanha, até o enfeite da casa com os objetos trazidos do outro lado do oceano.

Voltando para o objeto pesquisado aqui, trazido por Emma Anton para o Brasil, o álbum de poesia constitui - da mesma maneira como uma xícara de café - um elemento de alto valor afetivo para a emigrante, pelo fato de dar continuidade ao sentimento de pertencer a algum lugar e a um certo grupo de pessoas, mesmo que estes estivessem longe. Portanto, podemos ver o álbum de Emma Anton como uma maneira feminina de cultivar a memória e as lembranças. Ao mesmo tempo, o diário trazido por Hugo Delitsch se evidencia como resultado da maneira tipicamente masculina de rememoração.

No que se refere ao álbum de poesia de Emma Anton, objeto a ser analisado mais detalhadamente, o conteúdo nem sempre era decisivo; muito mais o simples fato de a pessoa ter deixado algo seu no papel: A fotografia 5 mostra uma folha com um desenho de guarda-chuva. Esse desenho foi feito pelo primo de Emma Anton e o verso expressa nada mais do que o desejo de que ela sempre tenha sorte na vida. É

escrito numa linguagem jocosa, de um jovem para outro jovem. Nada tem de tom pesado ou saudoso, nem de previsões para uma vida após a morte, como vimos em outros cartões:

Trifft auf des Lebens Wegen	Se nos caminhos da vida
Dich irgendwo ein Regen,	Te atingir um dia, uma chuva
So fehle es Dir nie	Que nunca venha a te faltar
An einem Paraplüir!!	um guarda-chuva!! <sup>16</sup>

Interessante é a tentativa de personalizar um pouco mais as palavras gerais do verso: o autor colocou as letras do nome 'Emma' no guarda-chuva, indicando que foi feito e pensado especialmente para ela. Mesmo assim, esse cartão parece ter sido mais um exercício de disciplina e obrigação para o primo do que nascido do desejo urgente de deixar uma lembrança para uma pessoa querida - como foi o caso do verso da fotografia 5. A esse propósito, vale a pena lembrar as reflexões de LINKE (1996) a respeito do ato de escrever já na idade jovem como ritual burguês do século XIX. Ao mesmo tempo que 'saber escrever bem' fazia parte das boas maneiras numa casa burguesa do século XIX como por exemplo, o hábito de escrever cartas no ano novo<sup>17</sup> já na idade jovem, tal ato, sejam diários, sejam cartas ou mesmo álbuns de poesia, representava um exercício e treino de um futuro papel social e emocional dentro da sociedade burguesa. Era, em última instância, a codificação verbal de um espírito de vida burguês:

Was gelernt werden musste (...) war eine bestimmte Schreibkultur, war ein ganz bestimmter *Umgang* mit unterschiedlichen Textsorten, war ein ganzes Spektrum von schriftsprachlichen Mustern und Routinen, von Stilnormen und entsprechenden Wertmaßstäben - alles in allem

<sup>16</sup> Tradução: Thereza Böbel, Arquivo Histórico de Joinville

<sup>17</sup> A carta do ano novo, o *Neujahrsbrief*, era escrita pelos filhos e entregue aos pais no primeiro dia do ano novo.

weit mehr als das blosse Schreib-Handwerk. Und die jeweiligen Produkte waren deshalb auch mehr als nur Mittel zu einem aktuellen und konkreten Zweck.<sup>18</sup> (LINKE, 1996, p. 292)

É ainda um outro tipo de codificação deste espírito burguês que encontramos no cartão mostrado na fotografia 6. Este cartão não contém verso algum. Simplesmente mostra uma cruz, uma âncora e um coração que parece ter uma chama por cima. Nesse caso, são muitas as interpretações possíveis. A inscrição na cruz *Glaube, Liebe, Hoffnung*<sup>19</sup> remete novamente à ideia da duplicidade ambivalente de a efemeridade e o infinito. A cruz, símbolo da morte e de uma nova esperança ao mesmo tempo também indica essa direção. A âncora é considerada um símbolo de firmeza e de fidelidade. Em contraste com a agilidade do mar e da água, é a âncora que fixa e que segura. A âncora é fixada na cruz: expressa o desejo de se fixar na fé e na graça de Deus. As três palavras correspondem aos três símbolos; o autor - nesse caso desconhecido - provavelmente quis expressar aqui o que ele considera o fundamento para a vida: a religião, a crença e a fé. É somente com esta base que se pode levar uma vida digna na terra - simbolizada pela pequena montanha verde de onde sai a cruz. Revela-se aqui novamente um tipo de codificação verbal e iconográfica que diz respeito a sentimentos da vida burguesa. A aprendizagem de expressar esses sentimentos através de padrões e rotinas na linguagem escrita, manifesta-se pela expressão estereotipada dos termos religiosos. Manifesta-se aqui um padrão de sentimento dentro de uma formação social que usa os mesmos códigos de linguagem, que constitui uma comunidade linguística; a pequena burguesia do século XIX.

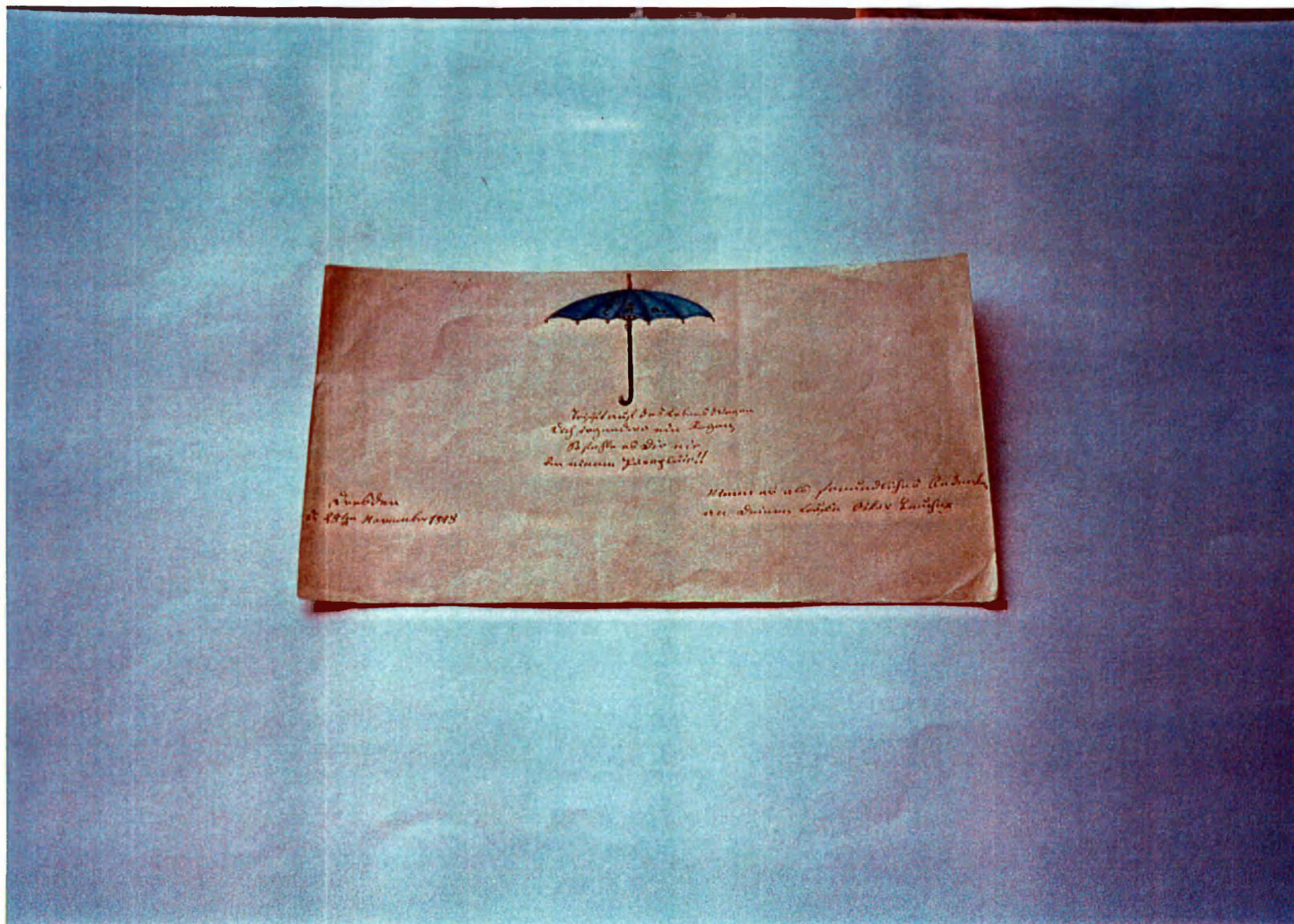
---

<sup>18</sup> O que tinha que ser aprendido (...) era um certo tipo de cultura da escrita, um certo modo de lidar com diferentes tipos de textos, era todo um universo de padrões e rotinas da linguagem escrita, de normas de estilos e seus respectivos valores - enfim, era muito mais do que a simples técnica de escrever. E por isso, os respectivos resultados eram muito mais do que um meio para atender a uma finalidade concreta.

<sup>19</sup> Fé, Amor, Esperança. O autor desse cartão se refere a um trecho bíblico, em I Coríntios 13,13.



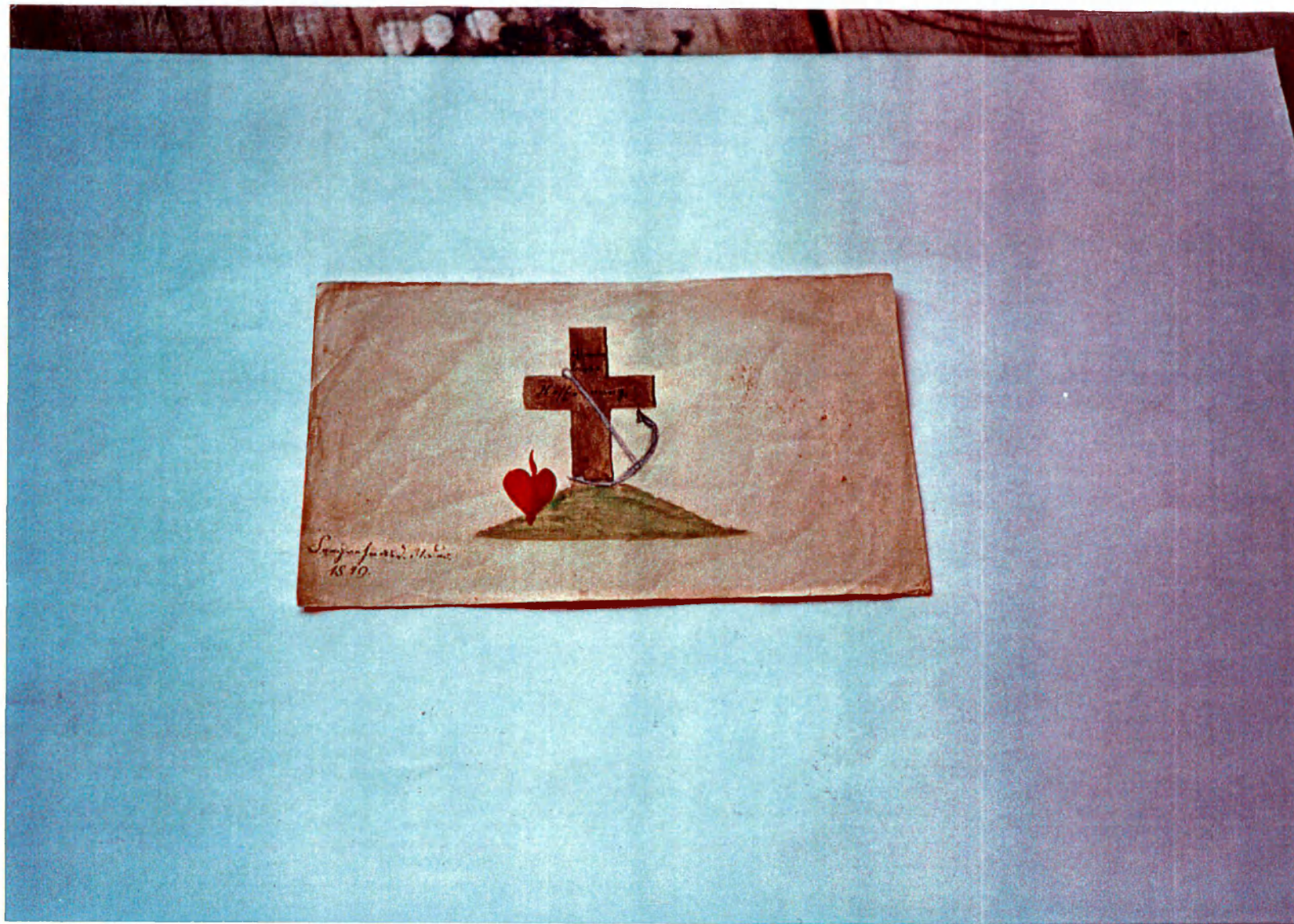
FOTOGRAFIA 5 - STAMMBUCHBLATT 'GUARDA-CHUVA'



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora



FOTOGRAFIA 6 - STAMMBUCHBLATT 'CRUZ'



FONTE: Arquivo Histórico de Joinville  
NOTA: Reprodução fotográfica da autora

Outrossim, nessas folhas repletas de poemas, flores e lembranças, a idéia da efemeridade parece estar sempre presente e se revela, por exemplo, no desenho de uma cruz, de uma âncora, no ato de fixar uma mecha de cabelo no papel. Porém, o que hoje nos parece natural, podemos identificar como um passo importante no movimento da civilidade: a consciência de que é possível se esquecer de uma pessoa e, por outro lado, o desejo de manter a lembrança viva e de não se esquecer da pessoa, revela a psicologização a que foram submetidas as relações humanas. Assim, a poesia e o diário constituem formas de apropriação do espaço interior. Era necessário um novo grau de civilidade para superar aquilo que hoje descrevemos com um tom até depreciativo, quando citamos a frase 'O que os olhos não veem, o coração não sente' e criar um olhar interno, reservar um espaço interno para a memória, ao mesmo tempo em que aumentar o grau de divisão da pessoa, ou seja, entre o eu-interior e o eu-exterior.

Assim, os amigos do casal Delitsch deixaram uma marca pessoal no papel. Em vez de expressar impulsivamente suas emoções, preferiram documentá-las, levando o papel para casa, onde podiam pensar e repensar o que escreveriam e desenhariam - e, em última instância, que tipo de imagem de si mesmos deixariam para os amigos. Novamente, a paixão e o sentimento são sublimados e se mostram em forma de versos, cabelos e flores desenhadas, ornamentando o papel. O conteúdo do escrito e dos versos colecionados é de menor importância. O conteúdo é repetitivo, em alguns casos, até de uma simplicidade banal, citando um verso de um poeta. Mas é o desejo de se manter viva a memória por um lado, e a necessidade que o casal Delitsch, em especial a Sra. Delitsch, sentia em manter, colecionar e guardar essas folhinhas com tanto carinho, levando a uma verdadeira acumulação do arquivamento do EU e do NÓS, ao mesmo tempo que revelando uma época de sensibilidades refinadas.

## 6 O ARQUIVAMENTO DO EU - UMA TENTATIVA DE INTERPRETAR O NÃO DITO

Wir haben die Nacht auf ruhigem Boden herrlich geschlafen, wir sind gesund und außer aller Gefahr, aber ... ich mag im Augenblick nicht mehr schreiben.-	Dormimos bem, maravilhosamente bem, o chão não oscilava, estamos com saúde e fora de perigo, mas ... no momento não consigo mais escrever.-
--	---

É com essas palavras que Hugo Delitsch comenta sua chegada em terras brasileiras no dia 05 de janeiro de 1859, ao mesmo tempo em que finaliza sumariamente seu relato de viagem da Alemanha para o Brasil, concluindo o último de seus quatro volumes de diários, que cobriram os anos de 1844 até janeiro do ano 1859. Jamais retomou a escrita do arquivo pessoal. De sua vida no Brasil, restam apenas documentos de natureza pública, tais como receitas e pequenos manuais caseiros, orientando seus leitores em caso de doença ou problemas de saúde em geral.

Data, por exemplo, do ano de 1863, um livrinho intitulado "Haus-Apotheke. Gute Ratschläge für die Herren Familienväter zusammengestellt von der Apotheke und Drogenhandlung von Hugo Delitsch."<sup>1</sup>

Vários anos mais tarde, aparece um documento publicado pela farmácia Delitsch, na época já dirigida pelo filho do imigrante Delitsch, Hugo Delitsch Jr.. Este mantém as tradições do pai, não somente cuidando da farmácia que se estabelece como a maior do ramo na cidade, mas publicando também, com uma certa frequência, pequenos Almanques que contêm receitas caseiras contra problemas

---

<sup>1</sup> A farmácia caseira. Conselhos úteis para os Senhores Pais de família, colecionados pela farmácia e drogaria de Hugo Delitsch. Arquivo Histórico de Joinville, Pasta 257, Documento 1.3.65.

do dia-a-dia. Num desses Almanques, Hugo Delitsch Jr. oferece-nos -já em português- uma breve descrição do desenvolvimento da farmácia fundada pelo pai:

'Pharmacia Delitsch'

Com a denominação acima, há sessenta anos, meu Pae fundou esta pharmacia e drogaria. Pequeno a principio, correspondendo ao nosso meio ella foi pouco a pouco se desenvolvendo. Joinville ha sessenta anos possuia apenas algumas modestas casinhas, caminhos bem primitivos, dando lhe aquella feição colonial dos tempos que lá se foram. A nossa antiga colonia porém, não estacionou, se desenvolveu, caminhou, progrediu e, com ella, foi também se transformando o nosso estabelecimento. Hoje elle se ostenta sumptuosamente, à rua do Principe, uma das mais bellas da nossa encantadora cidade. O público joinvillense que sempre dispensou a sua estima, pela confiança que deposita na pharmacia, sempre encontrou, a todo momento, desde os tempos antigos até hoje, o lenectivo às suas dores, osunaforte carinhoso que sabemos dar aos que sempre nos procuram. E, pela amizade que tenham os meus amigos e freguezes, dedico-lhes este 'Almanack' que será um pequeno conselheiro às suas necessidades de todos os dias. Joinville, Hugo Delitsch, Brasil<sup>2</sup>

É pois somente a partir deste tipo de documento que podemos ter uma idéia da vida que o imigrante Hugo Delitsch levou no Brasil. Não existe qualquer documento de caráter pessoal ou íntimo como os diários trazidos da Alemanha, tudo indicando que o imigrante realmente tenha parado de escrever com a chegada ao Brasil.

A hipótese de que tenha destruído eventuais escritos pessoais não parece provável por dois motivos: por um lado, Delitsch escrevia já há anos regularmente, sempre conseguindo preservar seus escritos dos olhares curiosos. Era um escritor esmerado, encadernando seus volumes e os guardando em lugar seguro. A destruição de escritos seria uma total contradição de tudo aquilo que já conhecemos dessa pessoa. Ademais, Delitsch, ao chegar no Brasil, expressa claramente a sua vontade de parar de escrever. Provavelmente simplesmente aceitou essa vontade como fazendo parte de sua nova fase de vida que iria se iniciar. Portanto, é somente através de escritos característicos da profissão de farmacêutico que tanto Hugo Delitsch, como mais tarde, seu filho, aparecem no espaço público joinvillense. Outros documentos mostram que tanto pai como filho foram membros de algumas

---

<sup>2</sup> Pasta 257, Documento N° 1.3.68, Arquivo Histórico de Joinville

sociedades, como por exemplo do corpo de bombeiros e da sociedade de tiro ao alvo. Levavam porém, uma vida auto-suficiente dentro de seu pequeno universo burguês transportado da Alemanha para o Brasil. Jamais participaram da política local ou se organizaram alternativamente. Foi o ato de emigração um ato altamente público para Hugo Delitsch, a única vez que ele realmente apareceu como pessoa ativa motivada por sua condição social na Alemanha.

Quanto a sua esposa Emma Anton, de forma semelhante, não há registros de diários, novos livros de poesia ou outros *Stammbuchblätter*. Certamente, a saúde frágil desde dos dias da viagem para o Brasil, contribuiu para essa não participação da vida pública na cidade. Além disso, sua inserção neste novo espaço de vida, possivelmente, aconteceu através dos círculos limitados dos *Kränzchen*, auxiliando seu marido com os negócios da farmácia e como mãe: o primeiro filho do casal nasce já em 1861 e posteriormente assume a farmácia herdada do pai. Ademais, mencione-se seu precoce falecimento, já no ano de 1871.

Resta porém uma pergunta: Por que Hugo Delitsch, que durante anos escreveu detalhadamente cenas de sua vida, suas emoções, seus amores, suas aflições e dúvidas vitais, enchendo páginas e páginas, pararia de escrever tão repentinamente, nunca mais retomando a atividade que marcara sua vida até então?

Só podemos entender esta ruptura se consideramos o diário como uma expressão da cultura burguesa do século XIX e não apenas como fonte de informação.

Nesse sentido, o diário tem que ser visto como uma prática educativa, como enfatiza Angelika LINKE (1996), que classifica os diários pessoais, cartas e álbuns de poesia como formas verbais de (auto-) interpretação de experiências burguesas no século XIX. Ao mesmo tempo, representam importantes mecanismos de distanciamento da classe burguesa do século XIX, já que essa não conseguia mais se diferenciar através dos parâmetros clássicos, tais como origem, formação e nível econômico:

Der Stadtbürger der frühen Neuzeit, dessen Privilegien meist an Vermögen und ökonomische Leistungsfähigkeit gebunden waren (...), beeinflusst zwar noch bis ins zweite Drittel des 19. Jahrhunderts die Vorstellung vom Bürger, andererseits wird dieses Bild aber gegen Ende des 18. Jahrhunderts durch das Bild vom Wirtschaftsbürger (...) sowie durch das des Bildungsbürgers konkurrenziert und im Verlauf des 19. Jahrhunderts schliesslich abgelöst.<sup>3</sup> (LINKE, 1996, p. 19)

É este novo perfil da burguesia que sugere uma mudança de foco: de ver os documentos pessoais menos como uma fonte cuja autenticidade ou veracidade se quer comprovar, e mais como elemento integrante da formação do *Bildungsbürgertum*, do burguês de formação intelectual, dando-nos uma visão de seus códigos de comportamento e de moral. É nesse contexto que a autora fala em uma codificação verbal da experiência burguesa. O diário, em especial, coloca-se diante de nós como uma prática educativa entre outras existentes no século XIX.

Portanto, o diário constitui uma linguagem, não somente um simples suporte material da escrita. Ambos, a linguagem verbal e a linguagem não verbal (no caso da linguagem iconográfica exemplificada no capítulo 5) simbolizam a mentalidade da cultura burguesa do século XIX. Essa cultura específica da linguagem revela-se não somente em situações concretas do dia-a-dia, as quais exigiam um certo nível de comunicação, mas sobretudo nas auto-imagens idealizadas da existência burguesa. Nesse sentido, o diário é o espaço onde se cria uma auto-invenção, onde é possível a criação de sua vida privada. O diário portanto não constitui uma fonte no sentido convencional do termo, mas tem que ser lido como expressão e criação de uma cultura e de um grupo social.

---

<sup>3</sup> O cidadão urbano do início da idade moderna, cujos privilégios estavam diretamente ligados aos seus bens e sua capacidade econômica (...), ainda influencia a imagem que se tinha da burguesia até meados do século XIX; por outro lado, no final do século XVIII essa imagem está sendo substituída pela imagem do burguês bem sucedido em transações econômicas (...) e, mais tarde, pela imagem do burguês com formação intelectual.



Assim, a linguagem ganhou o papel da auto-encenação e da diferenciação de um grupo social - a burguesia do século XIX. E na medida em que a burguesia se revela como sendo o modelo de formação social, podemos observar um processo de aburguesamento da sociedade e, com ela, uma difusão das formas de representação simbólica no que se refere ao contexto da vida social.

Hugo Delitsch, através de seu diário, criou constantemente seu mundo burguês, transformando, durante anos, tudo que vivia em relato escrito, dando-se conta de seus atos, desejos e deveres enquanto homem protestante e burguês. Sua emigração ao Brasil, fruto de uma idéia que teve seu irmão anos antes, pode ser considerado um ato extremamente público, tirando membros de sua família (irmão e esposa) de sua condição de pequeno burguês ameaçado da proletarização. É um ato que o levará ao palco de sua vida, executado com as mais graves consequências: retira-se de seu mundo, do convívio com seus parentes, de suas condições de vida que ele acreditava não serem possíveis de melhoria mediante suas próprias forças e sua capacidade profissional, para começar uma outra vida. Não estava em causa rebelar-se, como o fizeram os revolucionários dos *Märztag* de 1848, contra a ordem econômica que levava à proletarização de seu grupo social. A sua opção foi o abandono da terra natal. A emigração da Alemanha era o seu projeto de vida, projeto que exigia muita preparação, reflexão e, sobretudo, coragem. No diário, o projeto chegou a ocupar muitas páginas, sendo ele próprio um incentivo para que se casasse; projeto que levou também o casal a cultivar suas caixas de amizade.

Com a chegada ao Brasil, este grande projeto se completou. Hugo Delitsch se via realizado, pois tinha superado as dificuldades das condições cada vez mais existentes em sua terra natal, e estava pronto para entrar numa vida completamente diferente. Valeu-se do tempo da viagem do porto de Hamburgo até a chegada na Bahia de São Francisco para refletir mais uma vez sobre o passado e o futuro. A

chegada, a são e salvo no Brasil deve ter sido um grande alívio, a missão pública, a saída da Alemanha, estava cumprida.

Desta feita, o ato de escrever tinha provavelmente perdido sentido: diferenciar-se de quem através da escrita e do ato de escrever? Auto-encenar os acontecimentos para quem? Nem sabia se iria ter tempo para reler seus escritos trazidos da Alemanha, se iriam servir para alguma coisa. Para que então começar outros escritos?

Não podemos ter certeza, obviamente, de que estes realmente foram os pensamentos de Hugo Delitsch. São interpretações ousadas, mas entretanto, supõem que a decisão de parar de escrever tenha sido um ato de consciência. Pelo fato de Hugo Delitsch ter parado de escrever por um tempo devido a problemas de vista, é bem possível também supor que a parada total no final da estressante viagem para o Brasil tenha sido expressão de um cansaço físico e/ou um agravamento do estado de saúde de seus olhos. Ou, talvez, os dois motivos se complementassem: ao mesmo tempo em que a tarefa de escrever perdia seu sentido, os problemas de visão não ajudaram a estimular a vontade de recomeçar a escritura diária.

Como conclusão, podemos afirmar que trabalhar com diários como se estes refletissem um desnudamento do humano, é um grande equívoco, fazendo parte de um discurso ingênuo sobre os arquivos privados, os quais não são o espelho do passado ou da intimidade de uma certa pessoa. Um diário, portanto, não é falso, mas tampouco é o reflexo exato da alma: "Assim também, o diário não constitui o espaço de liberdade absoluta em cujo quadro se manifesta uma personalidade estiolada sob o peso das obrigações sociais." (PROCHASSON, 1998, p. 115)

A assim chamada intimidade do diário - como vimos - nada mais é do que a apresentação de si para si, às vezes também para os outros, mas sobretudo, é ela uma criação da identidade pessoal. No caso do autor Hugo Delitsch, seu diário nos se apresenta como a construção de sua identidade pequeno-burguesa; identidade



que era mantida no momento mesmo em que era construída - pelo ato da escrita e da lembrança organizada de si. Desta maneira, as fontes privadas nos asseguram uma mudança de foco, mas não nos ensinam alguma coisa mais verdadeira. Além do que, elas podem certamente nos falar algo diferente sobre os homens em sua história.

## REFERÊNCIAS

ARETIN, K. O. Frhr. von. Biedermeier/Vormärz. Die Geschichte einer unpolitischen Epoche. In: HIMMELHEBER, G.. **Kunst des Biedermeier 1815–1835. Architektur•Malerei•Plastik•Kunsthandwerk•Musik•Dichtung und Mode.** 2. ed. München: Prestel-Verlag, 1989. p.11-19.

ARIÈS, P. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Ed.). **História da vida privada (3): Da Renascença ao Século das Luzes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.7-20.

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.9-34, 1998.

ARAÚJO CAPELO, V. **Mudança e memória: Histórias de vida de mulheres migrantes.** Rio de Janeiro: PUC, 1988.

ARNDT-SCHUG, R. Die Frau des Auswanderers - Wer hat bisher an sie gedacht! **Staden-Jahrbuch**, São Paulo, v. 37/38, p. 30-49, 1989/1990.

BACHELARD, G. **A poética do espaço.** Coleção Os Pensadores XXXVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARNOUW, D. **Anne Frank.** Vom Mädchen zum Mythos. München: Econ&List, 1999.

BARREIRO, J. C. O mal-estar da história: crise e pensamento na historiografia moderna. In: LOPES DA SILVA, Z. (org.). **Cultura histórica em debate.** São Paulo: Ed. UNESP, 1995. p.13-30.

BEDIAGA, B. **Diário do Imperador D. Pedro II.** Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **Die gesellschaftliche Konstruktion der Wirklichkeit.** Frankfurt: Suhrkamp, 1980.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise de discurso.** Universidade Estadual de Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CALLIGARIS, C. Verdades de autobiografias e diários íntimos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.43-58, 1998.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

CORBIN, A. Gebannt im Übergang. In: JEISMANN, M. (Hrsg.). **Das 19. Jahrhundert**. Aufbruch in die Moderne. München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 2000. p.9-21.

DESAN, S. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Nathalie Davis. In: HUNT, L. (org.). **A nova historia cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.63-96.

DIERKE. **Weltatlas**. Braunschweig: Westermann, 1992.

D'INCAO, M. Â. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p.223-240.

DOHRN VAN ROSSUM, G. Die puritanische Familie. In: REIF, H. (Ed.). **Die Familie in der Geschichte**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982. p.61-81.

DÖBLIN, A. **Autobiographische Schriften und letzte Aufzeichnungen**. Olten und Freiburg im Breisgau: Walter-Verlag, 1980.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: Estudo de sociologia. Lisboa: Editora Presença, 1973.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Formação do Estado e civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Tradução do alemão.

FELDHAY BRENNER, R. **Writing as resistance**. Four women confronting the Holocaust. Pennsylvania: [s.n.], 1997.

FENSTERSEIFER WOORTMANN, E. Lembranças e esquecimentos: memórias de teuto-brasileiros. In: LEIBING, A.; BENNINGHOFF-LÜHL, S. (Org.). **Devorando o tempo**. Brasil, o país sem memória. São Paulo: Ed. Mandarim, 2001. p.205-235.

FERRY, L. Modernidade e Sujeito. In: CARRILHO, M. M. (Ed.). **Dicionário de pensamento contemporâneo**. Lisboa: Dom Quixote, 1991. p.235-241.

FICKER, C. **História de Joinville**. Joinville: Ipiranga, 1965.

FISCHER, M. Wer bin ich? **Die Woche**, Berlin, 27 dez. 1998. p.38.

FLOTtau, R. Kriegstagebuch aus Belgrad. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr.16, p.196-198, 1999.

FLOTtau, R. Kriegstagebuch aus Belgrad. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr. 18, p.160-163, 1999.

FLOTtau, R. Kriegstagebuch aus Belgrad. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr. 20, p.266-268, 1999.

FLOTtau, R. Kriegstagebuch aus Belgrad. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr. 21, p. 163-168, 1999.

FLOTtau, R. Kriegstagebuch aus Belgrad. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr. 22, p. 180-181, 1999.

FOISIL, M. A escrita do foro privado. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Ed.). **História da vida privada (3): Da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.331-370.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. [S.l.]: Ed. Vega, 1992.

FOUQUET, C. **Der deutsche Einwanderer und seine Nachkommen in Brasilien 1808 - 1824 - 1974**. São Paulo/ Porto Alegre: Instituto Hans Staden/ Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

FRANKE, B. **Die Kleinbürger**. Begriff, Ideologie, Politik. Frankfurt am Main/ New York: Campus, 1988.

GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

GAY, P. **My german question - growing up in Nazi Berlin**. Yale University Press, 1998.

GAY, P. **Die Macht des Herzens**. Das 19. Jahrhundert und die Erforschung des Ich. München: Siedler Taschenbuch-Verlag, 1999.

GERTZ, R. **O fascismo no Sul do Brasil**: Germanismo, Nazismo e Integralismo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLDHAGEN, D. J. **Hitlers willige Vollstrecker**. Ganz gewöhnliche Deutsche und der Holocaust. Berlin, 1996.

GOMES, Â. C. Nas malhas do feitiço: O historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.121-127, 1998.

GOULEMOT, J. M. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Ed.). **História da vida privada (3)**: Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.371-406.

GRINBERG, L. **Psychoanalyse der Migration und des Exils**. München/Wien: Verlag Internationale Psychoanalyse, 1980.

GUEISSAZ, M. **Le for intérieur**. Paris: Centre universitaire de Recherches administratives e politiques de Picardie, 1996.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, R. Gebremste Herausforderungen. In: KIESOW, R. M.; SIMON, D. (Ed.). **Auf der Suche nach der verlorenen Wahrheit**. Zum Grundlagenstreit in der Geschichtswissenschaft. Frankfurt/ New York: Campus Verlag, 2000. p. 59-70.

HANSEN, C. Die deutsche Auswanderung im 19. Jahrhundert - ein Mittel zur Lösung sozialer und sozialpolitischer Probleme? In: MOLTSMANN, G. (Ed.). **Deutsche Amerikauswanderung im 19. Jahrhundert**. Sozialgeschichtliche Beiträge. Stuttgart: J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1976. p. 9-61.

HÄNTZSCHEL, G. Zur Literatur der Epoche. In: HIMMELHEBER, G. **Kunst des Biedermeier 1815-1835**. Architektur • Malerei • Plastik • Kunsthandwerk • Musik • Dichtung und Mode. 2. ed. München: Prestel-Verlag, 1989. p. 59-64.

HAROCHE, C. **Da palavra ao gesto**. Tradução: Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas: Papirus, 1998. Original francês.

HEER, H. Editorial. In: HEER, H. (Ed.). **Im Herzen der Finsternis**. Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit. Berlin: Aufbau-Verlag, 1997. p. 7-9.

HERKENHOFF, E. **Era uma vez um simples caminho ...** . Fragmentos da história de Joinville. Joinville: Fundação Cultural, 1987.

HUBER, V. **Saudade e Esperança**. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura. Blumenau: Editora da FURB, 1993.

HUNSCHE, C. H. **O ano de 1826 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1977.

KEENE, D. **Travelers of a hundred ages**. The japanese as revealed through 1000 years of diaries. New York: Henry Holt and Company, 1989.

KERMODE, F. Fuga do caos. **Folha de São Paulo**, 06 dez. 1998. Caderno 4, p. 3.

KLEMPERER, V. **Os diários de Victor Klemperer**. Testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista 1933-1945. Tradução: Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Original alemão.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**. A vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1983.

LEITE, M. M. Mulheres e Famílias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 8, n. 16, p.143-178, set. 88/fev.89.

LIMA, C. Morador das Mercês guarda diário que o pai, imigrante alemão, escreveu durante décadas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 ag. 1999. Caderno Nosso Bairro, p.6-7.

LINKE, A. **Sprachkultur und Bürgertum**. Zur Mentalitätsgeschichte des 19. Jahrhunderts. Stuttgart/Weimar: Verlag J.B. Metzler, 1996.

MACKNOW LISBOA, K. "Reise in Brasilien" - Bilder der Natur und Skizzen einer Zivilisation. **Staden-Jahrbuch**, São Paulo, v. 42, p.47-67, 1994.

MACKNOW LISBOA, K. **A nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MAGALHÃES, M. D. B. de. Mãe pátria distante. **História e Perspectivas**, Uberlândia, v. 8, p. 73-86, jan./jun. 1993.

MAGALHÃES, M. D. B. de. **Pangermanismo e Nazismo**. A trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise de discurso**. Campinas. SP: Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.

MALZAHN, C. C. Big Brothers kleiner Bruder. **Der Spiegel**, Hamburg, Nr. 44, p. 136-138, 1999.

MALUF, M. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARTIN-FUGIER, A. Os ritos da vida privada burguesa. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (Ed.). **História da vida privada (4)**: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.193-262.

MESENHÖLLER, P. Der Auswandererbrief. Bedingungen und Typik schriftlicher Kommunikation im Auswanderungsprozeß. In: ASSION, P. (Ed.). **Der große Aufbruch**. Studien zur Amerikaauswanderung. Hessische Blätter für Volks- und Kulturforschung, Marburg: Jonas-Verlag, 1985. p.111-124.

MESENHÖLLER, P. "Auf, ihr Brüder, laßt uns reisen fröhlich nach Amerika." Reisebericht und Reiseliteratur im Kontext der deutschen Amerikaauswanderung des frühen 19. Jahrhunderts. In: BRENNER, P. J. (Ed.). **Der Reisebericht**. Frankfurt am Main: Suhrkamp-Verlag, 1989. p.363-382.

MUSEU da Imigração/ Pinacoteca do Estado. **O olhar e o ficar. A busca do paraíso**. 170 anos da imigração dos povos de língua alemã. São Paulo, 1994. Catálogo.

NERLICH, M. Victor Klemperer - Romanist oder Warum soll nicht mal ein Wunder geschehen? In: HEER, H. (Ed.). **Im Herzen der Finsternis**. Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit. Berlin: Aufbau-Verlag, 1997. p. 35-48.

OXFORD HAMMOND **Atlas of the world**. Oxford, Melbourne, Toronto: Oxford University Press 1993.

PARK, R. Human migration and the marginal man. **American Journal of Sociology**, Chicago, n. 33, p. 881-893, 1928.

PERROT, M. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago.89/set.89.

PIMENTEL PINTO, J. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, A.; BENNINGHOFF-LÜHL, S. (Org.). **Devorando o tempo**. Brasil, o país sem memória. São Paulo: Ed. Mandarim, 2001. p. 293-300.

PROCHASSON, C. "Atenção: verdade!" Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos Históricos**, v.11, p.105-119, 1998.

REICHARDT, P. (Hrsg.). **Der Montag hat mir nicht gefallen**. Das jetzt-Tagebuch. München: Goldmann Verlag, 1998.

REININGHAUS, W. Arbeit im städtischen Handwerk an der Wende zur Neuzeit. In: TENFELDE, K. (Hg.). **Arbeit und Arbeitserfahrung in der Geschichte**. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1986. p.9-31.

RENAUX HERING, M. L. **Colonização e indústria no vale do Itajaí**. O modelo catarinense de desenvolvimento. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

RENAUX, M. L. **O outro lado da história**: O papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

RIBEIRO, R. J. Apresentação: Uma ética do sentido. In: ELIAS, N. **O processo civilizador**. Formação do estado e civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p.9-12.

RICHTER, K. **A sociedade colonizadora hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau**. Florianópolis: UFSC; Blumenau: FURB, 1992.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. Tradução: Maria Appenzeller. Campinas, SP: Papirus Editora, 1995. Tradução do francês.

RODOWICZ-OSWIECIMSKY, T. **A colônia Dona Francisca no sul do Brasil**. Florianópolis/ Joinville: Editora da UFSC, 1992.

SCHELBERT, L.; RAPPOLT, H. **Alles ist ganz anders hier**. Auswandererschicksale in Briefen aus zwei Jahrhunderten. Olten/Freiburg: Walter Verlag, 1977.

SCHNEIDER, A. B. **Povoamento - Imigração - Colonização**. A fundação de Blumenau e Joinville. Joinville: Imprensa Ipiranga S.A., 1983.

SCHNEIDER, A. B. **Memórias (IV) do meu tempo de 'Deutsche Schule'**. A nacionalização do ensino. Joinville: Imprensa Ipiranga S.A., s.d.

SCHÜTZ, L. M. M. Imigração alemã: Processo, Costumes e influências. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO



GRANDE DO SUL, 1., 1974, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Rotermund S.A., 1974. p. 271-318.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SEYFERTH, G. Imigração e Colonização no Brasil. Uma revisão da bibliografia. **Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 3-55, jan./jun. 1988.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Ed.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p.39-62.

STÖLTING, S. **Auswanderer auf alter Zeitungsgrafik**. Bremen: Worpsweder Verlag, 1987.

SUDHAUS, F. **Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien im 19. Jahrhundert**. Hamburg: Hans Christians Verlag, 1940.

TEIXEIRA JR., S. De olho em você. Os usuários têm cada vez menos privacidade nas idas e vindas pela Internet. **Revista Veja**, São Paulo, v. 32, n. 12, p. 68-69, mar. 1999.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p. 401-442.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WATT, I. **A ascensão do romance**. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q.F. Szmrecsányi e Tamás J.M.K. Szmrecsányi. 6. ed. São Paulo: Pioneira Editora, 1989. Tradução do alemão.

WEHLER, H.-U. **Die Herausforderung der Kulturgeschichte**. München: C.H. Beck, 1998.

WHITE, H. **Metahistory**. Die historische Einbildungskraft im 19. Jahrhundert in Europa. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.

WILDT, M. Angst, Hoffen, Warten, Verzweifeln. Victor Klemperer und die Verfolgung der deutschen Juden 1933 bis 1941. In: HEER, H. (Ed.). **Im Herzen der Finsternis**. Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit. Berlin: Aufbau-Verlag, 1997. p. 49-72.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil**. Estudo antropológico dos imigrantes alemães e descendentes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WILPERT, G. von. **Sachwörterbuch der Literatur**. 7., verbesserte und erweiterte Auflage. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1989.

ZUR NIEDEN, S. Aus dem vergessenen Alltag der Tyrannei. Die Aufzeichnungen Victor Klemperers im Vergleich zur zeitgenössischen Tagebuchliteratur. In: HEER, H. (Ed.). **Im Herzen der Finsternis**. Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit. Berlin: Aufbau-Verlag, 1997. p. 110-121.

## FONTES INÉDITAS

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE, SC. **Album de Poesia de Emma Anton.**

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE, SC. **Album de Poesia de Hugo Delitsch.**

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE, SC. **Documentos diversos de Hugo Delitsch. Pasta 257.**

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE, SC. **Documentos Alemão A - J Originais. Pasta.**

DELITSCH, H. **Diários. 06 de Abril de 1844 - 05 de Janeiro de 1859.** Arquivo Histórico de Joinville, SC.

MAGALHÃES, M. D. B. de. **Parte 3 - Síntese dos principais resultados obtidos no desenvolvimento do Projeto de Pesquisa. s/d.**

MÜLLER, K. F. **Diário e livro de anotações da viagem de Bredenfelde (Alemanha) em 14 de 04 de 1858 até 12 de 07 de 1858 quando já se achava 13 dias na Colônia Dona Francisca hoje Joinville.** Arquivo Histórico de Joinville, SC.

## FOTOGRAFIAS

JAHNEL, Claudia R. **Caixa para as folhas do *Stammbuch* de Emma Anton**. 1999. 1 fot.: color.; 15 x 21 cm. Xerox colorido.

JAHNEL , Claudia R. ***Stammbuchblatt* 'Flor'**. 1999. 1 fot.: color.; 15 x 21 cm. Xerox colorido.

JAHNEL , Claudia R. ***Stammbuchblatt* 'Cabelo'**. 1999. 1 fot.: color.: 15 x 21 cm. Xerox colorido.

JAHNEL , Claudia R. ***Stammbuchblatt* 'Despedida'**. 1999. 1 fot.: color.; 15 x 21 cm. Xerox colorido.

JAHNEL , Claudia R. ***Stammbuchblatt* 'Guarda-Chuva'**. 1999. 1 fot.: color.; 15 x 21 cm. Xerox colorido.

JAHNEL , Claudia R. ***Stammbuchblatt* 'Cruz'**. 1999. 1 fot.: color.; 15 x 21 cm. Xerox colorido.